

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Lingüística

**CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS NO PORTUGUÊS DO
CENTRO-OESTE NOS SÉCULOS XVIII-XIX E NO PORTUGUÊS ATUAL**

Dalmo Vinícius Coelho Borges

Brasília - DF
2008



Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas
Programa de Pós-Graduação em Linguística

CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS NO PORTUGUÊS DO CENTRO-OESTE NOS SÉCULOS XVIII-XIX E NO PORTUGUÊS ATUAL

Dalmo Vinícius Coelho Borges

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística.

**Orientadora: Prof.^a Dr.^a Heloisa Maria
Moreira Lima de Almeida Salles.**

Brasília - DF
2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

B732c Borges, Dalmo Vinícius Coelho.

Construções Causativas no Português do Centro-Oeste nos Séculos XVIII-XIX e no Português Atual / Dalmo Vinícius Coelho Borges. – Brasília, 2008.

144 f. ; il.

Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2008.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles.

1. Linguística histórica. 2. Sintaxe diacrônica. 3. Verbo causativo. 4. Língua portuguesa. 5. Região Centro-Oeste - Brasil. I. Título.

CDU: 81-112"17/18"(817)

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação de autoria de Dalmo Vinicius Coelho Borges, intitulada “Construções Causativas no Português do Centro-Oeste nos Séculos XVIII-XIX e no Português Atual”, requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Lingüística, defendida e aprovada, em 27 de junho de 2008, pela banca examinadora constituída por:

Prof.^a Dr.^a Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Salles
Presidente

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Correa Ribeiro Torres Morais
Titular

Prof.^a Dr.^a Enilde Faulstich
Titular

Prof.^a Dr.^a Rozana Reigota Naves
Suplente

AGRADECIMENTOS

A Deus (Pai, Filho e Espírito Santo) e à Nossa Senhora de Guadalupe, pela proteção divina;

à Prof.^a Heloisa Salles, orientadora do “Trio Ternura”, não apenas pelos ensinamentos lingüísticos, mas principalmente por ser um exemplo de profissional ético e de pensamento positivo, que, com muito trabalho, cativa os alunos e mantém viva a esperança de uma UnB cada vez melhor;

à Prof.^a Rozana Naves, nossa madrinha, que nos adotou por um semestre, durante a ausência física de nossa orientadora. Agradeço também pela atenciosa leitura desta dissertação e pelas valiosas observações;

à Prof.^a Marta Scherre, minha candidata à reitora da UnB, “gerativista enrustida”, e companheira de reflexões e debates;

à Prof.^a Cida Torres, pela semana em que estive na UnB ministrando o curso sobre Mudança Lingüística, tão fundamental para o desenvolvimento deste trabalho.

aos componentes da banca examinadora: Prof.^a Cida Torres, Prof.^a Enilde Faulstich e Prof.^a Rozana Reigota Naves, por aceitar prontamente o convite de fazer parte deste trabalho;

a todos os professores que já tive, em especial: Aryon Rodrigues, Hildo Couto, Lucia Lobato (*in memoriam*), Janete Melasso Garcia, Denize Elena, Aila (de matemática), Tia Kátia, Tia Karla e Tia Gilma, além dos acima citados;

à minha família: pai Dalmo, mãe Flora e irmã Amanda, simplesmente por TUDO, tudo mesmo;

à minha avó Paulina, que me ensinou as primeiras letras e números;

aos Coalhos e aos Borges, pela compreensão de minha ausência nos eventos familiares;

a minha eterna namorandinha Aline, bebê linda cut-cut que eu amo bem muitão, minha companheira de mestrado;

à todos da família da namorandinha Aline; que ajudaram e torceram por nós;

aos outros integrantes do “Trio Ternura”: Aline Mesquita (namorandinha) e Elaine Lucas (a reclusa);

aos demais amigos acadêmicos: Adriana Chan, Carolina Queiroz, Daisy Cardoso, Débora Lima, Ducarmo Oliveira, Patrícia Tavares, Poliana Rabelo, Renata Araújo e Shelton Souza.

à Universidade de Brasília - UnB e ao Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas - LIP, o lugar que represento com orgulho;

aos funcionários da Secretaria de Pós-Graduação em Lingüística da UnB;

ao Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC), em especial ao Prof. Antonio César Pinheiro e à historiadora Fabiane Bueno, pela ajuda no acesso ao *corpus*;

à Superintendência de Gestão Técnica da Informação - SGI da Agência Nacional de Energia Elétrica - ANEEL, em especial a Sérgio Frontin, Geraldo Barcellos e Laudimila Marques, pela compreensão, bom-senso e fundamental ajuda na conciliação entre o serviço público e as atividades acadêmicas.

I believe in miracles

I believe in a better world for me and you.

The Ramones

*O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada.
Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.*

Cora Coralina

RESUMO

Esta dissertação trata da sintaxe das construções causativas do português do Brasil (PB), considerando-se dados coletados em textos produzidos na Capitania de Goiás durante os séculos XVIII e XIX e do PB atual. O estudo é desenvolvido com base no quadro teórico da gramática gerativa, adotando-se ainda a perspectiva da mudança lingüística. Na discussão, apresenta-se contextualização sócio-histórica a fim de se evidenciar o contato de línguas na região. Os resultados do levantamento de dados indicam que construções causativas, nos séculos XVIII e XIX, selecionam complemento oracional finito ou infinitivo sem flexão. Nas construções com verbo no infinitivo o *causado* é realizado à direita do verbo tanto como um sintagma sem preposição quanto em uma configuração preposicional, como um dativo, dependendo da transitividade do verbo. No PB atual, identifica-se o uso preferencial da oração infinitiva, com o verbo da oração subordinada com ou sem flexão (em detrimento da oração finita), sendo o *causado* realizado categoricamente sem preposição, o que sugere uma situação de mudança lingüística. Dadas as propriedades das construções causativas examinadas, propõe-se que a reanálise da construção causativa no PB é determinada por mudança paramétrica na codificação do dativo e da modalidade, com implicações para o surgimento da configuração causativa bi-oracional (em substituição à configuração mono-oracional). Por fim, investigam-se as propriedades sintáticas das construções em que o *causado* tem realização nula, com interpretação arbitrária, estabelecendo-se correlação com a transitividade do verbo no infinitivo.

Palavras-chave: construção causativa; complementação; dativo; mudança sintática.

ABSTRACT

This dissertation examines the syntax of causative constructions in Brazilian Portuguese (PB), considering data collected in texts from the Capitania de Goiás produced in the 18th and 19th centuries as well from contemporary PB. The study adopts the generative framework as well as a language change approach. In the discussion, a historical view is firstly provided in order to render explicit the language contact in the region. The descriptive results concerning the data in the 18th and 19th centuries point to the presence of causative constructions selecting both finite and non-finite complements. In the latter the infinitive is non-inflected and the *causee* is syntactically realized on the right of the verb either as a non-prepositional or a prepositional phrase, as a dative, depending on the transitivity of the verb. In the contemporary PB, the construction with the infinitive is preferred, with the infinitive being either inflected or non-inflected, and the *causee* being categorically realized to the left of the infinitive, without the preposition, which points to a situation of language change. Given the grammatical properties of the relevant constructions, it is proposed that the reanalysis of causatives in BP is determined by parametric change affecting the grammatical encoding of the dative function and modality, with implications for the occurrence of the bi-clausal configuration as a substitute for the mono-clausal configuration. Finally, the syntactic properties of the causative construction in which the *causee* is null with an arbitrary interpretation are examined, and a correlation with the transitivity of the embedded verb is established.

Keywords: causative construction; complementation; dative; syntactic change.

LISTA DE ABREVIÇÕES DO *CORPUS*

- (BM) Barão de Mossâmedes: Diário de Viagem
- (DE) Documentos Eclesiásticos:
- (ADS) Autor: Antonio Damazo da Sylva
 - (AMV) Autor: Alexandre Márquez do Valle
 - (APC) Autor: Antonio Pereira Correa
 - (APC2) Autor: Antonio Pereira Correa
 - (DRC) Autor: Domingo Rodrigues Carvalho
 - (GJSG) Autor: Gonçallo José da Sylva Guedes
 - (HMC) Autor: Hieronymo Moreira de Carvalho
 - (JFV) Autor: José de Frias de Vazconcellos
 - (JFV2) Autor: Jose de Frias Vazconsellos
 - (MAV) Autor: Manoel de Andrade Varnek
 - (MSS) Autor: Manoel da Silva Sintra
- (MMP) Matutina Meyapontense: Jornal. Seção Correspondência.

LISTA DE TABELAS

Capítulo 1

Tabela 1 - Línguas indígenas na Capitania de Goiás no séc. XVIII	33
Tabela 2 - Aldeamentos indígenas na Capitania de Goiás no séc. XVIII	33

Capítulo 2

Tabela 3 - Estruturas completivas no PB contemporâneo	64
Tabela 4 Complemento subjuntivo e infinitivo (séc. VXI ao XX)	65
Tabela 5 - Realização do causado em complemento subjuntivo	66
Tabela 6 - Realização do causado em complemento infinitivo	67

Capítulo 3

Tabela 7 - Causado em complementos finitos	74
Tabela 8 - Causado em complementos infinitivos	78
Tabela 9 - Complementos finitos e infinitivos	79
Tabela 10 - Complementos finitos e infinitivos em função da realização do causado	80

Introdução

1. O que são Construções Causativas?	15
2. Dissertação: Motivação, Objetivos e Estruturação	20

Capítulo 1 - Contextualização: Teórica & Histórica

1. Pressupostos Teóricos da Gramática Gerativa	23
1.1 Princípios e Parâmetros	23
1.2 Estudos sobre Mudança Lingüística	25
1.3 Mudança Sintática	26
1.3.1 Lightfoot (1991, 1999)	26
1.3.2 Kroch (2001)	28
1.3.3 Roberts (1993)	29
1.3.4 Como Interpretar a Mudança Sintática?	30
2. Contato de Línguas em Goiás nos Séculos XVIII-XIX	31
2.1 Língua Geral Paulista	31
2.2 Línguas Indígenas	32
2.3 Línguas Africanas	34
2.4 Isolamento Lingüístico	35
3. <i>Corpus</i>	36

Capítulo 2 - Propriedades das Construções Causativas

1. Perspectivas da Gramática Tradicional	41
2. Perspectivas da Gramática Gerativa	45
2.1 A Causativa Românica: o Francês e o Italiano	46
2.1.1 Kayne (1975)	46
2.1.2 Guasti (1996)	49
2.2 A Causativa no Português	55
2.2.1 Perini (1977)	55
2.2.2 Bittencourt (1995)	59
3. Considerações Parciais	68

Capítulo 3 - Construções Causativas no Centro-Oeste

1. Os Dados: Descrição e Distribuição no <i>Corpus</i>	71
1.1 Complemento Finito	72
1.1.1 Causado Lexical	72
1.1.2 Causado Indeterminado	73
1.1.3 Distribuição no <i>Corpus</i>	74
1.2 Complemento Infinitivo Sem Flexão	75
1.2.1 Causado Lexical	75
1.2.2 Causado Nulo	77
1.2.3 Distribuição no <i>Corpus</i>	78
1.3 Complemento Infinitivo Flexionado	78
1.4 Resultados	79
2. Diacronia vs. Sincronia	82
2.1 Complemento Finito: Tendência à Substituição pelo Infinitivo	82
2.2 Complemento Infinitivo: Causativa Românica vs. ECM	84
3. Considerações Parciais	90

Capítulo 4: Interpretação Arbitrária do Causado

1. Fundamentação Teórica	93
1.1 A Categoria PRO na Teoria de Regência e Ligação	94
1.1.1 Categoria PRO	94
1.1.2 Distribuição de PRO	96
1.1.3 Interpretação da Referência de PRO	98
1.2 A Categoria PRO no Programa Minimalista	99
2. Causado Nulo de Interpretação Arbitrária	101
2.1 Propriedades	101
2.1.1 A Transitividade do Verbo Encaixado	102
2.1.2 Restrição Semântica à Interpretação do Causado	104
2.2 Análise	105
2.2.1 A Questão do Inglês e das Línguas Românicas	107
2.2.2 O Estatuto do Causado Nulo	108
3. Considerações Parciais	109
Considerações Finais	111
Referência Bibliográfica	
1. Lingüística	115
2. Sócio-História	118
3. <i>Corpus</i>	119
Anexos	123

Esta dissertação discute aspectos da história do português brasileiro (PB) no Centro-Oeste, mediante estudo de formas lingüísticas colhidas em documentos dos séculos XVIII e XIX, produzidos nessa região, em contraste com a língua falada atualmente. Examinamos a codificação de orações completivas, considerando, em particular, construções causativas que ocorrem com verbos como ‘fazer’, ‘mandar’ e ‘deixar’, dentro do quadro teórico da gramática gerativa.

1. O que são Construções Causativas?

As construções causativas são objeto de estudos gramaticais em diferentes enfoques teóricos. A tradição gramatical define os verbos causativos com base na semântica, como aqueles que indicam uma ação de um sujeito sobre outro agente¹, que é quem diretamente executa a ação sugerida. Em outras palavras, o verbo causativo indica que o agente provoca uma ação e não a efetua ele próprio (cf. Melo 1970: 330). No português, como dito acima, verbos citados como causativos são: ‘fazer’, ‘mandar’ e ‘deixar’².

- (01) Eddie fez o menino comer o bolo.
- (02) Janis mandou as crianças lavarem a louça.
- (03) Nós deixamos Johnny examinar o paciente.

¹ Conforme observado pela Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Torres Morais (c.p.), o uso do termo 'agente' em relação ao argumento que realiza a ação não é adequado, pois pode gerar confusão em relação à tipologia de papéis temáticos, visto que esse argumento recebe papel temático de 'beneficiário' ou 'afetado' pela causação (cf. Guasti (1996); Cap. 2). Ao longo da dissertação, adotamos a denominação 'causado' na referência ao argumento que executa a ação determinada pelo 'causador', em consonância com a observação da Professora, a quem agradecemos pela contribuição.

² Nota-se que verbos como ‘mandar’ e ‘deixar’ não se enquadram exatamente na semântica resultativa, que se associa à noção de causação, embora sintaticamente ocorra em configuração sintática semelhante à do verbo ‘fazer’, considerado um verbo causativo por excelência. Por essa razão, mantemos o grupo com essa constituição, em face do interesse sintático do presente estudo.

Noonan (1985) inclui os verbos causativos e os permissivos no estudo dos predicados manipulativos. O autor diz que eles expressam uma relação entre um agente (ou situação que funciona como causa)³, um causado (*affected*), e a situação resultada, sendo que o causado deve ser um participante da situação resultada. Predicados manipulativos têm como característica típica codificar situações em que o agente tenta manipular o causado a executar alguma ação ou a assumir algum estado. Quando a estrutura lexical da língua permite, os predicados manipulativos podem, adicionalmente, codificar informações sobre a maneira da causação (forçar, persuadir, dizer para fazer, ameaçar fazer, deixar fazer etc), às vezes incluindo um ato ilocucionário⁴.

O autor ressalta ainda que a natureza da relação causativa requer uma ordem temporal específica de causa e efeito, assim, complementos de predicados manipulativos têm tempo referente determinado (*determined time reference* - DTR), i.e., dependentes da matriz, como pode ser percebido nos exemplos seguintes de Noonan (1985: 100):

(04) David ordered Frank to interrogate Roger.

‘David mandou Frank interrogar Roger’

‘Frank interrogar Roger’ deve ser entendido como posterior a ‘David ter dado a ordem’. Isto é, o complemento tem referência num tempo futuro em relação ao tempo referente ao verbo *order*, mesmo se ambos os eventos, ‘ordenar’ e ‘interrogar’, acontecem em um passado relativo ao tempo presente. ‘David’ não pode, por exemplo, mandar ‘Frank’ fazer alguma coisa em um passado relativo ao ato de ordenar:

(05) *David is ordering Frank to interrogate Roger yesterday.

‘David está mandando Frank interrogar Roger ontem’.

³ Quando a causa é uma situação, a sentença pode ser construída por uma estrutura do tipo *because-construction*, em inglês, ao invés de uma estrutura de complemento:

(i) Floyd hit Alice because Zappa forced him.

‘Floyd bateu em Alice porque Zappa o obrigou’.

O significado de (i) pode ser descrito via complementação:

(ii) Zappa forced Floyd to hit Alice.

‘Zappa obrigou Floyd a bater em Alice.

(cf. Noonan 1985: 125)

⁴ Ato ilocucionário: o falante atribui a um enunciado com sentido ou referência uma determinada força: a realização de uma afirmação, oferecimento, promessa, ordem, num determinado contexto. (cf. Austin 1990).

Shibatani (1976), por sua vez, opta por uma definição não baseada na configuração estrutural da expressão, mas sim em uma perspectiva mais cognitiva da percepção do falante, denominada pelo autor de ‘situação causativa’. Essa ‘situação causativa’ é composta de dois eventos: o causador e o causado. O autor diz que há uma relação temporal entre eles, de tal modo que o evento causado realiza-se em um T_2 (tempo dois), ou seja, depois do T_1 (tempo um), que é o do evento causador. Há também uma relação de dependência entre os dois eventos, a saber: a ocorrência do evento causado é completamente dependente da ocorrência do evento causador, o que significa que o primeiro não se verifica num tempo particular, se o segundo não tiver ocorrido.

Deste modo, de acordo com as definições de Noonan (1985) e Shibatani (1976), nos exemplos abaixo traduzidos de Noonan (1985: 126) (cf. 06 e 07), têm-se, no evento causador, ‘Freddie’ e ‘Jim’ como causadores (agentes que funcionam como causa); e, no evento causado (a situação resultada), ‘Compay’ e ‘os escoteiros’ como sendo os causados.

(06) Freddie fez Compay concorrer ao cargo de prefeito.

[Causador]	[Causado]
[Evento causador]	[Evento causado]

(07) Jim mandou os escoteiros montarem a barraca.

[Causador]	[Causado]
[Evento causador]	[Evento causado]

Em algumas línguas, as expressões causativas podem representar a relação causa e efeito através de uma união lexical, por meio do acréscimo de um morfema à raiz do verbo, e são denominadas causativas morfológicas⁵. Abaixo, exemplo da língua amhárico (idioma oficial da Etiópia):

(08) Yimet'al

‘Vir (fut. 3sg masc. subj.)’ = ‘Ele virá’

(09) Yamet'ewal

‘Vir (causa fut. 3sg. masc. obj. 3sg. masc. suj.) = ‘Ele fará vir’

⁵ Para este tema cf. Noonan (1985: 127), entre outros. O exemplo seguinte é deste autor.

Faz-se pertinente esclarecer que as construções causativas morfológicas não fazem parte do escopo deste estudo, que aborda somente as construções denominadas causativas sintáticas.

As construções causativas sintáticas se mostram em diversas e variadas configurações, tanto no português europeu (doravante PE) quanto no português do Brasil (doravante PB). Segundo Mateus et al. (2003: 276), o PE apresenta dois tipos de construções causativas com a oração subordinada reduzida de infinitivo.

O primeiro tipo apresenta o predicado subordinado com o verbo no infinitivo sem flexão: se for intransitivo, aparecerá seguido do argumento externo do verbo (cf. 10); se for transitivo, aparecerá seguido do argumento interno (cf. 11), sendo o argumento externo realizado em uma configuração preposicional, como um dativo. Este tipo de construção é denominado na literatura de causativa românica. Ambas as estruturas podem sofrer cliticização (cf. 12):

- (10) Mandei escrever os alunos.
- (11) Mandei escrever a carta aos alunos.
- (12) a. Mandei-os escrever.
b. Mandei-lhes escrever a carta.

O segundo tipo de construção causativa apresenta o predicado subordinado com infinitivo flexionado na ordem sujeito-verbo (cf. 13a), sem a possibilidade aparente de haver cliticização do argumento externo (cf. 13b-c).

- (13) a. Mandei os alunos escreverem.
b. *Eu mandei-lhes escreverem.
c. *Eu mandei-os escreverem.

Além dos tipos ilustrados acima, o PE apresenta ainda a construção causativa com a oração completiva finita, sendo o predicado subordinado construído com o verbo finito no subjuntivo, conforme ilustrado em (14):

- (14) Eu mandei que os alunos escrevessem a carta.

Com base em trabalhos sobre a causatividade no português (cf. Bittencourt 1995; Andrade 2002, entre outros), pode-se dizer que o PB apresenta dois tipos de construções causativas. A primeira construção possui predicado subordinado com infinitivo flexionado e pronome nominativo (cf. 15), mantendo a ordem sujeito-verbo na oração subordinada.

- (15) a. Eu mandei os alunos escreverem.
b. Eu mandei eles escreverem.

A outra é uma construção idêntica à anterior, distinguindo-se apenas por apresentar o infinitivo não-flexionado (cf. 16).

- (16) a. Eu mandei os alunos escrever.
b. Eu mandei eles escrever.

Sobre o PB, destacam-se algumas diferenças em relação aos padrões descritos anteriormente por Mateus et al, como, por exemplo, a não ocorrência no PB da construção com o argumento externo realizado em uma configuração preposicional, como um dativo, a exemplo do ilustrado em (11); e a pronominalização do causado realizada por meio do pronome nominativo, no PE (cf. 15b e 16b).

Depreende-se também que a construção com complemento subjuntivo é pouco usada no PB, havendo preferência pela oração infinitiva. Este fato é confirmado nos Capítulos 2 e 3, onde serão apresentadas análises mais detalhadas sobre a manifestação das variantes da construção causativa na diacronia do PB.

Diante desse contraste entre o PB e PE, constatamos, porém, não ser possível, neste trabalho, aprofundar a discussão abarcando ambas as variedades do português. Pretendemos, portanto, investigar propriedades dessas construções considerando particularmente seu desenvolvimento na diacronia do PB. Para tanto concentramos o levantamento dos dados em documentos produzidos na antiga região da Capitania de Goiás, atual Centro-Oeste, em vista do interesse em ampliar a documentação a respeito da formação do PB no contexto do projeto “Para a História do Português do Brasil” (cf. Salles 2004b), a fim de se comparar as construções causativas desta época com as do período atual.

2. Dissertação: Motivação, Objetivos e Estruturação

A escolha pelo estudo da língua portuguesa em uma perspectiva diacrônica, dentro da teoria de Princípios e Parâmetros⁶ (Chomsky 1981; 1986; 1995), é motivada pelo fato de, neste tipo de abordagem, ser possível identificar as propriedades paramétricas da língua no período inicial da pesquisa, séculos XVIII e XIX; e, posteriormente, fazer um contraste em relação às propriedades do português atual. Com essa investigação, esperamos identificar e caracterizar a manifestação dos parâmetros, e conseqüentemente, propriedades da Faculdade de Linguagem.

A delimitação do estudo, o português na Capitania de Goiás nos séculos XVIII e XIX, se dá pelo fato de ser considerável o isolamento que caracterizou a região nessa época, minimizado gradativamente a partir do século XX. A hipótese nula é a de que o referido isolamento produziu formas lingüísticas peculiares, o que torna interessante a investigação da história da língua portuguesa nessa região, bem como da história da própria região, que traz elementos significativos para a compreensão da língua, como, por exemplo, o contraste do povoamento da região por índios, europeus e africanos (cf. Salles, 2004b).

Além do levantamento da situação sócio-histórica do contato de línguas na região (cf. Seção 2 do Capítulo 1), constituímos um *corpus* para análise de propriedades das construções causativas (cf. Seção 3 do Capítulo 1).

Os resultados do levantamento de dados no *corpus* indicam que construções causativas, no período examinado, selecionam complemento (oracional) infinitivo (cf. 17) ou finito (cf. 18):

- (17) a. Q^e nenhuâ pessoa q^e seja, enterre, ou **mande** *enterrar* fora do sagrado defunto algum sendo christaó baptizado. (DE-AMV)
 b. Alguns destas minas **mandam** os dias de preceito *trabalhar* aoz seus escravos. (DE-JFV)
- (18) a. **Mandamos** aos reverendos vigarios, qe *façam* notificar a qualquer religioso, para, que dentro entrinta dias despeje da comarca. (DE-GJSG)
 b. **Mando** q^e o reverendo parochó, e capelaens *façáo* o rol doz freguezes obrigado a satisfazer o dito preceito com toda a distincáo. (DE-AMV)

⁶ A teoria será apresentada no Capítulo 1.

No predicado subordinado com verbo infinitivo, identificam-se propriedades distintas quanto à realização do causado no predicado subordinado, que pode ser nulo (cf. 17a), com interpretação arbitrária, ou realizado lexicalmente (cf. 17b); quanto à codificação sintática do causado, que ocorre como um sintagma dativo na oração principal ou à direita do verbo infinitivo, introduzido pela preposição ‘a’; e quanto à forma do verbo no infinitivo, preferencialmente sem flexão.

No predicado subordinado com verbo finito, o verbo ocorre categoricamente no subjuntivo, e o causado pode ser indeterminado (cf. 18a) (co-referencial com OI da matriz ou com interpretação arbitrária), ou realizado lexicalmente por um DP pleno (cf. 18b).

No *corpus* estabelecido, encontramos maior ocorrência de complementos oracionais infinitivos do que finitos. No PB atual, a oração infinitiva também é preferencialmente usada, com ou sem flexão no infinitivo, sendo o complemento finito pouco usual (cf. Bittencourt (1995), Andrade (2002), Borges & Salles (2005), Salles (2007)).

Considerando a (tendência à) perda da oração finita na posição de complemento de verbo causativo, aparentemente consolidada no português do Brasil atual, além da ausência da configuração em (17b), com o causado realizado com um sintagma dativo, é possível postular mudança paramétrica na realização da construção causativa. Diante disto, cabe investigar:

- (i) que propriedades gramaticais determinam a manifestação da construção finita em oposição à infinitiva;
- (ii) que propriedades gramaticais estão sob variação paramétrica em relação à manifestação do dativo;
- (iii) qual a relação entre a fixação de parâmetros e a variação entre complementação finita / infinitiva;
- (iv) que propriedades licenciam a configuração com a interpretação arbitrária do causado;
- (v) outras propriedades estariam relacionadas a esse fenômeno?

Esta dissertação é o resultado da pesquisa que nos propomos fazer a respeito de construções causativas encontradas em documentos históricos da região Centro-Oeste nos séculos XVIII e XIX, que se insere no projeto de pesquisa “O Centro-Oeste na História do Português Brasileiro”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Heloisa Salles. Este trabalho se iniciou no

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC⁷, no período 2004/2005; foi tema de monografia de final de curso de graduação⁸; também propiciou o desenvolvimento de vários estudos apresentados em artigos, pôsteres, comunicações individuais e sessões coordenadas em diversos congressos⁹. Por essa razão, o presente estudo retoma alguns resultados, embora desenvolva novas análises e amplie a base de dados.

A dissertação encontra-se estruturada como a seguir: no Capítulo 1, apresentamos os pressupostos teóricos da gramática gerativa, uma descrição acerca de aspectos sócio-históricos, que permite indicar aspectos do contato de línguas na região da Capitania de Goiás, bem como detalhes a respeito da constituição do *corpus* para esta pesquisa; no Capítulo 2, temos a sistematização de propriedades das construções causativas em diferentes línguas sob a perspectiva da Gramática Tradicional e da gramática gerativa, o que permite estabelecer bases para o estudo da causativa românica e da causativa no português; no Capítulo 3, analisamos as construções causativas no Centro-Oeste do século XVIII e XIX; e no Capítulo 4, discutimos sobre a interpretação arbitrária do causado; por último, são apresentadas as Considerações Finais.

⁷ Cf. Borges & Salles (2005a).

⁸ Cf. Borges (2005).

⁹ Cf. Borges (2007); Borges & Salles (2007a).

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma contextualização da teoria adotada nesta dissertação e do período histórico em que a pesquisa diacrônica se situa. O quadro teórico em que o trabalho está inserido é o da gramática gerativa, mais especificamente o modelo de Princípios e Parâmetros. Discutimos ainda o tratamento dado pela teoria à questão da mudança lingüística. Em seguida tem-se apresentação da sócio-história da região Centro-Oeste brasileira, a fim de se evidenciar o contato de línguas na região, no período dos séculos XVIII e XIX. Por fim, este capítulo traz também informações a respeito de como o *corpus* foi constituído.

1. Pressupostos Teóricos da Gramática Gerativa

1.1 Princípios e Parâmetros

Na segunda metade do século XX, Noam Chomsky fez ressurgir o interesse por um tema que já tinha sido objeto de estudo em séculos anteriores: a questão de haver uma gramática universal¹⁰. Considera-se como marco inicial da teoria chomskiana a publicação de *Aspects of the Theory of Syntax* em 1965, em que o autor se posiciona a favor da existência de toda uma estrutura sintática inata, relativa à língua(gem), tornando clara a hipótese de a “gramática universal corresponder a uma marcação genética na espécie humana” (Chomsky 1998: 8).

¹⁰ As idéias desta Seção 1.1 baseiam-se em duas obras: Chomsky (1986, 1998).

Uma questão acerca do conhecimento humano, denominada Problema de Platão, tem levado muitos pesquisadores a refletir: “como é que sabemos tanto a partir de uma evidência tão limitada?” (Chomsky 1986: 15). Chomsky estende essa questão para os ‘sistemas cognitivos’, particularmente para o estudo da linguagem, surgindo o ponto: qual o “equipamento inato que serve para preencher a lacuna entre experiência e conhecimento atingido?”, sabendo-se que a riqueza dos sistemas cognitivos se desenvolve no indivíduo com base em limitadas informações disponíveis (Chomsky 1986: 16).

Nesta perspectiva, torna-se interessante o estudo da linguagem humana, pois ela é uma verdadeira propriedade da espécie, central relativamente ao pensamento e compreensão humanos. Assim, tenta-se determinar a natureza do equipamento biológico do indivíduo, que é a ‘Faculdade da Linguagem’ humana, “um componente inato da mente/cérebro que dá origem ao conhecimento da língua quando confrontado com a experiência lingüística, que converte a experiência num sistema de conhecimento” (Chomsky 1986: 16).

Cada língua¹¹ é o resultado da atuação de dois fatores: o estado inicial e o curso da experiência. Pode-se imaginar o estado inicial como um dispositivo de aquisição de língua que toma a experiência como ‘dado de entrada’ e fornece a língua como um ‘dado de saída’ – um ‘dado de saída’ que é internamente representado na mente/cérebro (Chomsky 1998: 19).

A natureza dessa faculdade é o tema de uma teoria geral sobre a estrutura da linguagem, que tem como objetivo a caracterização da Gramática Universal (GU). De acordo com essa teoria, a GU contém *princípios* invariáveis e abstratos, que são rígidos e valem para todas as gramáticas, de qualquer língua humana, e *parâmetros*, que são variáveis, podendo assumir dois valores distintos, a depender da gramática de cada língua: podem ter marcação positiva ou negativa, o que distingue as diversas línguas no mundo.

Um exemplo é o Princípio da Projeção Estendida (Chomsky 1986: 126), segundo o qual todos os predicados têm um sujeito. A realização sintática do sujeito, por sua vez, apresenta variação translingüística, a qual é captada pelo Parâmetro do Sujeito Nulo, segundo o qual as línguas podem ser [+ pro-drop], como a maioria das latinas, que admitem o sujeito nulo, ou [- pro-drop], como o inglês e o francês, em que somente o sujeito realizado lexicalmente é gramatical.

¹¹ A língua deve ser compreendida aqui como o modo como falamos e entendemos. A teoria da língua de uma pessoa é chamada de gramática de sua língua e a teoria do estado inicial da faculdade de linguagem é chamada gramática universal (Chomsky, 1998: 20).

A GU deve ser entendida como uma caracterização da Faculdade da Linguagem geneticamente determinada, que pode ser vista como estado inicial desse processo de aquisição da linguagem, que converte a experiência num sistema e conhecimento atingido: conhecimento de uma língua (Chomsky 1986: 23).

A aquisição da linguagem é resultado da interação de condições internas do aprendiz (estado inicial) e condições externas ao aprendiz (o *input*). Assim, basta que o ser humano esteja exposto a uma determinada língua para que, ao receber o *input*, ocorra a marcação paramétrica e, conseqüentemente, a aquisição de sua língua materna. Uma evidência para a postulação da hipótese inatista é o argumento da Pobreza de Estímulo (Chomsky 1986: 15), ou seja, o *input* recebido pelo aprendiz é bastante escasso (pobre), devido a falhas, truncamentos, ‘erros’, interrupções da situação de fala que serve de *input*, até mesmo fatores como perda da linha de raciocínio e problemas de memória contribuem para o enfraquecimento do *input*. Outra evidência a favor do inatismo é o fato de o *input* fornecido para o aprendiz ser incompleto no sentido de que é impossível ensinar todas as sentenças de uma língua. Isso quer dizer que o aprendiz, durante o processo de aquisição de sua língua materna, não aprende a língua, ele a adquire e a desenvolve.

A aquisição de uma língua se parece com o crescimento dos órgãos em geral; “é algo que acontece com a criança e não algo que a criança faz. Embora o meio ambiente importe, o curso geral do desenvolvimento e os traços básicos do que emerge são pré-determinados pelo estado mental” (Chomsky 1998: 23).

Deste modo, define-se como um dos objetos de estudo da gramática gerativa o processo de aquisição da língua e o conhecimento dessa gramática particular, entendida como uma língua internalizada (Língua-I). A Língua-I compreende um objeto mental, a competência gramatical que as pessoas têm de sua língua materna, adquirida no processo natural de aquisição. Difere-se, portanto, da Língua-E, a língua externa, entendida como os enunciados produzidos pelo falante.

1.2 Estudos sobre Mudança Lingüística

Tomando como premissa o pressuposto da existência da Língua-I e da Língua-E, os textos que compõem a matéria-prima da Lingüística Histórica são amostras da Língua-E de uma dada época. O que se pretende, a partir deles, é desvendar a Língua-I dos falantes que os produziram. Assumindo que, num determinado período, a Língua-I dos falantes de uma

comunidade lingüística compartilham suas propriedades, considera-se que a gramática do período em questão tem as propriedades dessa Língua-I. Para inferir a Língua-I de um falante, e da sua época a partir da Língua-E encontrada nos textos desse falante, pode ser adotada a noção de ‘competição de gramáticas’, introduzida por Kroch (2001). A idéia é que a língua-E apresenta características que sugerem a co-existência de propriedades pertencentes a diferentes sistemas gramaticais: “os textos não são a expressão pura da Língua-I adquirida pelos seus autores no seu processo natural de aquisição, mas vêm misturados com elementos produzidos por uma outra gramática, de maior prestígio na comunidade” (cf. Galves 2007: 513).

Para verificar uma possível mudança sintática, pesquisadores têm se voltado para o estudo diacrônico em busca de fatores causadores desse processo¹². Tenta-se, assim, estudando fases de uma dada língua, descobrir qual parâmetro teria passado por fixação diferente e como a aquisição teria proporcionado tal mudança.

1.3 Mudança Sintática

Dentro do arcabouço teórico da gramática gerativa, a mudança sintática está relacionada à aquisição da língua.¹³ Assumindo-se a língua como uma faculdade inata ao ser humano, constituída de princípios universais invariáveis e de parâmetros sujeitos a variações entre as línguas, o estudo da mudança diacrônica está diretamente relacionado à mudança na fixação de parâmetros.

As análises atuais sobre o processo de mudança sintática assumem pressupostos distintos acerca da relação entre causa da mudança e o processo (propriamente dito) da mudança lingüística. Os trabalhos de Lightfoot (1991, 1999), Kroch (2001) e Roberts (1993) ilustram essas diferentes análises.

1.3.1 Lightfoot (1991, 1999)

Mesmo sabendo que a língua é inata ao ser humano, Lightfoot (1991) não descarta o papel do meio ambiente no processo de aquisição da linguagem. A exposição a um

¹² Cf. Salles (2004a).

¹³ Esta seção é baseada nas obras de Lightfoot (1991, 1999), Kroch (2001) e Roberts (1993). O artigo de Cyrino (2007), que traz uma discussão das idéias dessas três autores, e o de Roberts & Kato (1993) também foram consultados.

ambiente lingüístico é necessária para que a criança acione o ‘gatilho’ (*trigger*) e, assim, fixe os parâmetros previstos na Gramática Universal (GU). Assim sendo, pode-se afirmar que a língua surge da interação da predisposição inata com a exposição aos dados de fala da comunidade lingüística em que a criança estiver inserida.

Considerando a relação entre aquisição e mudança lingüística, Lightfoot (1991) propõe que o aparecimento de uma inovação sintática em uma língua não é causado por uma mudança interna à gramática da língua (endógena ao sistema). A mudança sintática é o resultado da exposição da criança (o aprendiz de língua materna, pressupondo-se condições normais de aprendizagem) a novas experiências lingüísticas, em que novas “pistas” (*cues*)¹⁴ estão presentes, o que acarreta uma reanálise em propriedades do sistema da língua. Primeiramente é necessário que ocorra uma mudança na frequência dos dados de uma língua (no *input*) para haja a aquisição dessa nova característica sintática.

Esse pressuposto de ‘aquisição baseada em pistas’ consiste no fato de que as “pistas” não são estruturas universais, elas podem ser entendidas como um fragmento de enunciado, cuja combinação, em contraste com outras “pistas”, corresponde à escala na qual as línguas podem distinguir-se. As “pistas” que aparecem em uma dada língua não necessariamente aparecem em outras, elas podem ocorrer somente em algumas, definindo assim os parâmetros entre as línguas.

Esse modelo baseado em “pistas” constitui-se em uma explicação plausível para o problema da mudança, pois proporciona uma interface entre as mudanças paramétricas e a mudança na frequência de uso de certa forma lingüística, que surge a partir de fatores sócio-históricos e externos à sintaxe.

Assim, a causa da mudança lingüística não é endógena ao sistema da língua. Não há tendências inerentes à sintaxe da língua que a levem a mudar. A gramática muda quando há alteração suficiente nos dados usados pela criança para fixar os parâmetros de sua Língua-I.

Para Lightfoot, a mudança não depende de uma aprendizagem “errada” (conforme defende Kroch, cf. a seguir), mas de mudanças nos dados do *input*. Estes dados podem ser alterados devido a um aumento ou a uma diminuição de frequência de certas estruturas. Assim, ocorre uma redução de uma forma lingüística (um dado) a uma frequência abaixo do limite suficiente para que haja uma aprendizagem, o que muda a experiência que serve de *input* para a criança. Em decorrência disso, pode-se ver uma mudança de gramática, chamada por Lightfoot de mudança catastrófica.

¹⁴ O conceito de *cues* (Lightfoot 1999) é uma reformulação do conceito de *trigger* (Lightfoot 1991).

1.3.2 Kroch (2001)

Partindo do pressuposto inatista e da noção de princípios e parâmetros, Kroch (2001) postula que a mudança lingüística é “uma falha na transmissão de traços lingüísticos através do tempo [...] que parece ocorrer no curso da aquisição; ou seja, uma falha no aprendizado” (p.2). Nessa perspectiva, os dados aos quais as crianças são expostas devem ter um papel central no processo de mudança, ou seja, deve haver algo nos dados que faça com que as crianças não os interprete como seus pais, o que provoca uma mudança na gramática da geração mais nova, que em princípio deveria adquirir a mesma gramática da geração anterior. Portanto, o autor também considera que a mudança lingüística está crucialmente relacionada ao processo de aquisição de língua. A mudança, para o autor, é abrupta, pois se trata de uma mudança paramétrica, que, portanto, apenas pode ser de um valor negativo para um positivo, ou vice-versa, sem “posições” intermediárias.

Um aspecto essencial a ser considerado quando se trata de mudança sintática é o fato de, antes de ela ocorrer, haver um período em que duas formas lingüísticas co-ocorrem e concorrem no mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. Segundo Kroch, como não há evidência de que as línguas variam ou mudam por uma força endógena, é plausível supor que a variação nos dados se dê quando há “competição de gramáticas (ou seja, diglossia sintática) na qual as formas em competição podem se diferenciar no registro social, com uma variante vernacular lentamente substituindo uma variante escrita fora de uso” (Kroch 2001: 6). Para Kroch, quando não há competição desse tipo, a frequência de uso das formas lingüísticas variantes pode permanecer estável por um longo período de tempo.

Kroch (2001) mostra que não é a mudança no uso de certas opções estilísticas ou do sentido de determinadas expressões que provoca a mudança dos dados lingüísticos primários, i.e., a mudança lingüística propriamente dita, mas sim a substituição da antiga gramática pela nova, a partir da situação de diglossia criada pela nova fixação de determinado parâmetro. Essa definição é nomeada “Efeito da Taxa Constante”.

Se a variação sintática corresponde à fixação de parâmetros opostos, as gramáticas em competição são mutuamente incompatíveis. Além disso, a taxa de mudança em diferentes contextos superficiais, refletindo uma única mudança paramétrica, é a mesma. Essa taxa vai mudando devagar na comunidade que está usando um sistema misto de parâmetros. Assim, a gradação das mudanças se dá por causa do efeito dessa taxa.

1.3.3 Roberts (1993)

Roberts (1993) propõe que a mudança sintática acontece de modo gradativo, por meio de pequenas mudanças visíveis, ou seja, estruturas que se tornam menos frequentes, mas não totalmente eliminadas dos dados. Essas manifestações, por sua vez, provocam uma Reanálise Diacrônica. A ocorrência de várias reanálises diacrônicas desencadeia a mudança de um certo parâmetro da gramática, e essa mudança paramétrica é, então, catastrófica, no sentido de criar um novo sistema gramatical.

Roberts (1993) propõe, assim, três fases distintas dentro da teoria da mudança:

a) Passos: fase em que uma estrutura começa a ser mais usada do que outra, porém, o sistema gramatical ainda admite ambas;

b) Reanálise Diacrônica: fase em que uma dada estrutura sofre uma redução significativa de frequência e passa a ser interpretada de modo diferente da qual era interpretada anteriormente;

c) Mudança Paramétrica: ocorrerá através de sucessivas Reanálises Diacrônicas, provocando a refixação do valor de um determinado parâmetro da língua, i.e., tornando agramatical a expressão lingüística do valor paramétrico inicial.

O autor postula que a Reanálise Diacrônica é orientada pela “estratégia do menor esforço” no processo de aquisição. Assim, as estruturas menos marcadas seriam as “procuradas” pelas crianças na aquisição de uma língua. Para o autor, a fixação não-marcada de parâmetros corresponde à marcação “fraca”, no sentido de que não induziria à ocorrência de movimento sintático. Inversamente, “traços fortes correspondem a uma estrutura marcada, pois estaria relacionada a movimento, e uma estrutura envolvendo movimento é mais complexa para o aprendiz do que uma estrutura não envolvendo movimento” (cf. Cyrino 2007: 365).

Deste modo, o autor afirma que a mudança diacrônica, i.e., a refixação de um parâmetro, teria a tendência de realizar-se com a manifestação de traços fracos, como pode ser exemplificado com os casos da história do inglês e do desenvolvimento do crioulo haitiano, em que ambos apresentam enfraquecimento da concordância e perda de movimento de verbo.

1.3.4 Como Interpretar a Mudança Sintática?

Apesar de haver um consenso sobre a relação entre mudança lingüística e aquisição de línguas, há divergências sobre a forma como a criança interpreta os dados a que é exposta.

Lightfoot (1999) propõe que a mudança sintática não é causada por motivos internos à língua, é sim o resultado da exposição da criança a novas experiências possuidoras de novas “pistas” (*cues*), o que leva a uma reanálise. Há uma mudança na frequência dos dados que acarreta a aquisição da inovação sintática pela criança. Divergentemente de Lightfoot, Kroch (2001) propõe que a mudança sintática se inicia com uma alteração na gramática, que culmina em uma mudança na frequência dos dados. A mudança na gramática é causada pela transmissão imperfeita da língua entre gerações de falantes. Roberts (1993) propõe que a Reanálise Diacrônica é orientada pela característica de simplicidade da Gramática Universal, pela qual há um favorecimento da mudança paramétrica e da refixação de parâmetros que geram representações relativamente simples, se comparadas a outras possibilidades mais complexas, como aquelas que envolvem movimento, por exemplo.

Por fim, um questionamento que se levanta é como interpretar essa mudança lingüística que é visível nos textos diacrônicos? De acordo com Galves (2004), duas hipóteses surgem para tentar esclarecer esse questionamento: a primeira é de que a mudança é gradual nos textos porque a mudança paramétrica é o fim de um processo que envolve sucessivamente mudança de frequência de uma determinada construção, reanálise dessa construção, e enfim mudança gramatical (cf. Roberts 1993; Lightfoot 1999). A segunda hipótese é que o que vemos nos textos não é a mudança em si, mas suas conseqüências: a tensão, no desempenho escrito dos falantes, entre a gramática nova e a gramática antiga, aquilo que Kroch (2001) denomina ‘Competição de Gramáticas’.

A seguir, apresentaremos o contexto sócio-histórico da região central do Brasil durante o século XVIII. Consideramos o português dessa região e período como sendo o ponto de partida da investigação lingüística, que servirá de base para comparação com o PB atual, a fim de se verificar possíveis mudanças sintáticas.

2. Contato de Línguas na Capitania de Goiás nos Séculos XVIII-XIX

Amplia-se na lingüística brasileira o interesse pela lingüística histórica na sua acepção mais ampla, a de abarcar não só a “história interna” das línguas, i.e., as mudanças lingüísticas no interior das estruturas ao longo do tempo, mas também a sua “história externa”, ou seja, os contextos sócio-históricos em que essas mudanças se processaram (cf. Mattos e Silva 2004: 29). Segue-se, portanto, estudo preliminar sobre a “história externa” da língua portuguesa na Capitania de Goiás, no século XVIII, o que permitirá a identificação de aspectos do contato de línguas, que poderão ser considerados na discussão dos fatores que propiciaram as mudanças diacrônicas identificadas na análise dos fatos da “história interna”.

2.1 Língua Geral Paulista

Em 1532, com a fundação da vila de São Vicente por Martim Afonso de Souza, em pleno domínio tupi, se iniciou a colonização da região Sudeste do Brasil, porém, antes dessa data, já havia portugueses estabelecidos entre os tupis. O grupo de colonos trazidos por Martim Afonso de Souza para São Vicente era composto exclusivamente por homens. Somente em 1537 chegou o primeiro casal português a São Vicente. Mas, mesmo com a chegada de outros casais, o afluxo maior de colonos portugueses continuou sendo de homens sós, que passavam a viver com mulheres indígenas (cf. Rodrigues 1996).

Dessa situação resultou uma população mestiça cuja língua materna era o tupi das mães e também de todos os parentes maternos, já que do lado dos pais, normalmente, não havia parentes consangüíneos. Por muito tempo continuou o idioma das primeiras mães a ser a língua dos paulistas, de modo que em 1694 Antônio Vieira podia fazer a sua tão citada observação de que:

... ainda nesse fim do século XVII é certo que as famílias dos Portugueses e Índios de São Paulo estão tão ligadas hoje umas com as outras, que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos Índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender à escola...

(Vieira 1951: 355 *apud* Rodrigues 1996).

Os índios tupis de São Paulo foram sendo extintos e sua língua passou a reproduzir-se essencialmente como idioma dos mestiços, i.e., dos mamelucos, mesmo quando já não

mais havia indígenas (não-mestiços) nas famílias. A situação lingüística das famílias de portugueses casados com mamelucas devia então ser basicamente a mesma das famílias constituídas por mamelucos e mamelucas: falava-se correntemente a língua geral e apenas o marido e, a partir de certa idade, os filhos homens eram bilíngües em português. Nessa situação, a língua que falavam os paulistas já não mais servia a uma restrita sociedade indígena, mas à sociedade dos mamelucos.

Tal língua, generalizada na população paulista de meados do século XVII a meados do século XVIII, se chamou, em São Paulo, de Língua Geral Paulista (LGP). O espaço geográfico dessa língua geral se estendeu consideravelmente no século XVII com a expansão paulista decorrente da ação das bandeiras de mineração e de captura de índios. Os bandeirantes, que eram em sua maioria, senão em sua totalidade, falantes de LGP, levaram-na consigo de São Paulo a Minas Gerais, Paraná, Mato Grosso e Goiás¹⁵.

2.2 Línguas Indígenas

O primeiro europeu a pisar na região de Goiás foi Sebastião Marinho em 1592. Nos anos seguintes surgiram outras expedições de penetração ao interior do Brasil em decorrência da atividade da caça ao índio, procurado como mão-de-obra. Nesse momento, a grande expedição que ocorreu foi a dos paulistas Bartolomeu Bueno da Silva Filho, João Leite Ortiz e Domingos do Prado, que, saíram de São Paulo em 1722 e descobriram as lavras de ouro em Goiás, voltando a São Paulo três anos depois, em 1725 (cf. Brasil 1961: 34).

Devido ao descobrimento do ouro, à expansão do bandeirismo e à catequese jesuítica, estabeleceu-se uma rota de penetração na região central do Brasil. Porém, essas penetrações não se constituíram na colonização da região, eram apenas incursões de reconhecimento das possibilidades econômicas da região, por meio da coleta de ouro e de apresamento de índios (Palacin 1972: 18). Daí a LGP entra em contato com as línguas dos povos indígenas que habitavam a região.

As tribos indígenas encontradas em Goiás, na época das entradas e bandeiras, eram a dos Akroá, Amadu, Apinayé, Araé, Araxá, Canoeiro, Crayá, Crixá, Goyà, Gradaú, Karajá, Kayapó, Kururu, Mangariruba, Tapirapé, Temesseu, Xacriabá, Xavante e Xerente (cf. Chaim 1974: 52-6). Esses índios eram falantes de línguas indígenas dos troncos lingüísticos Tupí e Macro-Jê, distribuídas conforme sistematização a seguir (cf. Rodrigues 2002):

¹⁵ Anexo 1: A figura do caminho da mais famosa bandeira de Bartolomeu Bueno Filho, o Anhangüera, entre os anos de 1722 e 1725 pelas terras de Goiás (cf. SILVA 2002: 76).

Tronco	Família	Língua
Macro-Jê	Jê	Akroá, Apinayé, Kayapó, Xacriabá, Xerente, Xavante
	Karajá	Javaé
Tupí	Tupí-Guaraní:	Avá Canoeiro, Tapirapé

Tabela 1 – Línguas indígenas na Capitania de Goiás no século XVIII.

Infelizmente ainda não se têm dados muito consistentes a respeito de todas essas línguas, pois o tronco Macro-Jê é ainda hipotético. Isto torna difícil qualquer trabalho de investigação da influência dessas línguas no português.

Um fator que contribuiu para o contato de línguas em Goiás foi a política de aldeamento indígena, realizada pelo governo da província. Essa política era uma tentativa de contornar problemas na colonização da região pelos europeus, como o da escassez de mão-de-obra e o enfrentamento com os índios (cf. Chaim 1974: 103).

Na tabela 2, são apresentados dados relativos aos aldeamentos indígenas na Capitania de Goiás no século XVIII:

Aldeamento	Índios	Nº de índios	Data de constituição	Duração
São Francisco Xavier (Duro)	Xacriabá, Akroá	1.200	1751	5 anos
São José (Formiga)	Akroá	250	1755	2 anos
São José de Mossâmedes	Akroá, Xavante, Karajá, Kayapó	8.000	1755	50 anos
Nova Beira	Karajá e Javaé	800	1775	5 anos
Maria I	Kayapó	412	1780	33 anos
Carretão	Xavante	2.200	1788	?

Tabela 2 - Aldeamentos indígenas na Capitania de Goiás no séc. XVIII (Chaim 1974: 101).

Esses aldeamentos indígenas, sejam eles realizados pela administração jesuíta ou sejam realizados pela administração imperial, propiciaram o contato entre as línguas indígenas, a LGP e a língua portuguesa.

2.3 Línguas Africanas

Enquanto o século XVII e início do século XVIII representaram uma etapa de reconhecimento e análise das possíveis explorações econômicas da região Centro-Oeste, no final do século XVIII e no século XIX, estabeleceu-se a sua efetiva ocupação através da mineração, o que proporcionou o contato entre diversas línguas indígenas, de escravos e a língua portuguesa do europeu.

O achado do ouro promoveu a fixação do homem ao território goiano e o lançamento das bases da colonização portuguesa no Centro-Oeste. A região passou a funcionar como área fornecedora de metais preciosos à metrópole. As descobertas auríferas propiciaram elevado afluxo populacional à região.

Segundo Mattos e Silva (2004: 36), é elevado o contingente populacional goiano no final do século XVIII (72.657 habitantes), o qual ultrapassava em mais de vinte mil o número de habitantes da cidade de São Paulo (52.206). Contribui para este resultado, além do contingente de índios (29.622, 41%), tanto nativos quanto oriundos da migração litorânea, o considerável número de negros escravos (34.104, 47%), que, de regra, vinham acompanhar seus senhores na corrida pelo ouro.

Castro (2001: 25-48) ressalta que, entre os povos trazidos da África para a região, destacam-se, pela superioridade numérica em relação aos demais, os povos da família lingüística *banto* e *kwa*, ambos de grupos lingüísticos sub-saarianos. Entre os bantos, destacam-se, pela duração e continuidade no tempo de contato direto com o colonizador português, três povos¹⁶: a) bacongo, falantes da língua quicongo, provenientes dos atuais Congo, Gabão, Zaire e Angola; b) ambundo, falantes de quimbundo, concentrados principalmente em Angola; c) ovimbundo, falantes de umbundo, localizados numa vasta região da costa oeste africana.

Em mais de três séculos de escravidão no Brasil, essas línguas africanas influenciaram a língua portuguesa em certos aspectos. De acordo com Castro (2001), no léxico, verificam-se palavras africanas incorporadas pelo português (samba, xingar, muamba, tanga, sunga, jiló, maxixe, berimbau, capanga, banguela, cachaça, cachimbo, fubá, gogó, mocotó, cuíca etc). Na fonologia, o sistema de sete vogais orais /a/, /ɛ/, /e/, /i/, /o/, /ɔ/, /u/ e a estrutura silábica (CV.CV) (consoante vogal.consoante vogal) do português são semelhantes

¹⁶ Anexo 2: Mapa da distribuição do contingente africano no Brasil, em função da origem étnico-lingüística (Castro 2001: 47).

às das línguas africanas. Esse tipo de aproximação casual, mas notável, provavelmente possibilitou a continuidade do tipo prosódico de base vocálica do português antigo na modalidade brasileira, afastando-a, portanto, do PE, de pronúncia mais consonantal.

Tais observações são corroboradas por Mattos e Silva (2004), para quem uma possível influência das línguas africanas no português estaria na “conservação”, no Brasil, do sistema vocálico português pré-setecentista, que não seria explicado somente pelo argumento tradicional do conservadorismo, mas poderia ser associado aos sistemas vocálicos das línguas *banto* e *kwa*¹⁷. Estudos mais aprofundados são necessários para identificar eventuais influências no nível morfológico e/ou sintático.

2.4 Isolamento Lingüístico

A partir do século XIX, a população da região Centro-Oeste começou a declinar progressivamente, em consequência de certos fatores econômicos, sendo o principal a ausência de novas descobertas de minas de ouro. Em decorrência disso, houve uma diminuição da quantidade de escravos, que levaram suas línguas para outros locais do Brasil onde ainda havia extração mineral.

Assim, um novo tipo de povoamento se estabeleceu a partir do final do século XVIII, sobretudo no sul da capitania, onde campos de pastagens naturais se transformaram em centros de criação. Para tal expansão houve a necessidade de tomar dos índios as áreas sob seu domínio, o que acarretou o quase total desaparecimento dos falantes das línguas ameríndias.

Com o fim da mineração e o extermínio dos índios, houve a cessação do fluxo de bandeirantes, e sua LGP, para a região, pois estes foram buscar ouro e índios em outras regiões. Porém, em meados do século XIX, um novo tipo de povoamento do Centro-Oeste foi estabelecido através de duas vias de penetração na região: a de “cima”, originária da região Nordeste, com criadores de gado que se espalharam pelo oeste da Bahia, através do rio São Francisco, penetrando nas fronteiras de Goiás; e a de “baixo”, originária de São Paulo, de Minas Gerais e da região Sul, que penetrou no território goiano através dos antigos caminhos da mineração, estabilizando-se no Sudoeste da capitania (cf. Palacin 1972).

¹⁷ Agradecemos à Prof.^a Dr.^a Enilde Faulstich (c.p.) pela observação de que o sistema vocálico do português consolidou-se no seu desenvolvimento em relação ao latim no período arcaico que antecedeu a situação descrita.

Outra característica do povoamento de Goiás foi a dificuldade de comunicação com as outras regiões brasileiras, o que refletiu negativamente sobre o fluxo migratório na região. Devido às enormes distâncias que separavam a província dos portos do litoral e à sua pobreza para construir vias de acesso à região, Goiás e sua comunidade lingüística ficaram relativamente isoladas do restante do país.

Esse isolamento lingüístico, após tanta movimentação populacional em que várias línguas co-habitaram o mesmo local, torna interessante a realização de uma investigação acerca da língua portuguesa produzida na região. Para tal pesquisa fez-se necessário constituir um *corpus* que retratasse essa língua. A seguir, a apresentação dos critérios e da metodologia adotados para coleta de dados e formação do banco de dados lingüísticos para investigação da história do português no Centro-Oeste do Brasil.

3. *Corpus*

Segundo Castilho (2004), um *corpus* é uma coleção de textos, que têm por objetivo retratar as línguas na sua vida real. Em se falando da língua portuguesa, significa que um *corpus* deve ser sensível às variedades lingüísticas regionais (Português Europeu, Português Africano, Português Brasileiro); às variedades mediáticas (Português Falado, Português Escrito); às variedades socioculturais (Português Padrão, Português Não-padrão); e assim por diante.

Outros fatores também são relevantes e devem ser considerados na formação do *corpus*, pois contribuem no entendimento da língua do período, como, por exemplo, a nacionalidade do “escrevente” (brasileira, portuguesa etc); o caráter do texto (literário ou não-literário); a tipologia do texto (correspondência pessoal, correspondência oficial, diários de viagem, diários pessoais, receitas, testamentos, documentos oficiais jurídicos, documentos oficiais eclesiásticos, relatórios, anúncios de jornais, cartas de leitores, cartas do redator) etc.

Para esta dissertação, que não tem como objetivo formar um *corpus* sobre o português de modo geral, concebe-se o critério geográfico como fator determinante para a constituição de um *corpus* específico¹⁸, i.e., determinou-se a região da antiga Capitania de Goiás, equivalente ao atual Centro-Oeste do Brasil (além de uma pequena parte de Minas

¹⁸ Para a completa referência do *corpus*, consultar Referência Bibliográfica – Seção *Corpus* (p. 119).

Gerais e São Paulo), como a variável lingüística regional do português escrito no Brasil a ser estudado.

Para obter testemunhos que retratassem com a fidelidade possível às normas vernáculas do Português Brasileiro, buscamos recolher documentos, com a preocupação de assegurar a credibilidade historiográfica dos textos. Para tanto, escolhemos os seguintes documentos para compor o *corpus*: (i) diário de viagem; (ii) documentos oficiais eclesiásticos; (iii) cartas de leitores publicadas em jornal:

(i) Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes¹⁹ (BM) – *fac-símile*.

Título: “Diário 1º da jornada, que do Porto e cidade do Rio de Janeiro fes o Excellentissimo General e Cappitam Governador de Goyaz Joze de Almeysa de Vasconcellos de Soveral e Carvalho, para villa boa capital do mesmo Governo, a constituir-se na posse delle. Por Thomás de Souza, Ajudante das ordens do Governo referido. & Diário 2º da Marcha, Inspecçoens, e Providencias, que o Excelentíssimo General effectuara na vizita geral de toda a Capitânia de Goyáz. Pello mesmo autor”. Data: 1771 a 1773.

(ii) Documentos eclesiásticos (DE)

Título: “Copia dos capítulos da primeira e última vizita que fez o Doutor Alexandre Marquez do Valle, vizitador que foi destas minas de Goiás. Termos de visitas pastorais, cartas pastorais, provisões, certificados, editais etc. Goiás”. (transcrição de manuscrito em cópia datilografada, xerografada e encadernada em espiral). Data: 1734-1764.

Para a transcrição deste texto, foram utilizados pela equipe do Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEH-BC), os seguintes critérios, segundo as “Normas Técnicas para Transcrições e Edição de Documentos Manuscritos”²⁰: a) a divisão paragrafíca foi obedecida; b) a acentuação foi mantida conforme o original; c) a pontuação original foi mantida; d) as letras maiúsculas e minúsculas foram mantidas tal qual no manuscrito; e) a ortografia foi mantida na íntegra, não tendo se efetuado nenhuma correção ou atualização gramatical; f) as palavras de leitura duvidosa foram transcritas entre colchetes seguidas de interrogação [...?].

¹⁹ Anexo 3. *Fac-símile* da primeira pagina do diário de viagem, seguido da transcrição.

²⁰ Essas normas não ferem os requisitos firmados por Cambraia; Megale; Toledo Neto (2001) sobre os “Subsídios para a fixação de normas de transcrição de textos para estudos lingüísticos I, II e III” in Mattos e Silva (2001).

(iii) Jornal Matutina Meyapontense²¹ (MMP) – microfilmado.

Título: **MATUTINA MEYAPONTENSE** (1830-1834)

Edições: n° 1 do dia 05 de março de 1830 ao n° 275 do dia 31 de dezembro de 1831. Seção: Correspondência. Impresso na cidade de Meyaponte, da Província de Goiás²² (atual cidade de Pirenópolis-GO) na Typographia de Oliveira.

Estes três conjuntos de textos que compõem o *corpus* da dissertação foram obtidos junto ao IPEH-BC, vinculado à Sociedade Goiana de Cultura (SCG) da Universidade Católica de Goiás (UCG), localizado na cidade de Goiânia – GO.

Também foram identificados outros locais com fontes para a formação do *corpus* do português do Centro-Oeste, que também fazem parte do *corpus* geral do projeto “O Centro-Oeste na história do português brasileiro”, mas que não foram utilizados ainda devido à necessidade de sua comprovação filológica:

a) Na Fundação Cultural Frei Simão Dorvi, na cidade de Goiás – GO, foram encontrados documentos manuscritos originais dos séculos XVIII e XIX: arquivos civis (certidões de nascimento, certidões de casamento, certidões de óbito, petições e demais arquivos jurídicos); textos notariais século XIX; arquivos com os temas: Justiça, ano 1877-1882, Provisões 1787-1809, Cartório 1º. Ofício. Goiás 1792-1799; e documentos diversos não catalogados.

b) No Gabinete Literário Goiano, também localizado na cidade de Goiás - GO, foram encontrados os seguintes tipos de documentos: jornais do início do século XIX; correspondências oficiais do Estado; documentos de 1797 em fac-símile; Censo brasileiro de 1878; Auto de Posse, 1721; Cartas dos Governadores, 1744; Addittamento, 1860, entre outros documentos dispersos não catalogados.

c) Na Coleção “Memórias Goianas”, da Sociedade Goiana de Cultura, estão publicados em formato fac-similar vários tipos de documentos produzidos em Goiás nos séculos XVIII e XIX, distribuídos nos seguintes 16 exemplares publicados entre 1982 e 2003 pela editora UCG.

²¹ Anexo 4. Uma edição completa do jornal Matutina Meyapontense (Impressão do microfilme).

²² A região estudada na dissertação pertenceu até 1749 à Capitania de São Paulo. A partir desta data, tornou-se a Capitania de Goiás. Em 1822, no Império, foi criada a Província de Goiás. Em 1889, na República, passou a ser o atual Estado de Goiás.

Por fim, após apresentado o *corpus*, cabe uma indagação levantada por Rumeu (2006): qual a especificidade do *corpus* que aqui se apresenta em face de um *corpus geral diacrônico* para o estudo da constituição histórica do português brasileiro? Julgamos que, a partir dos textos escritos em terras da região Centro-Oeste brasileira, seja possível contribuir para a caracterização da língua portuguesa que se desenvolveu nos períodos colonial e imperial do Brasil.

Dando continuidade ao estudo, trataremos, no próximo capítulo, das propriedades das construções causativas de modo mais amplo, passando pela visão da gramática tradicional e pela perspectiva da gramática gerativa, com observações a respeito dos diversos tipos de construções em diferentes línguas românicas. Assim, será possível reunir elementos para a discussão das estruturas causativas da região Centro-Oeste nos séculos XVIII e XIX.

Antes de passar para a apresentação e análise das construções causativas encontradas no Centro-Oeste dos séculos XVIII e XIX, faz-se necessário examinar estudos prévios relativos ao tema na perspectiva da Gramática Tradicional (GT) e da gramática gerativa. Como ponto de partida, recorreu-se a compêndios gramaticais da língua portuguesa para levantar a descrição feita sobre o uso dos verbos causativos no português. A análise gerativista vem complementar essas considerações e inserir outros pontos relevantes para a discussão do tema nesta dissertação, como, por exemplo, a questão da distinção de estruturas causativas ditas *Faire-Infinitif* e *Faire-Par*. A exposição relativa à perspectiva gerativa subdivide-se em duas partes, a primeira refere-se à causativa românica no francês e no italiano, com base nos estudos de Kayne (1975) e Guasti (1996), respectivamente; e a segunda refere-se às causativas no PB, de acordo com Perini (1977) e Bittencourt (1995), tanto em uma abordagem sincrônica quanto diacrônica. Ao final têm-se as considerações parciais referentes ao que foi apresentado neste capítulo.

1. Perspectiva da Gramática Tradicional

Foram analisadas, primeiramente, duas gramáticas históricas, a de Said Ali (1964) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, e a do lusitano Augusto Epiphânio Dias (1970) *Syntaxe Histórica Portuguesa*. Em seguida, as gramáticas tradicionais de Celso Cunha & Lindley Cintra (2001), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, e a de Bechara (2004), *Moderna Gramática Portuguesa*, que tratam das causativas ao estudar o modo verbal infinitivo.

Buscamos nestas obras, além da definição de causatividade (como visto na Introdução), outras questões relacionadas com o processo da causativização, a saber: a) a ordem dos constituintes da oração encaixada; b) a realização e interpretação do causado; c) a flexão, ou não, do complemento infinitivo; d) e o uso do complemento no subjuntivo.

Em Said Ali (1964), as causativas são definidas como “combinações verbais”, construídas com os verbos ‘mandar’, ‘deixar’ ou ‘fazer’ seguidos de infinitivo impessoal, às quais se pode juntar um “termo”²³ que exerça a dupla função de objeto do verbo matriz e sujeito do complemento infinitivo:

- (01) Os preceitos positivos que nos mandão seguir o bem, os negativos que nos mandão fugir o mal (Vieira, Serm. 5, 536)
- (02) Mandava prender os juizes e os fazia descer por cordas aos subterrâneos. (Herc., M. de C. 1, 20)

Epiphanio Dias (1970) diz que aos verbos ‘deixar’, ‘mandar’ e ‘fazer’ liga-se um simples infinitivo, sem flexão, cuja função sintática é a de complemento direto daqueles verbos:

- (03) Fariam chover sobre os infiéis as armas de arremeso (Herc., Eur., 273)

Este autor acrescenta que, precedido destes verbos, o infinitivo ativo pode ser tomado em sentido passivo, e nesse caso o executor da ação do infinitivo é introduzido pela preposição ‘por’ ou ‘de’:

- (04) Foy forçado... mandarem-se fazer as cartas *pelos* Secretarios (Sousa, V. do Arc., 1)

Os dois autores acima não fazem menção à categoria gramatical deste “termo”, mas pelos exemplos constatou-se que pode ser realizado por um SN ou por um clítico acusativo (Said Ali 1964) ou ainda por um oblíquo dativo (Dias 1970), porém não se observou nenhuma referência a sua realização nula. Também não foi encontrada referência ao uso do subjuntivo.

Cunha & Cintra (2001) tratam os verbos causativos ‘deixar’, ‘mandar’, ‘fazer’ e sinônimos, e os perceptivos ‘ver’, ‘ouvir’, ‘sentir’ e sinônimos como verbos auxiliares, que se

²³ Denominado nesta dissertação de *causado*. Nenhum dos autores citados nesta Seção utiliza tal denominação.

constroem seguidos imediatamente de infinitivo não-flexionado, ou apenas separado deles por seu sujeito²⁴, expresso por um pronome oblíquo:

- (05) Deixas correr os dias como as águas do Paraíba? (M. de Assis)
(06) Esta viu-os ir pouco a pouco. (M. de Assis)

Porém, ocorre também a forma flexionada do infinitivo, quando entre o auxiliar e o infinitivo se insere o sujeito deste, expresso por substantivo ou pronome oblíquo:

- (07) Domingos mandou *os homens* levantarem-se. (C. Soromenho)
(08) Ele viu-*as* entrarem... (C. Netto)

Os autores admitem a possibilidade de ocorrência desses verbos com complemento finito no subjuntivo. Nesse caso, toda a oração completiva exerce a função de objeto direto do verbo matriz:

- (09) Mandei [que ele saísse...]

Bechara (2004) chama os verbos ‘deixar’, ‘mandar’, ‘fazer’ e sinônimos de “auxiliares causativos”, que, juntando-se a infinitivo ou gerúndio, não formam locução verbal, mas se comportam sintaticamente como tal. Com esses verbos, a norma é aparecer o infinitivo sem flexão (cf. 10), qualquer que seja seu sujeito, podendo, porém, aparecer flexionado (cf. 11). Em ambos os casos, o verbo causativo precede o verbo infinitivo:

- (10) a. Deixai vir a mim as criancinhas.
b. Fazei-os parar.
c. Sancho mandou-lhes erguer de novo os marcos.
(11) E deixou fugirem-lhe duas lágrimas pelas faces.

Para o autor, as construções com infinitivo, de um modo geral, se dividem em dois grupos: a) um, em que o infinitivo tem o mesmo sujeito do verbo matriz (cf. 12); b) outro, em

²⁴ Causado. Idem à nota n° 23.

que o infinitivo tem diferente sujeito em relação ao verbo matriz (cf.13). Os verbos causativos se encaixam nesse segundo grupo (cf. 13a).

- (12) Nós preferimos estudar pela manhã.
(13) a. Eu a mandei sair de casa.
b. Ouvimos a sineta chamar os alunos.

Sobre a realização do sujeito da oração subordinada, Bechara diz ainda que ele pode aparecer posposto (cf. 14a) ou anteposto (cf. 15a) ao verbo encaixado infinitivo. Podem também aparecer realizados lexicalmente por um NP ou por um clítico acusativo (cf. 14b e 15b), com a função de objeto direto da matriz:

- (14) a. O policial fez calar *o assaltante*.
b. O policial fê-*lo* calar.
(15) a. O professor mandou *o aluno* saltar.
b. O professor mandou-*o* saltar.

O autor também prevê a possibilidade de o sujeito do verbo infinitivo²⁵ ser realizado em uma configuração preposicional sob forma de objeto indireto (cf. 16), ou ser constituído por pronome adverbial átono (cf. 17), mesmo essas formas sendo estranhas ao ouvido, hoje em dia:

- (16) a. O professor mandou *ao menino* fazer o exercício.
b. O namoro fez *ao jovem* perder a cabeça.
(17) a. O professor mandou-*lhe* fazer os exercícios.
c. A colega *lhe* deixou ver suas bonecas.

Assim como Epiphanyo Dias, Bechara também menciona que o infinitivo que se segue aos verbos causativos pode ser tomado em sentido passivo, e nesse caso o sujeito da ação do infinitivo é regido pelas preposições ‘por’ ou ‘de’:

²⁵ Causado. Idem à nota n° 23.

- (18) D. João, sem deixar-se vencer *do amor do filho*, nem *dos medos do tempo*, resolveu enviar socorro.

Resumindo, foi encontrado nas gramáticas tradicionais o uso dos verbos causativos associado a um complemento oracional no modo infinitivo, preferencialmente sem flexão, em detrimento ao complemento finito subjuntivo, pouco mencionado pelos autores acima. Sobre a realização do termo que é chamado nesta dissertação de causado, averiguamos que ele se manifesta na forma de um NP, na maioria das vezes, mas também na forma de clítico acusativo ou dativo, e até mesmo por um PP. Destaca-se como relevante o fato de nenhum autor fazer menção à realização nula do causado, e conseqüentemente, à sua interpretação. Por último, a ordem dos constituintes da oração encaixada está relacionada com a realização do causado. Verificamos que, quando ele é um clítico, a ordem é causado+infinitivo; quando o causado é um NP, pode aparecer anteposto ou posposto ao verbo infinitivo, que só se flexiona quando o causado é anteposto. A seguir, a abordagem das construções causativas sob a perspectiva da gramática gerativa.

2. Perspectiva da Gramática Gerativa

Apresentamos agora alguns estudos realizados dentro da vertente teórica da gramática gerativa sobre as construções codificadoras do processo de causatividade. Esta parte se inicia com as apresentações da causativa românica na língua francesa e na língua italiana, respectivamente, com as obras de Kayne (1975), *French syntax: The transformation cycle*, e Guasti (1996), *Semantic restrictions in romance causative and the incorporation approach*. As propriedades identificadas podem ser estendidas às demais línguas românicas, segundo seus autores. Na seqüência, têm-se trabalhos sobre a causatividade no PB, tanto na perspectiva sincrônica quanto diacrônica, apresentados em ordem cronológica: Perini (1977), *Gramática do infinitivo português*, e Bittencourt (1995), *Da expressão da causatividade no português do Brasil: uma viagem no túnel do tempo*.

2.1 A Causativa Românica: o Francês e o Italiano

2.1.1 Kayne (1975)

Kayne discute propriedades das construções causativas no francês e as classifica em dois tipos: *Faire-Infinitif* e *Faire-Par*. As construções chamadas de *Faire-Infinitif* (FI) apresentam as seguintes características:

(i) O argumento externo da oração encaixada é realizado geralmente à direita do verbo infinitivo (cf.19).

(19) On a fait sortir *Jean* de sa chambre.

‘A gente fez sair Jean de seu quarto’²⁶

(ii) Quando o verbo subordinado apresenta como argumento interno um complemento não-preposicionado, ou seja, um objeto direto (neste caso, *un peu de vin*), o argumento externo pós-verbal será precedido pela preposição *à* (cf.20).

(20) a. Il fera boire un peu de vin *à* son enfant.

‘Ele fará beber o vinho a seu filho’

b. * Il fera boire un peu de vin son enfant.

‘Ele fará beber o vinho seu filho’

Dois fatores impedem o uso da preposição *à* neste tipo de sentença: se o verbo subordinado não tiver um objeto direto realizado (cf. 21) ou se já tiver um complemento preposicionado (cf. 22).

(21) *Il a fait partir *à* son amie

‘Ele fez sair ao seu amigo’

(22) *On a fait sortir *de chez lui* *à* Jean-Jacques.

‘A gente fez sair da casa dele a Jean-Jacques’

²⁶ Optou-se por fazer uma tradução das sentenças com a estrutura das causativas românicas no português devido à semelhança com o francês. Nem todas as sentenças possuem uma contraparte em português, como o caso da infinitiva *faire-par*, por exemplo.

(iii) Os clíticos sujeitos são presos ao verbo *faire* (cf. 23a) e não ao infinitivo (cf. 23b). Portanto, a seqüência [clítico + V] não é dominada pelo nóculo V infinitivo, pois, se *faire-V* fosse dominada pelo nóculo V infinitivo, não seria permitido o apagamento do verbo em (24b).

- (23) a. On lui fera boire du vin.
 ‘A gente lhe fará beber o vinho’
 b. *On fera lui boire du vin.

- (24) a. Marie fera danser Jean et fera chanter Paul.
 ‘Marie fará dançar Jean e fará cantar Paul’
 b. Marie fera danser Jean et __ chanter Paul.
 ‘Marie fará dançar Jean e _ cantar Paul’

As construções chamadas *Faire-Par* (FP) são aquelas que possuem, em sua estrutura, a preposição *par* e que estão relacionadas à construção passiva, ou seja, têm comportamento sintático e interpretação semântica semelhantes às orações passivas.

- (25) a. Elle fera manger cette pomme par Jean.
 ‘Ela fará comer esta maçã por Jean’
 b. Cette pomme sera mangée par Jean.
 ‘Esta maçã será comida por Jean’

Este tipo de relação que se dá entre orações FP e passivas não acontece entre construções FI e passivas. Para comprovar que orações FI não se associam às passivas, o autor argumenta que há expressões na voz ativa (cf. 26a) que não são apassiváveis (cf. 26b) e que também não podem ocorrer com FP (cf. 26d), mas ocorrem com FI (cf. 26c). Ou seja, estruturas com FP apresentam mesmo comportamento que estruturas com passivas.

- (26) a. Son fils fera le malade.
 ‘Seu filho fará o doente’ (interpretará, ex. em uma peça de teatro)
 b. *Le malade sera fait par son fils.
 ‘O doente será feito por seu filho’

c. Il fera faire le malade à son fils.

‘Ele fará fazer o doente ao seu filho’

d. *Il fera faire le malade par son fils.

‘Ele fará fazer o doente por seu filho’

Essa mesma relação de restrição na apassivação é percebida quando se tem uma oração em que o objeto é uma parte do corpo pertencente ao sujeito. A oração (27a) está na voz ativa e não pode ser apassivada, como mostra (27b). Essa frase, que é gramatical em uma construção do tipo FI (27c), também não é gramatical com uma estrutura do tipo FP (27d).

(27) a. Jean lèvera la main.

‘Jean levantará a mão’

b. *La main sera levée par Jean.

‘A mão será levantada por Jean’

c. Elle fera lever la main_i à Jean_i.

‘Ela fará levantar a mão a Jean’

d. *Elle_i fera lever la main_i par Jean.

‘Ela fará levantar a mão por Jean’

Outro argumento para relacionar orações passivas às orações do tipo FP é o de que frases com objetos diretos (NPs) de sentido locativo (cf. 28a) não podem sofrer apassivação (cf. 28b). Da mesma maneira, essas frases ficam gramaticais se construídas em uma estrutura do tipo FI (cf. 28c), mas não podem ser encaixadas em estruturas do tipo FP (cf. 28d).

(28) a. Jean quittera ma maison demain.

‘Jean desocupará minha casa amanhã’

b. *Ma maison sera quitée par Jean demain.

‘Minha casa será desocupada por Jean amanhã’

c. Je ferai quitter ma maison à Jean demain.

‘Eu farei desocupar minha casa a Jean amanhã’

d. *Je ferai quitter ma maison par Jean demain.

‘Eu farei desocupar minha casa por Jean amanhã’

Resumindo a idéia de Kayne sobre as construções causativas da língua francesa, tem-se que, nas estruturas FI, se o predicado encaixado contém um NP objeto não-preposicional, o constituinte interpretado como sujeito²⁷ desse predicado é obrigatoriamente precedido pela preposição *à*²⁸ e ocorre à direita do verbo infinitivo, configuração típica de causativas românicas. Nas estruturas FP, a ocorrência da preposição *par* relaciona-se à construção passiva, o que não acontece com a construção FI. Em construções em que há restrição à passiva, a mesma restrição ocorre com FP e não ocorre com FI.

Esse modelo de divisão e classificação das construções causativas do francês em FI e FP, segundo Kayne, estende-se a outras línguas românicas, como o italiano, por exemplo, que será apresentado a seguir, por Guasti (1996). Essa nomenclatura também será adotada para as orações do português dos séculos XVIII e XIX, encontradas no *corpus*, que serão analisadas no próximo capítulo.

2.1.2 Guasti (1996)

Para Guasti, nas línguas românicas, as construções *Faire-Infinitif* (FI) e *Faire-Par* (FP) resultam da incorporação de uma base verbal²⁹ ao verbo causativo, e as propriedades dessas construções dependem da estrutura argumental desse verbo, associada à do verbo causativo.

As construções causativas do italiano, com verbo transitivo, podem ser construídas com duas configurações sintáticas diferentes. A primeira delas é uma estrutura associada ao tipo FI, em que o causado é realizado como um dativo (cf. 29).

(29) Ho fatto riparare la macchina a Gianni.

‘Eu fiz consertar o carro a Gianni’³⁰

²⁷ Causado. Idem à nota n° 23.

²⁸ Kayne postula uma regra que é aplicada para a inserção de *à* (*A-Insertion*). A análise de Kayne adota o sistema de regras que atribui uma descrição estrutural às frases de modo explícito e definido, propondo ainda que tal descrição estrutural (componente sintático) seja interpretável pelos componentes fonológico e semântico da gramática (cf. Dubois 1995).

²⁹ O verbo infinitivo da oração subordinada, segundo a GT.

³⁰ Assim como com o francês, optamos por fazer uma tradução das sentenças com a estrutura das causativas românicas no português devido à semelhança com o italiano.

A outra estrutura está relacionada à construção do tipo FP, em que o causado oblíquo é introduzido pela preposição *da* do italiano (cf. 30), semelhante a ‘por’ em português.

(30) b. Ho fatto riparare la macchina *da* Gianni.

‘Eu fiz consertar o carro por Gianni’

Guasti propõe que o causado dativo é um argumento, enquanto o causado oblíquo é um adjunto. A autora utiliza o teste da anáfora para provar o estatuto de adjunto do sintagma introduzido por *da*, devido à impossibilidade de correferência do anafórico com o causado.

(31) a. Ho fatto riparare la propria_i macchina *a* Gianni_i.

‘Eu fiz consertar o próprio_i carro a Gianni_i’

b. *Ho fatto riparare la propria_i macchina *da* Gianni_i.

‘Eu fiz consertar o próprio_i carro por Gianni_i’

Outra evidência apresentada pela autora para confirmar que o causado é adjunto em FP é o fato de ele poder ser omitido.

(32) Ho fatto riparare la macchina.

‘Eu fiz consertar carro’

A diferença de significado também se constitui em um teste para o estatuto sintático do causado. A frase italiana *prendere la medicina* é ambígua, pode significar tanto ‘ingerir o remédio’, como ‘segurar o remédio’. A causação, i.e., a construção de orações de estrutura causativa com esses significados, pode desfazer essa ambigüidade.

Essa frase (*prendere la medicina*), em uma estrutura causativa FI, apresenta apenas a primeira interpretação (ingerir). Nela, o causado pode ser considerado como o elemento afetado pelo evento causado.

(33) La maestra ha fatto prendere la medicina *al* bambino.

‘A professora fez tomar o remédio ao menino’

Em uma estrutura FP, a frase tem apenas a segunda interpretação (segurar), e o causado não é interpretado como um elemento afetado pelo evento causado.

(34) La maestra ha fatto prendere la medicina *dal* bambino.

‘A professora fez tomar o remédio pelo menino’

Abaixo, na estrutura em que o causado é omitido (cf. 35), apenas a segunda interpretação é possível, aquela em que o causado não é interpretado como o afetado pelo evento causado, sendo apenas adjunto. Portanto, as estruturas (32), (34) e (35) são similares.

(35) La maestra ha fatto prendere la medicina.

‘A professora fez tomar o remédio’

No que diz respeito à diferença semântica entre FI e FP, Guasti faz a seguinte análise. Na FI, o verbo causativo expressa uma relação de três lugares, envolvendo: i) causador; ii) evento causado; e, iii) causado, beneficiário ou vítima da causação (cf. 36).

(36) [I soldati] hanno fatto [pulire le toilette] [al generale].

‘Os soldados fizeram limpar o banheiro ao general’

Dessa frase (36) pode-se depreender o significado de que os soldados querem o banheiro limpo e querem que seja limpo pelo general e não por outra pessoa³¹. O causador é ‘soldados’; ‘general’ é o afetado (o causado); e a ‘limpeza do banheiro’ é o evento causado.

Na construção FP, o verbo causativo expressa uma relação envolvendo apenas um causador e um evento causado. Não há uma relação de afetação. No exemplo em (37), pode-se depreender o significado de que os soldados querem o banheiro limpo, mas não necessariamente querem que seja limpo pelo general. O sintagma ‘general’ não é afetado.

(37) [I soldati] hanno fatto [pulire le toilette] [**dal** generale].

‘Os soldados fizeram limpar o banheiro pelo general’

³¹ Trata-se de significado depreendido pela autora, cuja língua materna é o italiano. A interpretação do significado da estrutura FP, no parágrafo seguinte, também é de autoria de Guasti.

Resumindo e simplificando a idéia de Guasti sobre as construções causativas no italiano, têm-se as seguintes relações estabelecidas entre os elementos no quadro abaixo:

Estrutura	Ex.	Causado	Função	Categoria	Construção de
FI	(cf. 29)	Dativo	Argumento (Objeto Indireto)	PP - introduzido por 'a'	3 lugares
FP	(cf. 30)	Oblíquo	Adjunto	PP - introduzido por 'da'	2 lugares

Após apontar as propriedades sintáticas e semânticas das construções causativas do italiano, Guasti postula que o complemento de *fare* na FI é uma pequena oração VP, encabeçada pelo infinitivo e não inclui projeção funcional (CP e IP). Sabendo-se que, nas línguas românicas, o sujeito é gerado na pequena oração VP à direita do núcleo verbal, Guasti argumenta que o causado ocupa essa posição gerada no predicado encaixado. Essa estrutura é motivada por três fatores:

(i) Itens que tipicamente devem ser associados a projeções funcionais não podem ser encontrados nos complementos causativos (ex.: auxiliares)

(38) *Faro aver riparatto la macchina a Gianni, per domani.

'Farei ter consertado o carro a Gianni, por amanhã'

ii) Dado que um advérbio temporal é licenciado por uma projeção de T, a agramaticalidade de (39) sugere que esta sentença contém somente uma projeção T associada ao verbo causativo.

(39) Ieri ho fatto riparare la macchina a Giani *oggi.

'Ontem fiz consertar o carro a Giani *hoje'

iii) O sintagma adverbial de modo e de lugar pode tomar escopo sobre o verbo causativo ou o infinitivo encaixado, o que prova que há duas projeções verbais em sentenças causativas, uma encabeçada pelo verbo causativo e a outra pelo predicado encaixado. O advérbio pode adjungir-se a um ou outro VP, possibilitando assim duas leituras em (40).

(40) Adele_i ha fatto cuocere il maiale_j com um limone in bocca_{i/j}.

'Adele_i cozinhou um porco_j com um limão na boca_{i/j}'

Com base nesses três fatos, Guasti propõe que a estrutura de uma sentença FI, como em (36), seja a seguinte:

- (41) [IP I soldati hanno fatto [VP_{sc} [VP pulire le toilette] al generale]].
 ‘Os soldados fizeram limpar o banheiro ao general’

Segundo Guasti, a incorporação verbal (*verbal incorporation* – VI), que é o movimento de núcleo para núcleo do infinitivo para o verbo causativo, aplica-se em causativas no italiano. O verbo causativo é um gatilho de incorporação. A VI é responsável pela formação de um predicado complexo. Isso determina uma reorganização das relações de marcação de Caso no que se refere aos argumentos envolvidos, sujeitas ao ‘princípio da preservação da estrutura do Caso’, de Baker (1988), segundo o qual a propriedade de atribuição de Caso de um verbo complexo, criado por VI, é a mesma de um verbo simples. No italiano um verbo simples marca somente um Caso acusativo, o que se estende então ao verbo complexo. Causativas do tipo FI, com verbo encaixado intransitivo (cf. 42), apresentam só um NP que necessita de Caso; o NP recebe do verbo complexo o único acusativo disponível.

- (42) Ho fatto lavore Gianni.
 ‘Fiz trabalhar Gianni’

Em causativas com o verbo encaixado transitivo, há dois argumentos que necessitam de Caso (o OD do verbo transitivo e o causado), mas o verbo complexo só tem um Caso acusativo. Este problema pode ser resolvido, pois o verbo causativo tem um Caso dativo adicional, que é atribuído ao causado. A disponibilidade do Caso Dativo permite a formação das causativas de verbos transitivos e é responsável pela interpretação agentiva do causado em construções FI.

- (43) La maestra ha fatto prendere la medicina *al bambino*.
 ‘A professora fez tomar o remédio ao menino’

Em construções FP, o causado é expresso como oblíquo (cf. 44) ou é lexicalmente ausente (cf. 45), o que explica seu caráter não-agentivo.

(44) La maestra ha fatto prendere la medicina *dal bambino*.

‘A professora fez tomar o remédio pelo menino’

(45) La maestra ha fatto prendere la medicina.

‘A professora fez tomar o remédio’

Quando o causado não é representado lexicalmente na oração, não pode ser marcado numa posição argumental. Guasti propõe que, em FP, *fare* seleciona só o VP, sem uma posição de argumento externo, i.e., seleciona somente o evento, o que o acompanha é irrelevante (cf. 37’).

(37’) [IP I soldati hanno fatto [VP [VP pulire le toilette] dal generale]].

‘Os soldados fizeram limpar o banheiro pelo general’

Assim, FP é, como FI, uma incorporação sintática do verbo causativo com o verbo no infinitivo, formando um predicado complexo, que é responsável pela marcação de Caso. O verbo complexo marca Caso acusativo simples para o único argumento remanescente, o OD do infinitivo, quando este é transitivo. Portanto, não há problema de atribuição de Caso. Guasti argumenta que o oblíquo causado é um adjunto, não tem posição marcada por papel temático e não ocupa, portanto, posição argumental.

Resumindo, em comparação ao trabalho de Kayne (1975), Guasti também adota a divisão das causativas em estruturas FI e FP, e acrescenta em sua análise do italiano a distinção da função sintática exercida pelo causado nessas duas estruturas, argumento em FI e adjunto em FP, o que acarretaria diferença semântica entre as mesmas. A autora propõe que a atribuição de Caso para os argumentos nas estruturas causativas é realizada pelo predicado complexo, incorporação do verbo encaixado pelo verbo causativo matriz. Vale ressaltar também a constatação de Guasti sobre a possibilidade de apagamento do causado de frases do tipo FP, por ser adjunto.

A idéia de Guasti é importante nesta dissertação na medida em que, servindo de base para análise das frases coletadas nos *corpora* do período diacrônico, permitirá uma comparação entre essas estruturas e as do PB atual, a fim de se investigar possíveis mudanças sintáticas.

2.2 A Causativa no Português do Brasil

Diferentemente das demais línguas românicas como o italiano, o francês e até mesmo o português europeu, que possuem a estrutura causativa românica com o causado realizado à direita do verbo infinitivo sem flexão, o PB apresenta uma estrutura inovadora, com o causado anteposto ao verbo infinitivo, que pode estar ou não flexionado. Essa configuração característica do PB tem sido objeto de inúmeros estudos. Passamos a examinar a análise de Perini (1977) para as construções causativas do PB. Em seguida, o estudo de Bittencout (1995) sobre a diacronia das causativas no PB.

2.2.1 Perini (1977)

Perini, sem utilizar a nomenclatura “causativos”, analisa os verbos ‘mandar’, ‘deixar’ e ‘fazer’ e afirma que eles podem ter como complemento orações com infinitivo (cf. 46), ou orações finitas, no subjuntivo, introduzidas por ‘que’ (cf. 47):

- (46) O reitor mandou Lúcia subir no mastro.
(47) O reitor mandou que Lúcia subisse no mastro.

Perini atribui a diferença entre orações com ‘que’ e orações com infinitivo a uma diferença de “complementizadores”³². Se a oração subordinada é introduzida pelo complementizador ‘que’, seu verbo fica em um tempo finito (subjuntivo ou indicativo); se é introduzido pelo complementizador ‘Inf’, o verbo fica no infinitivo.

No caso desses três verbos, Perini afirma que há diferenças semânticas, relacionadas à oposição diretiva *versus* manipulativa, entre as construções causativas com ‘que’ e as com infinitivo. Desse modo, as frases (46) e (47) não são sinônimas. Enquanto (46) significa que “o reitor deu a ordem de subir no mastro diretamente a Lúcia”, (47) significa que o reitor “pode ter transmitido a ordem para outra pessoa, ou pode tê-la pregado por escrito na parede”, por exemplo.

A respeito das frases abaixo, Perini julga a oração (48) agramatical porque, nela, “o reitor não poderia ter ordenado aos livros que ficassem no porão”, embora pudesse ter dado à alguém uma ordem nesse sentido, como se entende em (49).

³² O complementizador é um elemento introdutor de uma oração subordinada (“complemento”).

(48) *O reitor mandou os livros ficarem no porão.

(49) O reitor mandou que os livros ficassem no porão.

A partir dessa comparação semântica, o autor afirma que a estrutura em (46) pode ser analisada como equivalente a de verbos perceptivos (no sentido sensorial de “enxergar com os olhos”). Quando o infinitivo é subordinado a um verbo dessa categoria, a ocorrência, ou não, de concordância número-pessoal (infinitivo flexionado) pode ser admitida se houver um possível candidato a sujeito do verbo encaixado (cf. 50):

(50) a. Vi *os cavalos* correrem.

b. Vi os cavalos correr.

Em (50a), Perini analisa o sintagma ‘os cavalos’ como sujeito do verbo ‘correrem’. Isso é possível, pois o autor considera que o complemento do verbo ‘ver’ é, neste caso, oracional:

(50) a.’ Vi [os cavalos correrem].

Em (50b), o autor afirma que, diferentemente de (50a), o sintagma ‘os cavalos’ é complemento do verbo ‘ver’ e não sujeito do verbo infinitivo sem flexão. Para comprovar esta análise, Perini utiliza o teste da cliticização do sintagma em questão, e atesta que este não pode ser sujeito do complemento encaixado³³:

(51) a. Vi-os correr.

b. *Vi-os correrem.

Assim, tem-se que, em (46), o constituinte ‘Lúcia’ é complemento do verbo ‘mandou’, formador da cadeia [mandou Lúcia]. Em (47), o NP ‘Lúcia’ é o sujeito da frase encaixada, fato comprovado pela presença do ‘que’ (inserido somente em sentenças com

³³ Perini (1977: 92) chama este fenômeno de ‘flutuação de regra’: “sempre que uma regra R considera uma cadeia estruturalmente ambígua onde os efeitos de uma decisão anterior por parte de outra regra R’ são evidentes, R precisa tomar a mesma decisão que R’ tomou”. Ou seja, é preciso que a concordância do infinitivo tome, a respeito da semelhança dessa cadeia, a mesma decisão que a cliticização já tomou anteriormente.

sujeito) e pela forma do verbo subordinado, que está no subjuntivo. Esta frase é analisada por Perini como sendo paralela a uma sentença volitiva, com o verbo ‘querer’, por exemplo:

- (52) a. Nós queremos dormir.
 a'. *Nós queremos você dormir.
 b. Nós queremos que você durma.
 b'. *Nós queremos que nós durmamos.

Nesse caso, complementizadores ‘que’ e ‘Inf’ estão em distribuição complementar. Sempre que há identidade de sujeitos entre a oração principal e a subordinada, ‘Inf’ é o único complementizador possível (cf. 52a); e, quando os sujeitos são diferentes, só pode aparecer ‘que’ (cf. 52b). O autor acrescenta que a ocorrência de infinitivo flexionado, nesse contexto, só é admitida se a oração subordinada for introduzida por preposição (cf. 53)³⁴:

- (53) Nós queremos um livro para conhecer(mos) melhor o autor.

Como evidência adicional para sua análise de que as orações (46) e (47) não são equivalentes sintático e semanticamente, Perini considera o contraste de orações causativas na voz passiva, conforme os exemplos seguintes:

- (54) Lúcia foi mandada subir no mastro.
 (55) *Lúcia foi mandada que subisse no mastro.

Em (54), tem-se representada a oração mais alta de (46) após sofrer a passivização. Assim, o NP ‘Lúcia’ se torna o sujeito, devido ao fato de ser objeto direto na voz ativa. Em relação à (47), isso não é possível, e (55) é agramatical.

A análise de Perini para os verbos ditos causativos identifica, portanto, dois tipos de construção. O primeiro tipo introduzido pelo complementizador ‘Inf’, com o NP relevante³⁵ realizado como o objeto da matriz; e a interpretação de causação direta. O segundo tipo,

³⁴Verificamos que a oração encaixada do exemplo (53) distingue-se das anteriores por ser adverbial. Nesse caso, a presença da preposição não pode ser tomada como um critério crucial na distinção dos contextos ilustrados em (52), em que a relação é de complementação (Salles (c.p.)).

³⁵ Chamado nesta dissertação de causado.

introduzido pelo complementizador ‘que’, com o NP relevante realizado como sujeito da oração encaixada e a possibilidade, ou não, da causação manipulativa, i.e., indireta.

Pode-se inferir do trabalho de Perini que a construção causativa pode ser formada com verbo infinitivo flexionado, como no caso das construções com verbos perceptivos (cf. 50a). Além disso, se, em (49), o elemento interpretado como agente do evento causado ‘os livros’ for substituído por outro elemento com propriedades semânticas compatíveis com a estrutura das causativas, ‘os empregados’, por exemplo, tem-se uma oração gramatical.

(56) O reitor mandou *os empregados* ficarem no porão.

O termo ‘os empregados’ é claramente sujeito do verbo encaixado, como demonstrado pela concordância. Assim, tem-se a oração completiva na ordem canônica do português SV(O).

Distinguem-se desses casos as construções com verbos factivos, em que o infinitivo flexionado é usado categoricamente (ou seja, não há condições que imponham a presença do infinitivo sem flexão, como no caso de verbos perceptivos), além de admitir a contraparte finita, como em ‘Lamento os meninos subirem no mastro’/ ‘Lamento que os meninos subam no mastro’.

Resumindo, a análise de Perini, que abarca os diferentes tipos de orações infinitivas (em oposição a orações finitas), define condições que determinam a presença do infinitivo flexionado, desde que alguns requisitos sejam obedecidos: (a) a ocorrência de infinitivo flexionado é livre quando ele é subordinado a um verbo factivo; (b) se o verbo matriz for volitivo, o infinitivo flexionado só é admitido se a oração subordinada for introduzida por preposição; (c) como complemento de verbos perceptivos, o infinitivo pode flexionar-se se houver um possível candidato a sujeito na oração subordinada.

O que de mais relevante, para o momento desta dissertação, se pode tirar de Perini (1977) é a constatação de que o PB produz estruturas que não são do tipo causativa românica, e sim aquelas com causado realizado anteposto ao verbo infinitivo sem flexão. Não vamos nos deter, neste ponto, na discussão acerca dos contrastes semânticos que o autor propõe, embora não estejamos de acordo integralmente com os julgamentos por ele propostos. Posteriormente vamos retomar alguns aspectos dessa questão.

A seguir, passamos à apresentação do trabalho de Bittencourt sobre as construções causativas no português desde o século XVI até o XX.

2.2.2 Bittencourt (1995)

Bittencourt, em sua tese, investiga a manifestação do processo da causatividade no PB, sob as perspectivas sincrônica e diacrônica, dentro de três vertentes teóricas distintas, a gramática gerativa de Princípios e Parâmetros, a Sociolinguística Quantitativa e a Gramática Funcional.

Para seu trabalho, Bittencourt constituiu *corpora* sincrônicos do PB: (i) com dados da modalidade oral da língua, retirados do Projeto NURC-SP e do Banco de Dados da Faculdade de Letras da UFMG (Doc. Fale); (ii) com dados da modalidade escrita, retirados das obras literárias: *A república dos sonhos* de Nelida Piñon (1984); *O baile de despedida* de Josué Montello (1992); e *O sorriso do lagarto* de João Ubaldo Ribeiro (1989).

Os *corpora* diacrônicos são constituídos de acordo com a seguinte distribuição temporal: (i) Fase arcaica média, século XV até primeira metade século XVI: Pero Lopes de Souza, *Diário da Navegação: 1530-1532*. (entre outros); (ii) Fase moderna, segunda metade do século XVI até segunda metade do século XVII: Pe. José de Anchieta, *Cartas: informações, fragmentos e sermões*; Pe. Antônio Vieira, *Cartas* (entre outros); (iii) Fase contemporânea, século XVIII até dias de hoje: Marquês do Lavradio, *Cartas da Bahia 1768-1769* e *Cartas de D. Pedro I à Marquesa de Santos*; Castro Alves, *Cartas íntimas*; Machado de Assis, *Epistolário*; Monteiro Lobato, *Cartas a Range*; Mario de Andrade, *Cartas a Manoel Bandeira*; Frei Betto, *Cartas da prisão* (entre outros).

Bittencourt classificou seus dados segundo a distribuição das construções causativas em vista de sua configuração estrutural, para depois fazer as análises de cada um dos grupos:

(i) Analíticas (bi-oracionais):

a) com complemento oracional subjuntivo:

(57) Os seguranças fizeram com que os cara-pintadas saíssem do recinto.

b) com causado Acusativo / Nominativo + complemento oracional infinitivo:

(58) Os seguranças fizeram os cara-pintadas sair(em) do recinto.

(ii) Semi-analíticas (bi-oracionais com predicado verbal):

c) com causado Dativo + complemento oracional infinitivo:

(59) Madruga via-se cercado por uma nevoa espessa que não *lhe* deixava apreciar a realidade

d) complemento oracional infinitivo + causado oblíquo dativo / não-dativo³⁶:

(60) A polícia fez pintar o prédio *aos / pelos pichadores*.

(iii) Semi-analíticas (bi-oracionais com predicado não-verbal):

a) Causativo de mini-oração:

(61) O afastamento de Collor deixou o país aliviado.

(iv) Sintéticas, mono-oracionais:

a) Causativa morfológica

(62) Os soldados afugentaram os cara-pintadas do recinto.

b) Causativa heterônima ou supletiva:

(63) Desses jeitos vocês vão acabar matando os filhotinhos.

c) Causativa transitivo-ergativa:

(64) Desses jeitos vocês vão acabar morrendo os filhotinhos.

De acordo com o escopo dessa dissertação, e devido à grande quantidade de informação e à extensão do trabalho de Bittencourt, torna-se inviável aqui a apresentação das análises de todos os subgrupos da proposta da autora. Enfatizarei apenas o grupo (i), das analíticas, e o grupo (ii), das semi-analíticas com complemento oracional verbal, nos recortes sincrônico e diacrônico.

2.2.2.1 Sincronia

Na primeira parte do trabalho, Bittencourt traz algumas reflexões sobre a noção de causatividade, classifica as formas encontradas nos *corpora* oral e escrito literário, e analisa o estatuto morfossintático e semântico dessas orações.

Sobre a noção de causatividade, estabelecida em termos de sua estruturação do processo causativo, Bittencourt mostra que ela não é única, mas que se apresenta de duas maneiras: (i) uma seqüência de duas fases distintas, causadora e causada, (ex.: Analíticas) e (ii) uma composição em uma só fase condensada (Sintéticas). A autora diz que essa dupla configuração tem consequência para a caracterização do causado, no primeiro caso ele se

³⁶ Causado oblíquo dativo e causado não-dativo são estruturas equivalentes ao que Kayne (1975) e Guasti (1995) denominam *Faire-Infinitif* e *Faire-Par*, respectivamente.

qualifica geralmente como Agente e, no segundo, como Paciente. A autora considera também a possibilidade de a noção de causatividade manifestar características que as coloquem numa posição intermediária entre o grupo das analíticas e das sintéticas, as chamadas semi-analíticas³⁷. A seguir as propriedades sintáticas dos grupos relevantes no momento:

2.2.2.1.1 Analíticas

As causativas analíticas são as orações que melhor evidenciam as duas fases do processo de causativização: causador e causado, constituídos um na oração principal e outro na oração completiva objetiva.

Baseada em Raposo (1987) e Perini (1977), Bittencourt adota a análise abaixo para as sentenças analíticas, que diz que os verbos causativos subcategorizam uma proposição com argumento interno que se realiza como oração desenvolvida de subjuntivo (57), ou reduzida de infinitivo (58), ambas com o causado nominativo:

(57)' Os seguranças mandaram que os cara-pintadas *saissem* do recinto.

(65) Os seguranças fizeram os cara-pintadas *saírem* do recinto.

A oração com subjuntivo é uma projeção do tipo CP. Tem o núcleo C preenchido pelo complementizador 'que', além de ser especificada como [+Tempo]. Já a oração com infinitivo apresenta o núcleo C vazio e é especificada como [-Tempo]³⁸. O licenciamento dessas duas formas opera-se do seguinte modo: (a) o verbo causativo atribui Caso Acusativo a todo o argumento interno proposicional C por ele selecionado; (b) o elemento nuclear Flex³⁹ referente ao verbo causativo [+Tempo +Concordância] atribui Caso Nominativo ao Nome; (c) o Flex do verbo encaixado, especificado como [+Tempo +Concordância] ou [-Tempo +Concordância], atribui Caso Nominativo à posição de sujeito⁴⁰.

Bittencourt afirma que no PB atual há uma preferência pelo complemento infinitivo não-flexionado, porém essa tendência de atribuição de Caso nominativo ao causado provoca

³⁷ Bittencourt nomeia esse grupo de Semi-analíticas, e não de Semi-sintéticas, devido à proximidade de propriedades desse grupo com o grupo das Analíticas.

³⁸ De acordo com Raposo (1987: 92) a categoria Flexão é especificada da seguinte forma:

Flex → [[± Tempo], (Concordância), (Modo), (Aspecto)]

³⁹ Entenda-se aqui Flex como um sinônimo de IP, com traços de concordância e tempo.

⁴⁰ Isso é possível porque o português é uma língua marcada positivamente para o "Parâmetro Flex", i.e., permite uma livre escolha de [± Tempo] com a categoria Flex positivamente marcada para Concordância (cf. Raposo 1987).

um impasse na operação de marcação de Caso. Admitindo-se que verbos causativos podem ser Marcadores Excepcionais de Caso (*Exceptional Case Marking* – ECM) ou podem ter complemento infinitivo flexionado, eles apresentariam dois regentes em potencial para o NP causado: um externo, o verbo matriz, que lhe atribuiria Acusativo (ECM), e outro interno, Concordância em Flex, que lhe designaria Nominativo. A autora não resolve essa questão e deixa uma análise mais profunda para ser feita no campo da diacronia.

2.2.2.1.2 Semi-analíticas

De acordo com Bittencourt, as construções semi-analíticas bi-oracionais, com complemento oracional verbal composto de causado acusativo e verbo infinitivo, apesar de serem superficialmente muito parecidas com as analíticas, apresentam características próprias: a impossibilidade de concordância do infinitivo com o causado (i.e., a ausência de infinitivo flexionado); e a marcação acusativa do causado:

(66) Os seguranças fizeram os cara-pintadas *sair* do recinto.

Quanto à primeira característica, Bittencourt constatou que o complemento admite apenas a forma do infinitivo sem flexão, não tendo sido encontrada pela autora nenhuma frase com causado pronominal e infinitivo flexionado.

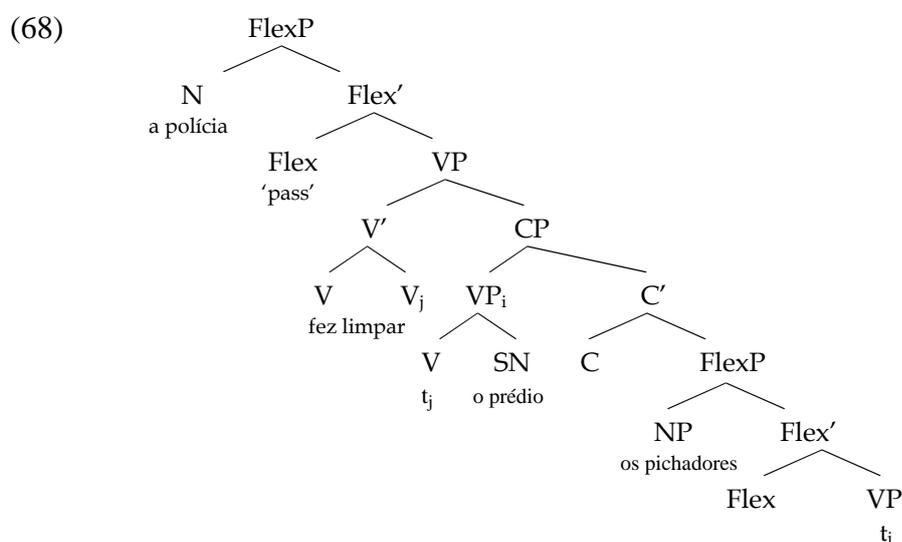
Sobre a segunda característica, nesses tipos de sentença, como em (66), devido à ausência do núcleo CP, e conseqüentemente por ter traços [-T -Conc], o causado recebe Caso Acusativo por meio de Marcação Excepcional de Caso (ECM), por intermédio de um designador de Caso externo ao módulo Flex, qual seja, o verbo causativo.

O outro tipo de construção semi-analítica, também bi-oracional para a autora, tem complemento com verbo infinitivo e causado realizado como oblíquo dativo (67a), construção denominada na literatura de *Faire-Infinitif* (FI) ou realizado como um oblíquo não-dativo (67b), denominada *Faire-Par* (FP):

- (67) a. A polícia fez limpar o prédio aos pichadores.
b. A polícia fez limpar o prédio pelos pichadores.

O verbo causativo tem como componentes de sua grade temática um argumento externo Agente e um argumento interno Tema. Paralelamente, ele tem a propriedade de integrar predicados complexos a sua estrutura, como o sintagma ‘aos/pelos pichadores’, no exemplo acima.

Para este tipo de sentenças semi-analíticas, Bittencourt adota a Teoria da Incorporação do verbo infinitivo ao verbo causativo, conforme Baker (1988) (cf. também Guasti 1996):



A autora explica que, devido à presença de Flex na sentença encaixada, o verbo subordinado deve se deslocar dentro dos limites da sua oração para uma posição inicial na sentença, i.e., para CP. Assim, o NP causado pode receber Caso, de acordo com a Teoria do Caso⁴¹. A partir dessa posição de Spec de C é que o verbo infinitivo tem condições de entrar numa relação de “reanálise” (cf. Baker 1988) com o verbo matriz, incorporando-se a ele.

A marcação de Caso é efetuada da seguinte maneira: o verbo matriz atribui Caso ao objeto dos verbos causados transitivos, ao passo que o ‘sujeito’ (causado preposicionado) desses verbos recebe Caso por intermédio de uma regra especial de inserção de preposição (no português, ‘a’ ou ‘por’)⁴².

Com esta análise, Bittencourt situa o PB entre as línguas que admitem, em alguns contextos, o duplo acusativo, construções como as de “dative-shift” do inglês, em que o complemento dativo perde a preposição. São apresentados a seguir alguns exemplos do PB retirados por Bittencourt do trabalho de Ramos (1992):

⁴¹ Sobre Teoria do Caso, cf. Seção 1 do Capítulo 4.

⁴² Cf. nota n° 28 sobre a regra de inserção da preposição à (Kayne (1975), Seção 2.1.1 deste Capítulo).

- (69) a. Avisamos os amigos e clientes o nosso novo endereço.
 b. Bush mostra o presidente Collor os porões.

2.2.2.1.3 Produtividade das Analíticas e Semi-analíticas

Após apresentar classificação e análise sintáticas das causativas analíticas e semi-analíticas no período sincrônico, Bittencourt traça um panorama quantitativo dos padrões causativos do PB oral e literário contemporâneo com o objetivo de verificar a produtividade e a efetiva utilização de cada uma das formas encontradas, conforme tabela abaixo:

Estruturas completivas	Ex.	PB oral	PB escrito literário	Total
Com subjuntivo	(57)	3	2	5
Com causado nominativo + infinitivo flex.	(65)	6	0	6
Com causado nulo + infinitivo ⁴³	-	5	4	9
Com acusativo + infinitivo	(66)	2	15	17
Com infinitivo + oblíquo dativo Ou infinitivo + oblíquo não-dativo	(67)	0	1	1
Total		16	22	38

Tabela 3 - Estruturas completivas no PB contemporâneo. Adaptada de Bittencourt (1995: 220-227)

Nessa tabela, pode-se observar, primeiramente, o uso preferencial da oração infinitiva, com causado Nominativo, Acusativo ou Nulo, em detrimento da oração finita com o subjuntivo, tanto na modalidade oral quanto na escrita. O uso de estruturas com o causado realizado como um oblíquo (dativo) é praticamente inexistente, sendo computada apenas uma ocorrência na modalidade escrita, e, como esperado, não tendo ocorrido na modalidade oral. O uso de causado Nulo + infinitivo sem flexão se mostrou constante e presente nas duas modalidades, evidenciando-se como uma forma bastante produtiva no PB atual.

Outras duas estruturas que também se mostraram produtivas foram as com causado nominativo + infinitivo, que se mostrou produtiva na modalidade oral e ausente na escrita literária, e a com causado acusativo + infinitivo, que se mostrou mais produtiva no contexto oposto, ou seja, ocorreu com bastante frequência na modalidade escrita e também apareceu em dois dados da modalidade oral.

⁴³ A autora não discute as propriedades dessas construções. Ex: 'Os seguranças mandaram desocupar o prédio'.

2.2.2.2 Diacronia

Na segunda parte da tese, Bittencourt (1995) se dedica ao estudo diacrônico, com o objetivo de reconstruir a memória evolutiva dos diversos padrões das construções causativas, desde sua origem latina, passando pela fase de sua formação românica até aos períodos históricos das fontes documentais da variante brasileira, onde vão-se detectando casos de persistência e de mudança nas estruturas causativas do português.

Na primeira parada histórica, Bittencourt estudou o latim, nas modalidades clássica e vulgar. Em comparação à variedade clássica, o latim vulgar apresenta como novidade a preferência pelo uso do subjuntivo ao invés do infinitivo, nas estruturas completivas verbais em geral. Porém, nas causativas, essa vantagem não foi maior do que o uso de [*facere* + infinitivo], que se torna a expressão de causatividade por excelência.

Na segunda parada, período românico, Bittencourt verifica a predominância das formas infinitivas e também constata duas características divergentes entre o português e as outras línguas latinas: (a) o português (assim como o espanhol) conserva o uso do subjuntivo nas causativas, embora com menos vitalidade que o infinitivo; (b) ao contrário das demais línguas latinas, que “trocam” a seqüência [verbo causativo + infinitivo] por um complexo verbal, realizando o causado como Oblíquo Dativo (FI) e não-Dativo (FP), o português mantém esta última construção co-ocorrendo com o padrão [acusativo+infinitivo] até certa época, depois essas construções com oblíquo dão lugar à construção com [nominativo + infinitivo].

Na terceira e última parada, Bittencourt restringe seu estudo às formas causativas registradas nos *corpora* concernentes aos diversos segmentos temporais examinados (do século XVI até hoje). Quanto ao uso do modo verbal do complemento encaixado, a autora encontrou o seguinte contraste entre o subjuntivo (cf. 70) e o infinitivo (cf.71):

	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	Total
Subjuntivo	14	08	23	15	04	64
Infinitivo	33	48	58	101	36	276
Total	47	56	81	116	40	340

Tabela 4 - Complemento subjuntivo e infinitivo (séc. XVI ao XX). (Bittencourt 1995: 256, com adaptações)

- (70) a. e o Capitam I tornou a mandar que não *virássemos* no bordo sul (séc. XVI)
- (71) b. pedimos também a Vossa Alteza mande *prevenir* isto como convem a Seu Real Serviço. (séc. XVII)

Como mostrado acima por Bittencourt, em todos os períodos, há nitidamente uma preferência no uso do complemento com verbo infinitivo sobre o uso do subjuntivo, numa escala ascensional: de 70% infinitivo e 30% subjuntivo na primeira época (séc. XVI) para 90% infinitivo e 10% subjuntivo na época mais recente (séc. XX).

Outra constatação da autora diz respeito à realização do causado dentro do grupo dos complementos com subjuntivo e do grupo com infinitivo. A seguir os padrões dos causados encontrados em cada um deles, separados por períodos temporais, seguidos dos respectivos exemplos:

Causado	Ex.	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	Total
Nulo	72a	02	02	06	04	01	15
Nominativo	72b	03	02	09	06	02	22
Acusativo	72c	01	02	02	02	01	08
Dativo	72d	08	02	06	03	00	19
Total		14	08	23	15	04	64

Tabela 5 - Realização do causado em complemento subjuntivo. (Bittencourt 1995: 258, com adaptações)

- (72) a. O próprio Cel. Gomes Carneiro comoveu-se mas ordenou __ que o conduzissem ao lugar onde devia ser fuzilado. (séc. XIX)
- b. e esta a única razão que faz com que *eu* não vá logo. (séc. XIX)
- c. o dia que V. Alteza *me* mandou que a ela viesse com Martim Afonso de Sousa (séc. XVI)
- d. e mandei a *Baltazar Gonçalves* que levasse o farol (séc. XVI)

Nesse contexto, observa-se: (i) o declínio no uso do causado Dativo, culminando no seu desuso no século XX; (ii) o baixo, porém sempre presente, uso do causado Acusativo; (iii) e, por último, a preferência pelo causado Nominativo, embora também seja freqüente o uso do causado Nulo em todos os períodos. A seguir, o grupo com infinitivo e seus respectivos exemplos.

Causado	Ex.	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Séc. XIX	Séc. XX	Total
Nulo	73a	18	26	26	46	07	123
Acusativo	73b	13	13	16	39	29	110
PP dativo	73c	02	04	08	09	00	23
PP não-dativo	73d	00	04	02	04	00	10
Total		33	47	52	98	36	266

Tabela 6 - Realização do causado em complemento infinitivo. (Bittencourt 1995: 263, com adaptações)

- (73) a. foi V. Mag. servido mandar __ aplicar todos os anos as rendas da Infantaria. (séc. XVIII)
- b. e a Academia? Se não *a* fizermos falar, quem falará dela? (séc. XIX)
- c. estes feiticeiros fazem crer algumas vezes *aos doentes* que nós outros lhes metemos em corpo facas, tesouras e coisas semelhantes (séc. XVI)
- d. bem vês que não podia escrever, e nem mandar *por outro* escrever para minha família isto (séc. XIX)

Primeiramente, ressalta-se que, entre as construções com infinitivo não foi encontrada, nesses *corpora* diacrônicos, nenhuma com complemento oracional com causado Nominativo. Além disso, causados oblíquo dativo e não-dativo, sempre menos freqüentes ao longo do tempo, desapareceram no século XX. Nesse período, constatou-se o uso preferencial do causado Acusativo, co-ocorrendo com a forma Nula, sempre presente em todos os períodos, assim como no grupo dos complementos com subjuntivo.

Outra observação que merece destaque diz respeito à possibilidade de flexão do infinitivo, em concordância com o causado. Nos *corpora* da autora, o aparecimento da flexão é raro, apenas 4 ocorrências contra 272 casos sem flexão. Registrou-se também, além de casos com Nominativo (cf. 74a), casos de flexão concordando com causado Acusativo (cf. 74b), ao contrário do que acontece no PB atual.

- (74) a. porque vemos que os índios são forçados irem-se onde não poderemos ter conta com elles. (séc. XVI)
- b. endereça as cartas ao Chico, que *mas* fará chegarem às mãos. (séc. XIX)

2.2.2.3 Resultados

De um modo geral, e considerando o escopo desta dissertação, destacam-se como os principais resultados obtidos por Bittencourt, os seguintes:

- i) o desaparecimento, no PB contemporâneo, das construções causativas com causado oblíquo dativo;
- ii) o surgimento, na língua atual, de estruturas com causado Acusativo e infinitivo sem flexão (cf. 66), que não foi atestado nos períodos pretéritos do português;
- iii) uma propensão para o decréscimo de complementos com verbo no modo subjuntivo (sempre menos vivaz), em favor do uso do complemento infinitivo.

Percebemos também o uso considerável do causado nulo, que sempre se mostrou presente em todas as épocas estudadas, apesar de não ter sido objeto de estudo da autora, que não lhe dedicou nenhuma análise mais específica e detalhada.

Bittencourt propõe uma explicação para os fenômenos encontrados na diacronia e na sincronia das construções causativas do PB: a autora faz uma relação entre o preenchimento da posição do sujeito-causado (iniciada nos finais do século XIX) e a expansão da marcação nominativa do causado na modalidade oral contemporânea. Ela faz uma relação também entre a diminuição da representação do objeto direto por clíticos Acusativos *vs.* a corrosão do sistema pronominal clítico do PB. Esses fatos acima podem ser vistos como indícios de alguma mudança de parâmetro da língua.

Nesse contexto de mudanças, Bittencourt aponta como o grande momento a virada do século XIX para o XX, onde depreendem-se modificações que afastam a gramática do PB da gramática do PE.

3. Considerações Parciais

Este capítulo mostrou as propriedades das construções causativas, primeiramente sob a ótica de gramáticas históricas e tradicionais da língua portuguesa, onde foi possível identificar algumas descrições a respeito de como essas construções se constituem no português.

Em seguida, a gramática gerativa mostrou diferentes possibilidades de estruturação sintática das causativas em outras línguas românicas, como, por exemplo, as frases do tipo *Faire-Infinitif*, que se distinguem pelas seguintes características: (a) são construções mono-oracionais, formadas por um complexo verbal; (b) apresentam os constituintes do domínio encaixado na ordem VOS; (c) realizam o causado em uma configuração preposicional, com função de objeto indireto do complexo verbal, quando o verbo é transitivo. Essas características são típicas das causativas românicas. Além dessas, também há estruturas do tipo *Faire-Par*, cujas propriedades permitem uma identificação com a passiva, caracterizam-se também como mono-oracionais, porém, sem a realização do causado como um argumento do complexo verbal. Na FP, o causado tem função de adjunto, o que possibilita o seu apagamento na frase.

Consideramos então a proposta de Perini (1977), que analisou dados do PB, e mostrou a possibilidade de ocorrência de uma construção inovadora, em relação às demais línguas românicas. Em particular, trata-se da construção em que o causado se coloca anteposto ao verbo infinitivo sem flexão, o qual pode aparecer também flexionado.

O trabalho de Bittencourt (1995) examinou o comportamento das construções causativas ao longo dos séculos XVI até o século XX. Constatamos que complementos com verbos no infinitivo sempre foram mais frequentes que com verbos no subjuntivo, que apresenta uma tendência ao desaparecimento; que frases do tipo *Faire-Infinitif* e *Faire-Par* não fazem mais parte do vernáculo do PB; e que o causado tem sido realizado preferencialmente numa posição de sujeito e não mais de objeto das orações subordinadas.

No Capítulo 3 serão apresentados os resultados da pesquisa nos dados constituídos para o presente estudo, que, como vimos, volta-se para as construções causativas da região Centro-Oeste brasileira, dos séculos XVIII-XIX e no português atual. A classificação e a análise dessas orações serão feitas levando-se em consideração o que foi apresentado e discutido neste capítulo. Em seguida, no Capítulo 4, será examinada uma questão que se constatou ausente nos demais estudos, tanto nas gramáticas tradicionais quanto naqueles desenvolvidos no âmbito da teoria gerativa, que é a realização nula do causado.

CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS NO CENTRO-OESTE COLONIAL

As construções causativas do português da região Centro-Oeste do Brasil, encontradas nos séculos XVIII e XIX, apresentam peculiaridades que as distinguem em relação às causativas do português atual. No sentido de contribuir para a caracterização da língua no período, passa-se a uma análise dessas construções em uma perspectiva comparada com o PB atual.

Estudando alguns aspectos da complementação oracional na diacronia do português identificamos no *corpus* que as construções causativas selecionam complemento finito ou infinitivo, e podem realizar o causado lexicalmente, preposicionado ou não-preposicionado, ou o manifestam na forma foneticamente nula. Essas propriedades contrastam com as apresentadas pelo português atual, que tendem a realizar o causado em uma configuração não preposicional e em uma construção não-finita. Isto torna significativa a investigação de quais propriedades gramaticais estão sob variação paramétrica em relação à manifestação dessas construções.

A fim de se descobrir o que está sob variação, neste capítulo são trazidas: descrição e distribuição dos dados encontrados no *corpus*; e propriedades gramaticais que determinam a manifestação da construção finita em oposição à infinitiva. Em adição, analisamos essa oposição baseando-nos na natureza mono-oracional ou bi-oracional das construções causativas e em características do causado, como a categoria gramatical e a ordem. Além disso, tecemos algumas considerações sobre as propriedades das estruturas causativas no PB atual. Por último, são feitas considerações parciais referentes a este capítulo.

1. Os Dados: Descrição e Distribuição no *Corpus*

Neste trabalho, os dados do português do Centro-Oeste colonial estão distribuídos de acordo com a forma verbal do complemento encaixado (o evento causado), que pode ser finito ou infinitivo. Em seguida, tem-se a ordenação dessas estruturas quanto à realização do causado, que pode ser lexical (preposicionado ou não-preposicionado) ou nulo (com interpretação arbitrária). Julgamos que essa distribuição, e sua posterior análise, sejam um fator importante na identificação da mudança das construções causativas. As estruturas encontradas estão representadas abaixo⁴⁴.

1.1 Complemento Finito

Como antecipado na Introdução, uma propriedade das construções causativas a ser analisada é a categoria do elemento causado. No *corpus* diacrônico foram identificados eventos causados com verbo finito que admitem a realização lexical ou a realização nula (indeterminada) do causado, conforme apresentação seguinte.

1.1.1 Causado Lexical

O causado, quando realizado lexicalmente, assume duas formas. A primeira é a de um nome⁴⁵, i.e., um DP pleno (não-preposicionado), localizado na oração subordinada, como se observa em ‘oz sacerdotes deste continente’ (cf. 01) e ‘todos’ (cf. 02).

- (01) **Mando** q oz sacerdotes deste continente *handem* sempre em habito clerical (DE-JFV2)
- (02) a Sua Excellencia [...] **mandou** que se *recolhesem* todos, as tropas com as ordenanças [...] (BM, 83;704)

⁴⁴ Neste capítulo, devido à dificuldade de interpretação de algumas sentenças, usamos as seguintes marcações: os verbos em negrito representam os causativos na oração matriz, os verbos em itálico destacam o núcleo da oração encaixada e os causados estão sublinhados.

⁴⁵ Devido às propriedades semânticas da construção causativa, e à natureza dos textos, é de se esperar maior ocorrência de causado lexical em forma de um nome, ao invés de um pronome ou clítico.

Nessa configuração, a oração completiva é obrigatoriamente introduzida pelo complementizador ‘que’. O causado, classificado pela GT como sujeito da oração subordinada, recebe Caso Nominativo do verbo subjuntivo e apresenta-se quase categoricamente anteposto ao verbo encaixado, na ordem SV⁴⁶ (cf. 01), embora haja ocorrência, consideravelmente menos freqüente, de causado posposto ao verbo encaixado (cf. 02).

Outra opção de realização lexical do causado é em uma configuração preposicional. Nessa forma, o causado se constrói, obrigatoriamente, introduzido pela preposição ‘a’, como um dativo do verbo da oração matriz. Esse causado dativo localiza-se imediatamente à direita do verbo causativo, e sua função sintática é a de objeto indireto, segundo a tradição gramatical. Veja os exemplos seguintes:

- (03) **Mando** a cada um dos reverendos parochos, que logo que este meu edital lhe for apresentado, o *faça* registrar no livro da igreja. (DE-MAV)
- (04) **Mandamos** aos reverendos vigarios, qe *façam* notificar a qualquer religioso, para, que dentro entrinta dias despeje da comarca. (DE-GJSG)

Observa-se nas orações acima que os causados ‘a cada um dos reverendo parochos’ (cf. 03) e ‘aos reverendos vigarios’ (cf. 04) são os ‘controladores’⁴⁷ do sujeito nulo das orações encaixadas com os verbos ‘faça’ e ‘façam’, as quais, por sua vez, são encaixadas respectivamente em relação a ‘mando’ e ‘mandamos’⁴⁸. Assim, é verificada uma interpretação co-referencial do sujeito da oração encaixada com o causado realizado na oração matriz.

Assim, tem-se que as construções causativas com complemento subjuntivo são estruturas bi-oracionais, que se diferem apenas pela realização do causado, que pode ser um nome (DP) em posição de sujeito da oração subordinada ou um dativo (PP) na oração matriz.

1.1.2 Causado Indeterminado

Complementos finitos também podem apresentar o causado foneticamente nulo. Quando o causado não está representado lexicalmente tem-se obrigatoriamente uma

⁴⁶ Entende-se aqui posição S (sujeito) como a posição ocupada pelo causado. Causado não é tratado como sinônimo de sujeito, embora em muitos casos o causado também é o sujeito da oração encaixada.

⁴⁷ A questão do controle será retomada no Capítulo 4.

⁴⁸ Agradecemos à Prof.^a Dr.^a Rozana Naves (c.p.) por nos ter alertado para o fato de haver duas causativas encaixadas em cada um dos exemplos.

interpretação indeterminada desse elemento. Nesse caso de realização nula do causado com interpretação arbitrária, são identificadas as condições usuais de indeterminação do sujeito: verbo conjugado na 3ª pessoa do singular seguido da partícula 'se' (cf. 05) ou verbo flexionado na 3ª pessoa do plural (cf. 06).

- (05) **Mando** que daqui em diante *se pague* da crus da Fabrica para amesma fabrica meya 8a de cada emcomendação. (DE-MSS)
- (06) tudo por falta de quem os aplique, e ensinem a doutrina christaã: **mando** q todos os domingos a *fação* aos rusticos, e ignorantes. (DE-APC)

Essa configuração sintática de indeterminação do causado se mostrou freqüente nos dados com complementos finitos, como se pode observar na subseção seguinte.

1.1.3 Distribuição no *Corpus*

Uma peculiaridade das construções causativas com predicado subordinado finito, verificada no período diacrônico inicial, é a de que o verbo é conjugado categoricamente no modo subjuntivo (cf. 01 a 06) (cf. também Bittencourt 1995, Salles 2007).

Sobre a realização do causado, constatamos a ocorrência mais freqüente desse elemento em uma configuração em que é realizado lexicalmente (68%), contra a forma em que é foneticamente nulo (32%), conforme tabela seguinte⁴⁹:

Complemento Finito				
Causado		Frequência		Porcentagem
Realização Lexical	(DP) Nominativo – or. subordinada	15	25	68%
	(PP) Dativo – or. matriz	10		
Realização Nula (indeterminação)	Se + 3ºp.s. / 3ºp.p.	12		32%
Total		37		100%

Tabela 7 - Causado em complementos finitos

⁴⁹ Cf. Anexo 5. Gráfico representativo da Tabela 7.

Apesar do maior número de construções finitas com realização lexical do causado, os três tipos de estruturas causativas se mostraram estáveis no *corpus*: com o causado DP, sujeito da oração subordinada, anteposto ao verbo (cf. 01) foram 15 (quinze) ocorrências; com o causado realizado em uma configuração preposicional, como um dativo posposto ao verbo causativo na oração matriz, o total foi de 9 (nove) frases. Nessa configuração o causado e o sujeito nulo da oração subordinada são co-referentes (cf. 03 e 04); os causados com interpretação arbitrária devido à indeterminação do sujeito do verbo encaixado se apresentaram com 12 (doze) relatos (cf. 05 e 06).

Têm-se assim caracterizados os tipos de construções causativas com complemento oracional finito encontrados no *corpus* diacrônico, baseados nas propriedades de realização do causado. Passamos agora à apresentação dos verbos causativos com complementos infinitivos.

1.2 Complemento Infinitivo Sem Flexão

Assim como as construções com complemento finito, as com complemento infinitivos simples também podem realizar o causado de duas formas: lexical ou nula. Porém, com propriedades bastante diversificadas em relação às apresentadas na seção anterior. Seguem-se as descrições.

1.2.1 Causado Lexical

O causado expresso lexicalmente nos complementos infinitivos em que não se verifica flexão pode aparecer em uma configuração preposicional ou não. O causado será um nome (DP) se o verbo encaixado for intransitivo (cf. 07 e 08):

- (07) Graças a Liberdade de Imprensa, que **fez** *immudecer* os Escritores mercenarios, que douravaõ os grilhões, que nos preparavaõ! (MMP-189)
- (08) Parece que de proposito se conspirao ali para **faser** *desesperar* o povo. (MMP-150)

ou será um sintagma preposicionado dativo (PP) se o verbo encaixado for transitivo direto (cf. 09 e 10). Nesse caso, o causado será obrigatoriamente introduzido pela preposição 'a'. Trata-se de uma frase do tipo *Faire-Infinitif* (FI):

- (09) Hum certo Professor de Grammatica que **faz ler aos seos Discipulos** a Matutina para lhes inspirar o gosto da leitura (MMP-31)
- (10) Alguns destas minas **mandam** os dias de preceito⁵⁰ **trabalhar aoz seus escravos**. (DE-JFV)

Como visto anteriormente, as estruturas acima, (07 a 10), são denominadas de causativa românica. Nelas, o causado é realizado categoricamente à direita do verbo infinitivo, como pode ser observado com ‘aos seos Discipulos’, ‘aoz seus escravos’, os Escriutores mercenarios’ e ‘o povo’.

Outra forma de se realizar lexicalmente o causado é por meio de um clítico. Nessa configuração, o causado-clítico assume morfologia acusativa quando o verbo encaixado é intransitivo (cf. 11) ou morfologia dativa quando o verbo encaixado é transitivo direto e realiza seu OD (cf. 12)⁵¹.

- (11) (Commandande Militar) vio na Scena coroado seo Busto no meio dos aplausos, e vivas de alegria, e de entusiasmo, que (...) suppos, como disse, o queriaõ **fazer morrer** de prazer. (MMP-123)
- (12) Sn. Redactor, será a cazo ignorancia invencivel (...) o que lhe fez **levantar** hum falso testemunho ao Conselho Geral. (MMP-17)

Devido à distribuição da realização do clítico de acordo com a transitividade do verbo encaixado, que pode ser observada por meio de sua morfologia, essas construções com realização do causado em forma de clítico podem ser inseridas no grupo das causativas românicas. Categoricamente os clíticos se colocam imediatamente antepostos ao verbo causativo matriz. Não foram encontradas realizações de clíticos entre os dois verbos do complexo verbal ($V_{\text{causativo}} + V_{\text{infinitivo}}$)⁵².

Ainda sobre a realização lexical do causado de complementos infinitivos, encontram-se construções do tipo *Faire-Par* (FP), que, como visto no capítulo anterior, possui em sua estrutura a preposição ‘por’, em português, e estão relacionadas à construção passiva, ou seja, têm interpretação semântica semelhantes às orações passivas.

⁵⁰ De acordo com o dicionário de Pinto (1996: 107), *Preceito* = S.m. Ordem, mandado, regra de qualquer arte.

⁵¹ Para mais detalhes dessa distribuição dos pronomes em estruturas causativas no português (cf. Gonçalves 1999).

⁵² Sobre complexo verbal, conferir Seção 2.2 deste Capítulo.

- (13) Immediatamente **mandou** o Sr. Castro, *fazer* acto de delicto no dito tronco pelo seu Escrivão, e... (MMP-154)
- (14) ...**mandou pelo seu Porteiro** (...) *prender* a dita Romualda no mesmo indecente tronco. (MMP-154)

Bittencourt (1995) descreve esses tipos de construções causativas como aquelas que apresentam “Caso oblíquo não-dativo”, em que o Caso não-dativo é aquele introduzido pela preposição ‘por’ (cf. 15).

- (15) Bem vês que não podia escrever e nem mandar por outro escrever para minha família isto [...] ⁵³

Passa-se agora para a caracterização do causado nulo no contexto de complementação oracional com verbo infinitivo sem flexão.

1.2.2 Causado Nulo

No contexto em que o causado tem realização nula, a interpretação é categoricamente de referência arbitrária. Em (16) e (17), o sujeito lógico dos verbos ‘enterrar’ e ‘saber’, considerado aqui como o causado, não tem realização fonética, i.e., o sujeito é nulo, sendo interpretado como tendo referência arbitrária.

- (16) Alguás pessoas **mandaô** *enterrar* oz seus escravoz no campo, e mato. (DE-AMV)
- (17) **Faço Saber** q aos oito de Agosto de 1734 vezitey esta Igreja da Snr.^a Santa Anna. (DE-AMV)

Propriedades desse tipo de estrutura serão analisadas de forma mais detalhada no Capítulo 4. Em seguida, tem-se a distribuição e quantificação numérica dos tipos de orações encontradas no *corpus*, que foram apresentados acima.

⁵³ Bittencourt (1995: 263) (Documento do séc. XIX).

1.2.3 Distribuição no *Corpus*

Sobre as construções com complementos infinitivos sem flexão, constatamos no *corpus* o predomínio da realização nula do causado nesse contexto (70%) sobre as demais opções de realização lexical (30%), como se vê na tabela abaixo⁵⁴:

Complemento Infinitivo					
Causado			Frequência	Porcentagem	
Realização Lexical	Causativa Românica	(DP) Acusativo	04	26	24%
		(PP) Dativo	07		
		Clítico Acc. / Dat.	15		
	<i>Faire-Par</i>	Oblíquo Não-Dativo (PP)	07	06%	
Realização Nula (Interpretação arbitrária)			80	70%	
Total			113	100%	

Tabela 8 - Causado em complementos infinitivos

As causativas românicas, embora menos produtivas que as realizações nulas, se mostram constantes, com um total de 26 (vinte e seis) orações, incluindo os causados DP, PP e clítico, o que corresponde a 24% do total das infinitivas. As construções do tipo *Faire-Par*, com causado oblíquo não-dativo, tiveram apenas 07 (sete) ocorrências. As construções com causado nulo tiveram 80 (oitenta) ocorrências.

Esses dados demonstram que, nos séculos XVIII e XIX, ainda havia uma vitalidade da construção causativa românica, embora haja escassez das orações FP, que correspondem apenas a 6% do total dos dados com complemento finito. Os dados também mostram o domínio das estruturas com causado nulo e verbo no infinitivo sem flexão nessa época.

1.3 Complemento Infinitivo Flexionado

Outra característica relevante em relação às construções com complementos infinitivos nos dados diacrônicos é a ausência (quase categórica) da flexão⁵⁵ no infinitivo. O

⁵⁴ Cf. Anexo 6. Gráfico representativo da Tabela 8.

⁵⁵ Está-se atento ao fato de que em alguns contextos, com determinadas pessoas gramaticais, como 3.p.s., por exemplo, a flexão não aparecerá. Esse aspecto não é controlado neste estudo.

corpus desta dissertação é composto de 151 (cento e cinquenta e uma) orações causativas, dessas, apenas 01 (uma) apresenta o complemento com verbo infinitivo flexionado (cf 18).

(18) e (S. Exa.) *fés fazerem* pás [paz] entre dois homens os mais principaes daquelle Julgado, (BM, 119;1174)

Nesta oração, em particular, observa-se que o sujeito da oração completiva é nulo, de interpretação indeterminada. Apesar desse tipo de construção se mostrar pouco freqüente nos dados diacrônicos, o infinitivo flexionado aparece com uma certa regularidade no PB atual.

1.4 Resultados

Considerando-se os complementos finitos e infinitivos⁵⁶, a primeira constatação que se faz é a de que as construções com predicado infinitivo se mostraram mais produtivas do que as com predicado finito, como pode ser observado na Tabela 9 abaixo.

Complemento	Nº de ocorrências	Porcentagem
Finito	37	25%
Infinitivo	113	75%
Total	150	100%

Tabela 9 - Complementos finitos e infinitivos

Os dados da Tabela 9 vão ao encontro dos resultados obtidos por Bittencourt (1995) sobre a diacronia do português, que constatam que o uso de complemento finito, no contexto das causativas, é menos freqüente que a ocorrência de complementos infinitivos em todos os séculos estudados (do XVI ao XX).

Em relação à realização do causado, apresentamos a seguir uma tabela com sua distribuição nos complementos infinitivos e finitos, em que se percebe que pode ser nula ou lexical, no último caso como um DP, um PP ou um clítico⁵⁷.

⁵⁶ No número de ocorrências do complemento infinitivo acima, não foi computado o único dado de oração encaixada com infinitivo flexionado (cf. 18), equivalente a 0,65% do total dos dados. Porém, esse dado não é descartado da análise deste trabalho.

⁵⁷ Cf. Anexo 7. Gráfico representativo da Tabela 10.

Causado	Evento Causado		Total
	Infinitivo	Finito	
Nulo (Interpretação arbitrária)	80	12	92
(DP) Nominativo	-	15	19
(DP) Acusativo	04	-	
(PP) Dativo – or. matriz	-	10	17
(PP) Dativo – or. subordinada	07	-	
(PP) Oblíquo Não-Dativo	07	-	07
Clítico Acusativo	12	-	15
Clítico Dativo	03	-	
Total	113	37	150

Tabela 10 - Complementos finitos e infinitivos em função da realização do causado.

No quadro geral, a configuração mais produtiva nos documentos da Capitania de Goiás nos períodos dos séculos XVIII e XIX é aquela com complemento infinitivo e causado nulo de interpretação arbitrária. Constatamos também a existência de construção semelhante às observadas no Capítulo 2, as causativas românicas (Faire-Infinitif), em que o causado é realizado como PP ou como clítico (dativo ou acusativo); e as do tipo Faire-Par, em que o causado é realizado como PP oblíquo não-dativo.

Assim, tem-se abaixo sistematizada a reorganização das estruturas relevantes encontradas no português do Centro-Oeste dos séculos XVIII e XIX⁵⁸:

i) Evento Causado com verbo FINITO:

a) Causado Lexical DP – na oração encaixada

(19) A distancia que separa a Cidade de Matto Grosso do Trono do nosso Amado Imperador (...) **faz** que os Despotismos, e Arbitrariedades *sejaõ* ali frequentes. (MMP-105)

b) Causado Lexical Dativo (PP) – na oração matriz

(20) **mando** aoz Parochos q tanto q chegar ao Seu dstricto algú comboyo de escravos *saibaó* do condutor delles aq.^m oz vendeo p^a o que o poderáo obrigar adeclarallo debaixo de juram.¹⁰. (DE-DRC)

⁵⁸ Para uma divisão na distribuição dos dados de acordo com a fonte do *corpus* cf. Anexo 8 – Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes, Anexo 9 – Documentos Eclesiásticos e Anexo 10 – Matutina Meyapontense.

c) Causado Indeterminado – na oração subordinada

(21) Poresta forma hey por acabados estes capitulos que **mando** se *cumpram*, e guardem como nelles se contem com pena de excomunhaô. (DE-HMC)

ii) Evento Causado com verbo no INFINITIVO SEM FLEXÃO:

a) Causativa Românica - Causado Lexical DP ou Dativo (PP)⁵⁹

(22) porem qual vigilante Sentinella, deve **fazer** *chegar* aos pés do Throno a omissão do Funcionamento publico. (MMP-97)

(23) A junta do Hospital da Caridade **faz** *saber* ao publico, que tendo seo Presidente tomado a si a responsabilidade (...) a Roda da Loteria andarâ impreterivelmente no dia sete do mez de Janeiro (MMP-118)

b) Causado Lexical Oblíquo não-dativo (PP)⁶⁰

(24) S. Ex^a. o **mandou** *reprehender* publicam^{te}. pello Ajud^{te}. das ordens. (BM, 131; 1326)

c) Causado Nulo (Interpretação arbitrária)

(25) mas os parentes tanto fizeraõ, que Consequieraõ de S. Rm. **deixar** *enterrar* o mancebo na Igreja; (MMP-20)

iii) Evento Causado com verbo INFINITIVO FLEXIONADO:

(26) e (S. Exa.) **fés** *fazerem* pás entre dois homens os mais principaes daquelle Julgado, (BM, 119;1174)

⁵⁹ *Faire-Infinitif*

⁶⁰ *Faire-Par*

2. Diacronia vs. Sincronia

Nesta seção, consideramos os resultados referentes aos séculos XVIII e XIX em confronto com o PB atual (entendido em sua manifestação nos séculos XX e XXI). Para tanto, além do estudo de Bittencourt (1995), discutido anteriormente, consideramos ainda a análise de Andrade (2002), cuja descrição coincide com aquela apresentada em Bittencourt (op. cit.), embora os dados da primeira não sejam colhidos em *dados reais de fala*, como no caso da segunda. Da mesma forma, para efeito de traçar uma linha diacrônica com os dados desta pesquisa, consideramos dados da intuição, seja a minha própria intuição de falante nativo da língua, seja de outros falantes consultados, que se identificam como integrantes da comunidade de fala do português do Centro-Oeste, na atualidade.

2.1 Complemento Finito: Tendência à Perda e à Substituição pelo Infinitivo

Os principais, embora poucos, trabalhos que tratam, no todo ou em parte, de complementação causativa no português não consideram as estruturas com complemento finito tão significativas quanto as com complemento infinitivo, a ponto de dedicarem análise especificamente sobre o assunto (cf. Bittencourt 1995; Gonçalves 1999; Andrade 2002; Freire 2007). Além de Salles (2007), apresentada na página seguinte, apenas Perini (1977) discute mais a fundo complementos finitos, ao mostrar diferenças semânticas e sintáticas entre eles e os complementos infinitivos.

Conforme visto anteriormente, no português do Centro-Oeste colonial, foram encontradas três configurações de construções causativas com complemento finito: com causado DP na oração encaixada (cf. 19), causado PP na matriz (cf. 20) e causado indeterminado (cf. 21). Essas orações ainda podem ser encontradas, embora raramente, na variante culta do PB, principalmente na modalidade escrita (cf. 27).

- (27)
- a. Renato mandou que Raul organizasse a festa.
 - b. ?Renato mandou a Raul que organizasse a festa.
 - c. ?Renato mandou que organizassem a festa.

Essa observação vai ao encontro dos resultados de Bittencourt (1995), que constata que, na diacronia, é verificada perda gradual das construções causativas do PB com predicado finito a partir do início do século XIX, o que significa aumento de orações com complemento infinitivo (cf. também Borges & Salles 2005). A perda da construção causativa com complemento finito pode ser analisada no contexto do estudo de Salles (2007).

A autora propõe que construções infinitivas, como (28), do PB, ocorrem em substituição a construções finitas com o subjuntivo, como (29), encontradas na variedade padrão do PB, no PE, e comparáveis às causativas com complemento finito do português do Centro-Oeste dos séculos XVIII e XIX.

- (28) a. Elis disse para eu varrer a casa.
b. Elis disse para as moças varrer(em) a casa.
- (29) a. Elis disse-me que varresse a casa.
b. Elis disse às raparigas que varressem a casa.

A autora nota que “a substituição da oração finita pela infinitiva, como decorrência da neutralização da oposição morfológica entre indicativo e subjuntivo, é crucial com predicados ditos *indiferentes*” (p. 404), como o verbo ‘dizer’ por exemplo, os quais caracterizam-se por não selecionar lexicalmente a modalidade da oração subordinada.

A oração infinitiva introduzida por ‘para’ é associada à leitura *irrealis* (cf. 28), a oração finita com o verbo no indicativo é associada à leitura *realis* (cf. 30), o que sugere que, no PB, a modalidade / evidencialidade é codificada gramaticalmente pela finitude.

- (30) Elis disse que as moças varreram a casa.

A construção inovadora, em (28), também parece estar relacionada com o fato de que o OI no PB é introduzido pela preposição ‘para’, e não ‘a’ como no PE (e também no português do Centro-Oeste colonial). Assim, a sintaxe do dativo⁶¹ no PB, em oposição ao PE, é outro fator que contribui para distinção das duas línguas.

A respeito dos predicados causativos, eles podem ser analisados como construções que codificam a modalidade diretiva / deôntica (*irrealis*) (cf. 31), em oposição àquelas que codificam a modalidade epistêmica (*realis*) (cf. 32).

⁶¹ Essa questão especificamente será retomada na Seção 2.2 deste Capítulo.

- (31) Elis mandou as moças varrer(em) a casa.
 (32) Elis disse que as moças varreram a casa.

No período pretérito, nos séculos XVIII e XIX, as construções causativas, que codificam a modalidade diretiva (*irrealis*,) e as construções que codificam a modalidade epistêmica (*realis*) apresentavam complemento finito e infinitivo. No período atual, mediante o contraponto entre o PB e os dados da diacronia, Salles (2007) constata “a substituição da oração finita pela infinitiva na codificação da modalidade diretiva, por um lado, e o uso da oração finita com predicados epistêmicos / declarativos, por outro, o que permite afirmar que a finitude constitui fator de variação paramétrica” (p.409).

Conforme apresentado acima, pode-se afirmar que a tendência das construções causativas do PB é a da perda da construção com predicado finito (subjuntivo), desde modo, alinhando-se às demais línguas românicas que apresentam apenas causativas com verbo no infinitivo⁶², com exceção do espanhol que ainda mantém a estrutura finita⁶³.

2.2 Complemento Infinitivo: Causativa Românica vs. Construção ECM

Considerando-se então a (tendência à) perda da construção causativa com complemento finito, resta ao PB atual⁶⁴ a construção com complemento infinitivo. Porém, esse complemento infinitivo, hoje, não apresenta as mesmas características das do português do Centro-Oeste colonial. Enquanto este apresentava estruturas do tipo causativa românica, aquele apresenta uma construção inovadora, como visto na Introdução (p. 24).

Como proposto por Kayne (1975), no Capítulo 2, a causativa românica possui uma propriedade bastante específica: a ordem dos constituintes da oração encaixada, em que o causado ocorre à direita do verbo no infinitivo.

⁶² Cf. Kayne (1975) para os casos do francês; Guasti (1996) para o italiano; Alsina (1997) para o catalão.

⁶³ Verificamos em Cabrera (1991: 480) que o espanhol apresenta predicados com verbo no infinitivo (i) e com verbo finito (ii):

(i) He hecho que el general *limpie* los lavabos.

(ii) He hecho al general *limpiar* los lavabos.

⁶⁴ Na presente discussão não se fez levantamento de dados quantitativos do PB. Baseio-me em minha intuição de falante nativo e em julgamentos colhidos junto a outros falantes e em estudos anteriores sobre essa questão. Considero também resultados quantitativos de Bittencourt (1995), expostos no Capítulo 2.

Muitos autores (cf. Guasti (1996), Alsina (1997), Gonçalves (1999), Matos (2000), entre outros) afirmam que o causado é selecionado por um predicado complexo⁶⁵, em que o verbo subordinado associa-se ao verbo matriz formando uma unidade, i.e., uma construção mono-oracional. Cada um dos dois verbos da construção causativa contribui com suas propriedades lexicais e semânticas para a seleção dos argumentos pelo complexo verbal.

As causativas românicas caracterizam-se por uma alteração das funções sintáticas indicativas de que o predicado complexo foi formado (cf. Gonçalves 1999). Assim, se o verbo encaixado for intransitivo, o causado comporta-se como um OD do complexo verbal (cf. 33); se o verbo encaixado for transitivo, o causado comporta-se como um OI (constituído com a preposição ‘a’) do complexo verbal, construção já denominada *Faire-Infinitif* (cf. 34)⁶⁶:

- (33) Il a fait partir son amie.
‘Ele fez partir seu amigo’.
- (34) Il fera boire un peu de vin à son enfant.
‘Ele fez beber o vinho ao seu filho’.

A unidade sintática desse complexo verbal pode ser comprovada mediante certos fenômenos como a negação da sentença e a colocação dos pronomes clíticos, entre outros. Os exemplos seguintes são de Matos (2000)⁶⁷ sobre a causativa românica no PE, semelhantes à encontrada no português do Centro-Oeste colonial:

(i) Sabendo-se que só pode haver um marcador de negação por frase, a ocorrência da negação em uma construção causativa românica mostra a existência de um único domínio oracional, visto que nessa construção apenas pode ser negado o complexo verbal como um todo.

- (35) a. O guia **não** fez comprar o catálogo da exposição aos turistas.
b. *O guia fez **não** comprar o catálogo da exposição aos turistas.
- (36) a. Porque me consta terem havido nesta matriz descuido de se **naó** mandarem buscar os santos oleos novos (DE-APC2)

⁶⁵ A respeito de predicado complexo cf. Baker (1988).

⁶⁶ Os exemplos (33) e (34) são de Kayne (1975).

⁶⁷ Os exemplos (36) e (39) foram retirados do *corpus* desta dissertação.

(ii) Do mesmo modo, a colocação dos pronomes clíticos na causativa românica confirma a existência de um único domínio oracional, embora possa se dizer que esses pronomes sejam interpretados como argumentos do verbo subordinado, só podem se cliticizar junto do verbo mais alto, tanto o OI (cf. 37) quanto o OD (cf. 38).

- (37) a. O guia fez-**lhes** comprar o catálogo da exposição.
 b. *O guia fez compra-**lhes** o catálogo da exposição.
- (38) a. O guia fê-**lo** comprar aos turistas.
 b. *O guia fez comprá-**lo** aos turistas.
- (39) V.m. atirou a luva, e houve quem lha tomasse para me **fazer** *sahir* a campo a vista do seo N° 63. (MMP-79)

Embora do ponto de vista sintático a construção causativa românica se comporte como um domínio oracional único, por meio do complexo verbal, do ponto de vista semântico, ela continua a ser interpretada como construção causativa que representa dois eventos: o evento causador e o evento causado. Também vale observar que do ponto de vista morfológico os dois verbos do complexo verbal causativos são independentes.

Esse predicado complexo, também observado nas frases do período diacrônico do português do Centro-Oeste, que provoca uma reordenação dos constituintes do domínio encaixado das construções causativas, não é, porém, encontrado nas causativas do português atual⁶⁸:

- (40) James mandou Maria sair.

A frase (40) apresenta uma construção causativa com dois verbos que se mantêm independentes, tanto do ponto de vista sintático, quanto do ponto de vista morfológico, embora subordinados entre si. Nesse caso, os verbos ‘mandar’ e ‘sair’ possuem cada um a sua própria grade temática (cf. Gonçalves 1999). O domínio encaixado descreve um evento, ‘a saída de Maria’, e o domínio mais alto outro, ‘James desencadeia um evento x’, ou seja, um evento causado e um evento causador, respectivamente.

⁶⁸ Os exemplos de (41) a (48) foram extraídos de Gonçalves (1999).

Essa independência sintática pode ser comprovada pelo fato de que a sentença infinitiva encaixada pode receber flexão verbal, mostrando assim que há um local disponível para um DP sujeito (cf. 41).

(41) Kurt mandou os meninos saírem.

Outro fator que confirma essa tese é a verificação de que a subida do clítico acontece apenas dentro do domínio encaixado e não é possível o movimento para o domínio mais alto (cf. 43).

- (42) a. O professor mandou George entregar os trabalhos rapidamente.
 b. O professor mandou George entregá-los rapidamente.
 c. *O professor mandou-os George entregar.

A restrição de negação apenas ao domínio oracional como um todo também não é verificada no PE (cf. Gonçalves 1999; Matos 2000 entre outros), assim como no PB atual. Os exemplos (43) e (44) mostram que as duas partes da construção causativa mantêm seus próprios domínios oracionais distintos, ainda que um subordinado a outro, onde há a possibilidade de apenas o domínio encaixado ser negado (cf. 43b e 44b):

- (43) a. Kurt **não** mandou os meninos saírem de casa.
 b. Kurt mandou os meninos **não** saírem de casa.
 (44) a. O professor **não** mandou George entregar os trabalhos rapidamente.
 b. O professor mandou George **não** entregar os trabalhos rapidamente

Essas frases do português atual, em que não se verifica concordância do causado com o verbo infinitivo no domínio encaixado, têm sido analisadas como construções do tipo ECM (cf. Gonçalves 1999; cf. também Freire 2007, entre outros). Assim, o DP ‘os meninos’ é o sujeito da oração infinitiva e têm associado o traço de Caso acusativo, e não nominativo:

- (45) a. Robert mandou os meninos sair.
 b. Robert mandou-os sair.
 (46) a. O piloto mandou os mecânicos arrumar o carro.
 b. O piloto mandou-os arrumar o carro.

Como visto anteriormente, a causativa românica caracteriza-se por permitir que o constituinte que é tradicionalmente interpretado como sujeito do domínio infinitivo encaixado, o causado, ocorra em posição pós-verbal.

(47) a. Robert mandou sair os meninos.

(48) a. O piloto mandou arrumar o carro aos mecânicos.

Assim sendo, o aspecto capital que distingue a causativa românica da construção com ECM é a formação do complexo verbal ($V_{\text{causativo}} + V_{\text{infinitivo}}$), que ocorre na primeira e não ocorre na segunda construção. Essa distinção tem como efeito mais evidente a reordenação dos constituintes no domínio encaixado. Na construção ECM, os constituintes aparecem de acordo com a ordem canônica do português, i.e, o sujeito (causado) precede o verbo, enquanto, na construção causativa românica, o causado ocorre em posição final, seja ele um DP ou um Dativo (cf. Gonçalves 1999).

Dessa forma, tem-se configurada a estrutura causativa românica como sendo mono-oracional, em que o complexo verbal seleciona e atribui Caso Acusativo ao primeiro argumento (OD de verbos transitivos ou causado de intransitivos) e quando necessita licenciar outro argumento (causado de verbos transitivos) o faz através de atribuição do Caso dativo. Da mesma forma, tem-se configurada a estrutura ECM como sendo bi-oracional, em que o verbo causativo seleciona como complemento a oração infinitiva e atribui Caso acusativo ao causado quando o infinitivo encaixado não está flexionado.

Em relação ao estatuto bi-oracional das construções causativas do PB, adotamos a análise de Andrade (2002), segundo a qual o verbo causativo seleciona uma oração do tipo CP. Essa estrutura é motivada pela análise das propriedades morfossintáticas e semânticas da estrutura encaixada. Assim, é possível postular a presença da categoria funcional Tempo (T), a qual apresenta traços de pessoa e número, que se manifestam morfologicamente no infinitivo, licenciando o caso nominativo, e da categoria funcional C, a qual codifica a leitura modalizada do evento causado, em que se depreende quer a interpretação de tempo não realizado (*irrealis*), no caso da construção com o verbo diretivo (mandar), quer a interpretação de tempo contingente, no caso da construção com o verbo causativo (fazer).

Outro fator a ser considerado na mudança paramétrica das construções causativas é a reanálise da codificação do dativo⁶⁹. Além de constatar que a realização das estruturas do tipo causativa românica, principalmente a com causado expresso como um dativo, deixou de ser produtiva no PB no período que corresponde ao final do século XIX e início do século XX, Bittencourt (1995) estabelece correlação com a inovação significativa na codificação do dativo no PB.

A correlação com a sintaxe do dativo é ressaltada em Andrade (2002)⁷⁰, que menciona ainda a questão da perda da preposição ‘a’, relacionando-a à ausência da construção causativa FI no PB e à reanálise dessa construção. Como se sabe, o PB distingue o uso das preposições ‘para’, ‘em’ e ‘de’ em complementos dativo e locativo direcional, enquanto o PE usa a preposição ‘a’ nesses contextos (cf. 49). Também, o PB usa preposição ‘para’ em contextos benefactivos, enquanto que o PE usa ‘a’ (cf. 50).

- | | | |
|------|---|------|
| (49) | a. John deu um livro <u>para</u> o Ringo. | (PB) |
| | a'. John deu um livro <u>ao</u> Ringo. | (PE) |
| | b. Jimmy chegou <u>em</u> Portugal. | (PB) |
| | b'. Jimmy chegou <u>a</u> Portugal. | (PE) |
| | c. A verdade escapou <u>do</u> Ozzy. | (PB) |
| | c'. A verdade escapou <u>ao</u> Ozzy. | (PE) |
| (50) | a. Comprei um livro <u>para</u> o João. | (PB) |
| | a'. Comprei um livro <u>ao</u> João. | (PE) |

Salles (2007: 411) também propõe que o uso da preposição ‘para’ como introdutora do objeto indireto no PB, ocorre em substituição à preposição ‘a’ apenas em contexto em que a preposição ‘para’ codifica uma interpretação semântica de transferência. “Assim, a preposição ‘para’ é compatível com construções bitransitivas, em que se verifica a transferência de posse, mas não com construções causativas, em que não se depreende tal leitura (cf. 51a). O que ocorre então é a realização do causado em posição adjacente ao verbo

⁶⁹ Para uma abordagem a respeito do desenvolvimento da sintaxe do objeto indireto no PB, com resultados de pesquisa diacrônica em confronto com dados sincrônicos, considerando-se ainda dados do PE, veja-se Moraes & Berlinck (2006). Nesse trabalho, além de apresentar revisão de estudos prévios, as autoras apontam implicações entre a perda da sintaxe do redobro do clítico no PB e o surgimento da gramática inovadora, em que o pronome ocorre na configuração preposicional, sem cliticização.

⁷⁰ Baseada em Salles & Scherre (2001). *Indirect object in ditransitive constructions in Brazilian Portuguese*. Comunicação ao XXXI LSRL, Chicago. EUA.

da matriz (supostamente, na ordem SV) (cf. 51b), deixando, portanto, de ser introduzido pela preposição ‘a’”. O mesmo ocorre com verbos como ‘obedecer’ e ‘agradecer’, que também sofrem essa restrição da ocorrência da preposição ‘para’ como introdutora de objeto indireto. Devido à incompatibilidade desses verbos com o traço semântico de transferência, eles têm o argumento relevante mapeado como OD (cf. 52), e não como sujeito, conforme observado pela autora:

- (51) a. Janis mandou varrer a casa à moça / *para moça.
b. Janis mandou a moça varrer a casa.
- (52) a. Johnny obedece / agradece ao pai / *para o pai.
b. Johnny obedece / agradece o pai.

Diante dessas evidências, pode-se chegar à constatação de que as propriedades inovadoras de construção causativa no PB estão associadas à reanálise do complexo verbal, que deixa de existir como uma unidade mono-oracional e dá lugar a uma estrutura bi-oracional, com dois verbos independentes sintaticamente. Essas propriedades inovadoras do português também estão relacionadas à sintaxe do dativo (cf. ainda Andrade (2002); Salles (2007)).

Assim, Salles (2007) conclui que os fatos representados por (51) e (52) indicam que a reanálise na codificação do dativo no PB compreende dois processos: “(i) uso da preposição ‘para’ introdutora do objeto indireto, restrito a contextos com interpretação de transferência de posse; (ii) mapeamento sintático do argumento relevante na posição de objeto direto” (p. 412).

3. Considerações parciais

Neste capítulo, pôde-se constatar os padrões das construções causativas produzidas na região Centro-Oeste do Brasil no período colonial. A saber, o complemento finito realiza lexicalmente o causado de duas formas, uma por meio de um DP na oração subordinada, na posição de sujeito; outra por meio de um PP na oração matriz, na posição de OI.

O processo de interpretação arbitrária identificado nos complementos finitos é de natureza gramatical distinta da que se verifica em complementos infinitivos. Na primeira constata-se que a indeterminação do causado é um efeito da composição morfológica do

verbo subordinado (3^a.p.s.+‘se’ ou 3^a.p.p.), enquanto na segunda tem-se a interpretação arbitrária devido à não-realização do causado. Essa estrutura será retomada no Capítulo 4, devido ao fato de ser a estrutura mais produtiva no período verificado e por se manter gramatical no português atual.

Além do causado nulo com interpretação arbitrária, complementos infinitivos sem flexão expressam o causado lexicalmente por meio de um nome (DP) se o verbo encaixado for intransitivo, ou por meio de um oblíquo dativo se o verbo encaixado for transitivo direto (FI). Essas construções são chamadas causativas românicas e se mostraram produtivas nos dados observados. Co-ocorrendo com as causativas românicas, as construções do tipo *Faire-Par* se mostraram menos freqüentes do que aquelas, as FI.

No período colonial em geral, as causativas com complementos infinitivos eram mais utilizadas do que as com complemento finito. Essa tendência já foi confirmada por Bittencourt (1995) sobre a diacronia do português e também por Andrade (2002) sobre o PB sincrônico.

Constatamos que o PB atual apresenta (tendência à) perda da construção causativa com complemento finito e causado DP realizado na oração subordinada. Construções finitas com causado oblíquo dativo (cf. 20) e causado indeterminado (3^a.p.s.+‘se’ ou 3^a.p.p.) (cf. 21) não são mais frequentemente encontradas no período presente.

Atribuímos essa mudança à recodificação gramatical da modalidade verbal e à recodificação do dativo. O processo de reanálise da codificação do dativo também afeta a mudança das estruturas causativas com complemento infinitivo.

Além de causativas com complemento finito, também não se encontram no PB atual construções do tipo causativa românica (cf. 22 e 23) nem construções do tipo *Faire-Par* (cf. 24). Essas construções foram analisadas como estruturas mono-oracionais, pois possuem um complexo verbal que licencia o causado categoricamente à direita do verbo. Porém, o PB atual desenvolveu um tipo de construção que não existia no período colonial, com complemento infinitivo (flexionado ou não), causado não-preposicionado e anteposto ao verbo subordinado. Essa estrutura foi analisada como bi-oracional, em que o causado ocupa posição de sujeito do verbo encaixado e pode ser licenciado pela flexão do infinitivo ou pelo verbo causativo através de ECM.

O fator determinante que distingue as causativas do PB colonial das do PB atual está na reanálise do complexo verbal. As construções causativas com complemento infinitivo deixaram de ser mono-oracionais e passaram a ser bi-oracionais.

Como defendido por Gonçalves (1999), nas construções causativas, o elemento indicativo de que o complexo verbal foi formado é a posição de realização do causado, sempre à direita do complexo verbal.

Um fator para a não-identificação desse complexo verbal é a mudança na codificação do dativo, com a substituição do uso da preposição ‘a’ pela preposição ‘para’ (como a preposição ‘para’ não é compatível com a semântica dos verbos causativos, então essas construções passaram a realizar o argumento sem a preposição e em posição de sujeito).

Como verificado anteriormente, as construções causativas encontradas no *corpus* do período diacrônico estudado apresentam o fenômeno da interpretação arbitrária do causado, que é gerada nos contextos sintáticos em que, na oração subordinada, o causado é nulo, e o verbo infinitivo ocorre sem flexão.

Essa construção foi encontrada em todos os períodos pretéritos do português do Brasil – como atestam os dados colhidos para o presente estudo, nos documentos dos séculos XVIII e XIX produzidos no Centro-Oeste, e também naqueles colhidos por Bittencourt (1995), que abarcam período mais amplo, do século XVIII ao XX – e ainda está presente no português atual. Porém, algumas línguas, como o inglês, por exemplo, não permitem a realização nula do causado nesse contexto, e conseqüentemente uma interpretação arbitrária.

Apresentaremos a seguir, como a teoria de Regência e Ligação e o programa de investigação minimalista tratam o licenciamento dessa categoria vazia. Em seguida, propõe-se uma análise desse fenômeno no português, com base em uma abordagem diacrônica e em uma comparação translingüística, levando-se em consideração traços sintáticos e semânticos dos verbos causativos.

1. Fundamentação Teórica

1.1 A Categoria PRO na Teoria de Regência e Ligação

No quadro teórico de Princípios e Parâmetros⁷¹, encontra-se a formulação original da teoria do Caso, na qual se desenvolve a abordagem da categoria PRO, identificada na posição de sujeito de orações infinitivas (sem flexão). Nesta seção examinamos as propriedades da categoria PRO, a fim de verificar se tal categoria está presente na configuração causativa com sujeito nulo e interpretação arbitrária do causado.

1.1.1 Categoria PRO

Uma característica das orações com verbos no infinitivo (sem flexão) é que em muitos casos elas não têm sujeitos realizados lexicalmente, i.e., não permitem nessa posição DPs lexicais, como nos exemplos abaixo:

- (01) a. *Anthony's plan [Jeff to sell sandwiches].
 b. *Mike tried [Stone to play the marimba].

Porém, não é difícil identificar que esses infinitivos têm um sujeito argumental, embora haja condições especiais para sua interpretação. Assim, verificamos que a frase se torna gramatical se retiramos o sujeito lexical do verbo infinitivo, e a única interpretação possível para esse sujeito é a de correferencialidade com o sujeito da matriz:

- (02) a. Anthony's plan [___ to sell sandwiches].
 b. Mike tried [___ to play the marimba].

Essa idéia de que verbos infinitivos possuem sujeito argumental é fundamentada por diversos construtos teóricos, sendo elas crucialmente a Teoria da Estrutura Argumental e o Princípio da Projeção. De acordo com a Teoria da Estrutura Argumental, a entrada lexical

⁷¹ Esta Seção 1.1 é desenvolvida segundo Chomsky (1981, 1986) e baseada nos trabalhos de Lobato (1989), Raposo (1992), Roberts (1997) e Rabelo (2004). Por essa razão, mantemos os exemplos dos autores, o que explica o amplo uso de dados do inglês. Essa decisão se faz ainda necessária porque a exemplificação em português freqüentemente leva à contraposição com a construção com o infinitivo (flexionado), que se caracteriza por admitir o sujeito lexical.

de cada verbo possui uma grade temática, que especifica o número e os traços semânticos intrínsecos dos seus argumentos (papel-temático). Por essa proposta, os verbos ‘empurrar’ e ‘entregar’ têm suas grades temáticas representadas como a seguir⁷²:

(03) ‘empurrar’ (Agente, Tema)

Renato empurrou o colega.

(04) ‘entregar’ (Agente, Tema, Alvo)

Omara entregou a chave para o porteiro.

O exemplo (03) mostra que o verbo ‘empurrar’ seleciona dois argumentos, um interno e um externo⁷³. O interno está exemplificado pelo termo ‘o colega’ e a ele é atribuído o papel temático de Tema. O argumento externo, ‘Renato’, tem o papel temático de Agente, que é atribuído pelo predicado (verbo + complemento). O mesmo acontece com o verbo ‘entregar’, que possui um argumento interno a mais, que recebe papel temático de Alvo (cf. 04).

Dada essa exigência semântica dos predicados, é de se esperar que os verbos no infinitivo possuam também uma estrutura argumental e uma grade temática com todas as especificações descritas acima. Com base nisso, pode-se supor que haja em (02) a seleção de um argumento Agente, realizado em posição de sujeito, embora esse argumento não seja realizado lexicalmente.

A idéia fundamental do Princípio de Projeção é a de que as estruturas sintáticas são diretamente determinadas pela estrutura argumental dos itens lexicais.

(05) Princípio de Projeção:

As representações em cada nível sintático (Estrutura Profunda, Superficial e Forma Lógica) são projetadas do léxico, i.e., observam as propriedades temáticas dos itens lexicais.

⁷² Extraídas de Raposo (1992: 283).

⁷³ Williams (1981, apud Raposo 1992: 284) chama de Argumento Externo o argumento realizado em posição de sujeito, pois se realiza fora da projeção máxima VP do verbo e chama de Argumento Interno os demais argumentos realizados dentro da projeção VP do verbo.

A esse princípio se acrescenta o Princípio de Projeção Estendido, que estabelece a exigência de um elemento sintático na posição de sujeito. Como o sujeito deve ser sempre projetado, pode-se entender que isso ocorre também com as orações infinitivas e que há, portanto, uma categoria sintática satisfazendo esse princípio.

Em uma construção causativa, por exemplo, têm-se dois predicados atribuidores de papel-theta, a oração matriz e a oração encaixada. O Critério-Theta obriga que esses dois papéis-theta (um de cada predicado) sejam satisfeitos por argumentos distintos, um para o predicado da oração matriz e outro para o predicado encaixado.

Como observado por Roberts (1997), o teste da paráfrase pode ser usado para comprovar a existência de um argumento sujeito de orações infinitivas. Ele afirma que, parafraçando o exemplo (02a) o argumento sujeito da oração encaixada aparece como um pronome, conforme ilustrado em (06):

(06) Anthony_i's plan [that he_i would sell sandwiches].

Dadas as semelhanças de significado entre (06) e (02) e o fato de se saber, a partir da Estrutura Argumental e do Princípio de Projeção, que o argumento sujeito de uma oração encaixada deve ser sintaticamente presente, pode-se concluir que o sujeito de verbos infinitivos, como em (02), é um pronome foneticamente silencioso, denominado PRO.

1.1.2 Distribuição de PRO

Depois de comprovar a existência de uma categoria sintática na posição de sujeito, denominada PRO, vale considerar que PRO tem uma distribuição bastante restrita, ocorre apenas como sujeito de verbo infinitivo. Surgem então algumas indagações: por que PRO só pode aparecer em posição de sujeito de infinitivo? Por que as sentenças em (01) são agramaticais?

Para responder essas questões, faz-se necessária uma outra observação: se for inserida a preposição *for* antes da oração infinitiva de (01a), ela se torna gramatical (cf. 07). Também, se for trocado o verbo *try* em (01b) por *want* ou *believe*, as frases tornam-se gramaticais (cf. 07-09):

(07) Anthony's plan *for* [Jeff to sell sandwiches].

- (08) Mike wants [Stone to play the marimba].
 (09) Mike believes [Stone to play the marimba]

De acordo com a tradição, os verbos e as preposições regem certos casos (verbos regem principalmente Caso Acusativo e preposições regem Casos Acusativo, Dativo ou Ablativo). Pode-se captar o contraste entre (01) e (07-09) se for dito que todo DP lexical necessita de Caso e que os verbos *want/ believe* e a preposição *for* atribuem Caso ao sujeito.

Em (01a), o sujeito do infinitivo não é marcado com Caso, enquanto em (07), devido à presença da preposição *for*, o sujeito recebe Caso. Do mesmo modo, a diferença entre (01b) e (08-09) pode ser considerada como uma diferença das propriedades de marcação de Caso dos verbos *try, want* e *believe*. A posição de sujeito de infinitivo não é uma posição marcada por Caso (exceto na presença de preposição ou um verbo capaz de atribuir Caso ao sujeito da oração subordinada). Portanto, somente categorias vazias como PRO podem aparecer nessas posições. Tem-se então a explicação da Teoria do Caso para a distribuição de PRO. Entretanto, observa-se que, mesmo em algumas posições em que o Caso não é atribuído, PRO não é licenciado (cf. Chomsky 1995):

- (10) *They expressed the belief [_{IP} PRO to be intelligent]
 (11) *It was believed [PRO to be intelligent]
 (12) *It seems [PRO to be intelligent]

Em (10), tanto o nome *belief* como o IP infinitivo não podem atribuir Caso. Em (11-12) o Caso não pode ser atribuído nem pelos verbos (passivo e de alçamento, respectivamente), nem pelo IP infinitivo. Isso leva à conclusão de que outro atributo sintático (que não o Caso) está envolvido no licenciamento de PRO. Mas que atributo é esse?

Observando-se (13), a seguir, tem-se a constatação de que, devido ao fato de a posição de objeto das orações passivas não poder receber Caso, a frase (13b) deveria ser gramatical de acordo com a Teoria do Caso. Porém, não é isso que ocorre. Essa posição é uma posição de Regência⁷⁴, i.e., uma posição de complemento de um verbo transitivo, e disso

⁷⁴ Segundo Lobato (1986; 365), Regência é a formalização da noção tradicional de complemento que se relaciona com a noção tradicional de regência. Na terminologia tradicional, o objeto direto é o complemento de um verbo e o complemento nominal é o complemento de um nome. A gramática gerativa amplia essa noção tradicional para captar o fato de as categorias A(djetivo) e P(reposição) também admitirem complementos e formaliza essa noção de Regência: A rege B se, e somente se → (i) A = X^o; (ii) A c-comanda B e B não está protegido de A por uma projeção máxima.

decorre a agramaticalidade de (13b). Todavia, essa não é uma posição de Caso, pois trata-se de uma construção passiva, e o verbo neste tipo de construção não tem a capacidade de atribuir Caso ao seu complemento.

- (13) a. We never expected [PRO to be found t_{PRO}]
 b. *We never expected [there to be found PRO]

Assim, tudo leva a concluir que é a regência (e não Caso) o princípio sintático responsável pela distribuição de PRO. Desse modo, pode-se formular a condição de distribuição de PRO:

- (14) PRO é não-regido.

1.1.3 Interpretação da Referência de PRO

Uma questão adicional para a caracterização da categoria PRO é a determinação da referência de PRO. Em (15a), PRO encontra seu referente, obrigatoriamente, na oração imediatamente superior à oração infinitiva, uma situação discutida anteriormente. Diferentemente, em (15b), PRO é interpretado como tendo referência arbitrária, pois não há um antecedente disponível na oração matriz. Isso faz com que o sujeito seja interpretado como um humano indeterminado, i.e., um humano de interpretação arbitrária. Em (15c), o referente de PRO pode tanto estar na oração matriz, mesmo estando distante, quanto ter uma interpretação arbitrária.

- (15) a. Amanda_j disse para seus amigos que Raul_i quer PRO_{i/*j} tomar sorvete.
 b. PRO_{arb} Fumar é prejudicial à saúde.
 c. Amanda_j disse para seus amigos que seria fácil PRO_{j/arb} derrubar o reitor.

Comparando orações constituídas com pronome, como em (16), com as orações construídas com a categoria PRO em (15b-c), pode-se observar que PRO e o pronome (lexical) compartilham certas propriedades: não possuir antecedente (16b), ou poder ter um antecedente distante (16c).

- (16) a. *O menino_i viu ele_i.
 b. Eu sou o Dalmo.
 c. O Chico_i disse que o George viu ele_i / viu-o_i sair.

A categoria PRO pode ainda ser comparada à categoria das anáforas, pela propriedade de requerer, em determinado contexto, um antecedente, como em (15a) e (17a).

- (17) a. O menino_i se_i viu.
 b. *Se saiu.
 c. *O Chico_i disse que o George se_i cortou.

Assim, PRO é considerado um elemento, ao mesmo tempo, [+pronominal] e [+anafórico], portanto ambíguo, pois tem sua interpretação dirigida pelos Princípios A e B⁷⁵ da Teoria da Ligação, que se refere à interpretação das anáforas e dos pronomes, respectivamente.

De acordo com os princípios da Teoria da Ligação e do conceito de regência, PRO deveria ser um elemento livre e também ligado ao mesmo tempo, o que é uma contradição, pois é impossível uma categoria estar livre e ligada ao mesmo tempo na sua categoria de regência. Tem-se aqui mais uma evidência para a condição de que PRO é não-regido, pois somente assim ele pode se comportar ora como uma anáfora, ora como pronome.

1.2 A categoria PRO no Programa Minimalista

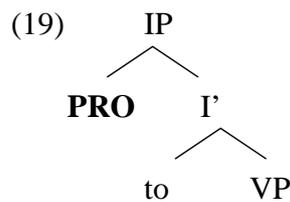
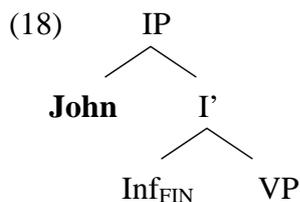
Como visto na teoria de Regência e Ligação, a distribuição de PRO é explicada em termos da hipótese de não ser regido. Se PRO não é regido, não pode ser marcado com Caso, já que Caso é atribuído sob regência. O Programa Minimalista⁷⁶ não aceita essa explicação e aponta alguns problemas decorrentes dessa afirmação.

O primeiro deles é que PRO e sujeitos de oração finita aparecem em uma mesma configuração estrutural:

⁷⁵ Princípio A: uma anáfora deve estar ligada em sua categoria de regência.

Princípio B: um pronome deve estar livre em sua categoria de regência.

⁷⁶ Esta Seção 1.2 baseia-se em Chomsky (1995). A obra de Hornstein et al. (2005) também foi consultada.



Dada a noção de regência⁷⁷, que faz uso de configuração estrutural, não é esperado que a categoria I finito possa reger seu Spec e o I infinitivo não possa. Se considerarmos isso, teremos que postular que somente Inf finito pode ser um regente, o que não parece ser coerente.

Outro problema é que em determinado contexto PRO se move de uma posição regida para uma posição não-regida, apenas para satisfazer o Teorema de PRO (cf. 14). Observe os exemplos abaixo de Hornstein et al (2005: 129):

(20) [it is rare [PRO_i to be elected t_i in these circumstances]]

(21) *[it is rare [PRO_i to seem to t_i that the problems are insoluble]]

Para uma adequação teórica, é necessário que o mecanismo que se aplica a (20) também se aplique a (21): PRO se moveria de uma posição de regência (objeto da passiva ou objeto da preposição) para uma posição não-regida (Infl infinitivo). As duas orações deveriam, portanto, ser gramaticais, mas (21) não é.

Além disso, se PRO não é marcado por Caso, viola a Condição de Visibilidade, segundo a qual um DP só é visível para marcação-theta, se for marcado com Caso.

Os pressupostos do Programa Minimalista supõem uma reformulação da teoria do Caso, em que a exigência de regência é excluída, e a atribuição de Caso é feita mediante a checagem de traços do DP e da categoria funcional relevante. Assim, a justificativa para a distribuição de PRO em termos da noção de que não é regido perde sentido. Dada a exigência de que o DP deve ser marcado por Caso para ser visível para a marcação-theta, propõe-se que PRO tem Caso, sendo esse Caso Nulo, checado pela categoria Infl infinitivo, que é especificado para checar Caso Nulo. Assim a frase (21) é explicada pelo fato de que um elemento não pode se mover de uma posição de Caso para outra posição de Caso.

⁷⁷ Cf. nota n° 74 (p. 97).

2. O Causado Nulo de Interpretação Arbitrária

Conforme visto no Capítulo 3, as construções causativas do período diacrônico estudado admitem a possibilidade de interpretação arbitrária do causado. Além da interpretação indeterminada devido aos processos usuais descritos pela tradição gramatical: de flexão do verbo na 3ª pessoa do singular seguido da partícula 'se' (cf. 06, Capítulo 3) ou verbo flexionado na 3ª pessoa do plural (cf. 07, Capítulo 3), constatamos que essa interpretação também ocorre em contextos em que a oração completiva possui o verbo no infinitivo sem flexão.

Como mencionado anteriormente, essa configuração foi amplamente encontrada no *corpus*. Entre as 113 frases com complemento infinitivo, 80 (oitenta) frases, equivalente a 70%, apresentam interpretação arbitrária do causado. Considerando as 150 orações do *corpus*, essas construções representam mais de 50% do total dos dados.

Outro fator que estimulou a pesquisa desse assunto é a escassez de trabalhos dedicados exclusivamente a esse tema. Encontramos apenas um autor, Davies (1994), que observa uma ocorrência muito alta de sujeitos nulos de interpretação arbitrária nos complementos infinitivos dos verbos causativos e perceptivos nos textos⁷⁸ dos séculos XIV e XV.

2.1 Propriedades das Construções com Interpretação Arbitrária do Causado

Conforme apresentado no capítulo, anterior as causativas do PB no Centro-Oeste dos séculos XVIII e XIX apresentam o fenômeno da interpretação arbitrária do causado que é gerada nos contextos sintáticos em que, na oração subordinada, o verbo infinitivo ocorre sem flexão, e o causado é nulo (cf. 22).

- (22) a. O Intendente e os mais officiaes da Caza da Fundação **fizerão** *fazer* no tempo em que Sua Excellencia alý rezidia quatro Operas. (BM, 101; 919)

⁷⁸ O *corpus* de Davies (1994) é constituído de textos do século XIV (Demanda do Santo Graal, Joseph de Arimatea etc); e do séc. XV (Crônicas de: D. Fernando, Afonso Henriques, D. João II etc), além de textos do século XX (textos literários, linguagem falada na cidade de São Paulo).

b. o reverendo parcho o doutor Felipe da Sylvera e Souza, vizitou os sanctos oleos (...) e achou tudo decente com as declaraçoens abaixo expressadas e **fez ler** as ditas com todos os artigos da constetuiçam. (DE-APC)

c. Privados do recurso da imprensa livre, esses cidadãos por nenhuma maneira poderiaõ **fazer ouvir** os seus clamores. (MMP-134)

Em relação ao PB, constatamos que essa referência arbitrária encontrada no período diacrônico (cf. 22) também se manifesta nas construções causativas do período sincrônico:

- (23)
- a. João mandou lavar o carro.
 - b. Os bombeiros fizeram evacuar o prédio.
 - c. Maria deixou quebrar o boneco de Judas.

Nesse sentido, podemos dizer que o PB preserva a construção de interpretação arbitrária do causado no contexto de estruturas infinitivas sem flexão com realização foneticamente nula desse causado.

2.1.1 A Transitividade do Verbo Encaixado

Constatamos no *corpus* que as construções cujo causado é nulo, com interpretação arbitrária, possuem categoricamente verbo transitivo direto na oração encaixada, i.e., no evento causado.

- (24) Mandei *buscar* na Fazenda da Caiçara, cento e tantas Egoas. (MMP-91)

Essa observação também é pertinente para o português atual. Somente construções causativas com verbos transitivos diretos em seus complementos permitem a interpretação arbitrária do causado (cf. 25 e 26).

- (25)
- a. Janis mandou as crianças *arrumar* a casa.
 - b. Janis mandou *arrumar* a casa.
- (26)
- a. Janis mandou as crianças *encher* a piscina.
 - b. Janis mandou *encher* a piscina.

Já complementos com verbos transitivos indiretos (cf. 28 e 29) e com verbos intransitivos (cf. 30 e 31) não permitem a realização nula do causado:

- (27) a. Nina mandou Frank *ir* para praia.
b. *Nina mandou *ir* para praia.⁷⁹
- (28) a. Nina mandou Frank *concordar* com Eddie.
b. *Nina mandou *concordar* com Eddie.
- (29) a. Jim mandou as crianças *correr*.
b. *Jim mandou *correr*.
- (30) a. Jim mandou as crianças *entrar* em casa.
b. *Jim mandou *entrar* em casa.

Acaso o verbo ‘mandar’, nos exemplos acima (cf. 25 - 30), seja substituído pelo verbo ‘fazer’, ou até mesmo pelo verbo ‘deixar’, não haveria nenhuma mudança na interpretação da (a)gramaticalidade das novas sentenças. Todas elas seriam gramaticais apenas com o verbo transitivo direto e agramaticais com os verbos transitivos indiretos ou intransitivos. Assim, podemos concluir que as estruturas com interpretação arbitrária do causado apresentam uma restrição sintática: admitem apenas verbos transitivos diretos como complemento.

Outro ponto que pode ser deduzido desses exemplos é sobre a interpretação arbitrária do causado. Em todas as frases, também naquelas possíveis com os verbos ‘fazer’ e ‘deixar’, verificamos que o causado lexical possuiu o traço [+ humano]. Nas frases que admitem a realização nula do causado, a interpretação arbitrária também possuirá obrigatoriamente o traço [+ humano], independentemente do verbo causativo que esteja na matriz. A presença desse traço é uma restrição da construção causativa e não do verbo propriamente dito.

⁷⁹ Admite-se ainda a interpretação em que o sujeito do infinitivo é interpretado como de 2ª.p.s. (ou a 1ª.p.p. inclusiva), significando “Nina mandou (você / a gente) ir para a praia”. Conforme sugere Salles (c.p.), nesse caso, o sujeito não é PRO, mas a categoria **pro** (marcada como nominativo, sendo o infinitivo pessoal).

2.1.2 Restrição Semântica à Interpretação do Causado.

Os exemplos em (25-30), constituídos com verbo ‘mandar’, também podem ocorrer com o verbo causativo ‘fazer’, sem nenhum prejuízo para as propriedades sintáticas da oração. Porém, há uma diferença entre as construções com os verbos ‘mandar’ e ‘fazer’ no que diz respeito à interpretação e distribuição do causado com verbos transitivos diretos na oração infinitiva.

Vimos anteriormente que Perini (1977) distingue a interpretação da causativa com complemento infinitivo e finito, apontando uma oposição quanto ao modo de o verbo causativo acionar o causado a executar a ação, que seria de forma direta (com complemento infinitivo), como em (31a), ou indireta (com complemento finito), como em (32a). Verificamos ainda que o verbo ‘mandar’, quando codificador da causação ‘direta’, seleciona obrigatoriamente um causado [+humano] ‘Lúcia’ (cf. 31a), não permitindo a realização de um causado com o traço [-humano] (cf. 31b). Quando o verbo ‘mandar’ codifica uma causação indireta, há a possibilidade de realização de um causado com o traço [-humano] (cf. 32b).

- (31) a. O reitor mandou Lucia subir no mastro.
 b. *O reitor mandou os livros ficarem no porão.
- (32) a. O reitor mandou que Lucia subisse no mastro.
 b. O reitor mandou que os livros ficassem no porão.

Porém, Perini (1977) não considerou em sua análise as construções causativas com o verbo ‘fazer’, que admitem um causado [-humano] na construção infinitiva, em que a causação é direta (cf. 34).

- (33) a. O reitor fez os livros ficar(em) no porão.

Nesse sentido, a restrição na interpretação do sujeito não é decorrente da oposição oração finita vs. oração infinitiva na configuração causativa, mas do tipo de verbo. Nota-se, ainda, que a construção com o sujeito [-humano] é encontrada com verbos inacusativos (cf. 34).

- (34) a. *Janis mandou a piscina encher.
b. Janis fez a piscina encher

Assim, tem-se que o causado com realização lexical pode ser representado tanto com traços [+humano] quanto com traço [-humano], o que é determinado não pela estrutura causativa, mas sim pelo tipo de verbo causativo, já que se verifica diferença nas orações com os verbos ‘mandar’ e ‘fazer’. Tal restrição está associada ao fato de que o verbo ‘mandar’, por suas propriedades lexicais, seleciona um evento interpretado como uma *ordem*, o que requer obrigatoriamente um receptor da ordem, que deve ser [+humano].

O contraste quanto ao tipo de verbo no que se refere à interpretação do causado não se mantém nas construções em que o verbo no infinitivo tem o sujeito nulo, em que se verifica que o causado com interpretação arbitrária possui obrigatoriamente traço [+humano]. Essa exigência é, porém, mais ampla, aplicada a todos os contextos em que a interpretação é arbitrária.

2.2 Análise das Construções com Interpretação Arbitrária do Causado

Como visto anteriormente em Guasti (1996), existem dois tipos de construções causativas nas línguas românicas: as causativas *Faire-Infinitif* (cf. 35), que expressam uma relação entre três elementos: (i) o causador, (ii) o evento causado e (iii) o causado; as causativas *Faire-Par* (cf. 36), que expressam uma relação entre dois elementos: (i) o causador e (ii) o evento causado.

- (35) I soldati_i hanno fatto pulire le toilette_{ii} al generale_{iii}.
‘Os soldados fizeram limpar o banheiro ao general’
- (36) I soldati_i hanno fatto pulire le toilette_{ii} (dal generale).
‘Os soldados fizeram limpar o banheiro (pelo general)’

Vimos também que a construção *Faire-Par* está relacionada a construções passivas, o que se confirma pela possibilidade de a realização do causado ser opcional, i.e., ele pode ser omitido sem nenhum prejuízo para a interpretação sintática e semântica da oração. Tal fato permite um paralelo em relação à manifestação do agente da passiva.

(36)' I soldati; hanno fatto pulire le toilette;

‘Os soldados fizeram limpar o banheiro’

Do mesmo modo, foi visto que o português dos séculos XVIII e XIX na Capitania de Goiás também apresenta as construções *Faire-Infinitif* (cf. 37) e *Faire-Par* (cf. 38).

(37) Como tendo lido em a Matutina verdades, que devem **faser** *córar a algumas* da nossa Provincia. (MMP-115)

(38) S. Ex^a. **fés** *remeter pello expediente das suas ordens*, muntas copias aos mais Arrayaes. (BM, 139; 1436)

Considerando-se as propostas de análise de Kayne (1975) e Guasti (1996) sobre a estrutura *Faire-Par*, podemos dizer que o português da região estudada também admite o apagamento do causado em suas estruturas do tipo *Faire-Par*. Assim, a frase resultante seria como as do exemplo abaixo, i.e., construções causativas com interpretação arbitrária do causado (cf. 39).

(39) a. este metal encantador (...) tinha a magica virtude de **fazer** *interromper* as amidades, **fazer** *esquecer* a honra, e probidade. (MMP-22)

b. O Imperador **mandou** *reempossar* o Coronel Poupino no seo emprego. (MMP-137)

Com base nesses fatos, podemos fazer um paralelo entre as propriedades da construção *Faire-Par* e as de construções com interpretação arbitrária do causado no PB do Centro-Oeste dos séculos XVIII e XIX (cf. 39), em que ambas anunciam uma relação entre causador e evento causado (cf. Borges & Salles 2007b).

Conforme o que foi visto nos capítulos anteriores, consideramos que esse tipo de estrutura é mono-oracional, constituída de um complexo verbal [verbo causativo + verbo infinitivo]. Consideramos também o ‘princípio da preservação da estrutura do Caso’, de Baker (1988), segundo o qual as capacidades do Caso de um verbo complexo, criado por incorporação verbal, são as mesmas de um verbo simples. Assim, esse complexo verbal resolve sua questão de marcação de Caso atribuindo seu único Caso acusativo ao NP do evento, já que o causado é nulo.

Considerando a restrição de que as construções com interpretação arbitrária do causado ocorrem somente com verbos transitivos diretos, e considerando que somente os verbos transitivos diretos podem sofrer apassivação, é possível supor que as construções causativas com causado nulo são instâncias da *Faire-Par*, a qual, conforme demonstrado, permite um paralelo estrutural com a passiva. A isso se relaciona a questão do traço [+humano] do causado. Tanto esse causado nulo (mas sintaticamente presente) quanto o agente da passiva compartilham a propriedade de possuírem esse traço.

2.2.1 A Questão do Inglês e das Línguas Românicas

Um aspecto interessante é que, do ponto de vista translingüístico, a construção causativa com a interpretação arbitrária do causado não é encontrada em línguas como o inglês, conforme ilustrado em (40), em oposição ao português (cf. 41).

- (40) a. *John made wash the car.
b. John made *Ringo* wash the car.
- (41) a. João mandou lavar o carro.
b. João mandou *Gil* lavar o carro.

Sabe-se que o inglês é uma língua que não possui, nem possuiu em nenhum período de sua diacronia, construções como as do tipo *Faire-Par* (cf. 42).

- (42) *John made wash the car by Ringo.

Se a relação vista na seção anterior entre as estruturas com interpretação arbitrária do causado e *Faire-Par* está correta, a impossibilidade do inglês apresentar frases com interpretação arbitrária do causado é devida ao fato de o inglês não possuir a estrutura do tipo *Faire-Par*.

Quando o inglês necessita expressar uma frase em que o agente da oração resultada é lexicalmente ausente, o recurso da apassivação é acionado (cf. 43).

- (43) a. John had the car washed.
b. John had the car washed by him.

Outra evidência para a relação entre interpretação arbitrária do causado e *Faire-Par* é estabelecida com as línguas francesa e italiana. Como visto, sabe-se que essas duas línguas possuem em seu sistema as estruturas do tipo FP e admitem frases em que o causado tem interpretação arbitrária quando foneticamente nulo em complementos infinitivos:

(44) Je fais laver la voiture.

‘Eu fiz lavar o carro.’

(45) Ho fatto lavare la macchina.

‘Eu fiz lavar o carro’

Conforme visto no Capítulo 2, essa interpretação é possível devido ao apagamento do causado em estruturas do tipo *Faire-Par*, em que ele é um adjunto.

(44)’ Je fais laver la voiture *par Jean*.

‘Eu fiz lavar o carro por Jean’

(45)’ Ho fatto lavare la macchina *dal Gianni*.

‘Eu fiz lavar o carro pelo Gianni’

Em português, tinha-se nos séculos XVIII e XIX, como constatado nos dados do Centro-Oeste brasileiro, construções do tipo *Faire-Par* co-ocorrendo com as construções do tipo *Faire-Infinitif*. Já naquela época verifica-se uma maior ocorrência de frases com FI do que com FP. Constatou-se a perda da configuração FI, a qual é crucialmente relacionada à sintaxe do dativo. Em relação à configuração FP, constata-se que não ocorre com o causado expresso lexicalmente em um sintagma preposicional. Descritivamente, é possível supor que a configuração se mantém, desde que o sintagma preposicional não esteja presente.

2.2.2 O Estatuto do Causado Nulo com Interpretação Arbitrária

Vimos que o infinitivo nas línguas se caracteriza por não licenciar o Caso nominativo. Vimos também que em muitos casos, nesse contexto, o sujeito é realizado como uma categoria pronominal nula, o PRO, com distribuição e propriedades referenciais específicas. Entre as possibilidades de interpretação de PRO consta a interpretação arbitrária, como em (15b), repetido como (46):

(46) [PRO_{arb} Fumar] é prejudicial à saúde

Diante desse paralelo, é possível supor que o causado nulo com interpretação arbitrária na configuração causativa do tipo *Faire-Par* é uma categoria do tipo PRO.

(47) João mandou [PRO lavar o carro].

3. Considerações Parciais

Nesta seção examinamos a construção causativa com o causado nulo com interpretação arbitrária. Constatamos que essa construção era produzida na diacronia do PB, mantendo-se até os dias atuais.

Passamos então à análise das propriedades dessa construção. Constatamos a exigência de que o verbo da oração encaixada seja transitivo direto. Verificamos ainda que o causado nulo com interpretação arbitrária é marcado pelo traço [+humano], que caracteriza a interpretação do sujeito indeterminado em outros contextos sintáticos.

Tomando por base a distinção entre causativas *Faire-Infinitif* e *Faire-Par*, constatamos que, no primeiro tipo, o causado é sempre lexical, e que a realização nula do causado só é possível na configuração *Faire-Par*. Essa distribuição permite explicar por que o primeiro tipo não é encontrado no PB, o qual depende crucialmente da realização da função dativo.

Como a estrutura *Faire-Par* não apresenta dativo em sua estrutura, a construção causativa com o causado nulo é mantida no PB. Assim, no PB, quando se pretende realizar lexicalmente o causado faz-se em uma estrutura ECM, com o causado anteposto ao verbo infinitivo simples em substituição a estruturas FI; e quando se pretende omitir o causado faz-se uma estrutura com causado nulo, do tipo FP.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação foram investigados aspectos da história do português brasileiro (PB) no Centro-Oeste, mediante estudo de dados lingüísticos em documentos dos séculos XVIII e XIX, produzidos nessa região, em contraste com a língua do período atual. Em particular, o estudo examinou a codificação gramatical de orações completivas que ocorrem com verbos causativos ‘fazer’, ‘mandar’ e ‘deixar’, dentro do quadro teórico da gramática gerativa.

Para desenvolver o estudo, partimos da caracterização preliminar das propriedades de construção causativa com base, principalmente, em Noonan (1985) e Shibatani (1976), além de Mateus et al. (1989, 2003) e Melo (1970). Apresentamos em seguida contextualização teórica do modelo de Princípios e Parâmetros e ponderações acerca da mudança lingüística em abordagens diacrônicas, sendo consideradas as contribuições de Lightfoot (1991), Kroch (2001), Roberts (1993), além de Cyrino (2007).

Passamos então a uma contextualização histórica da região estudada, o Centro-Oeste brasileiro, enfocando a questão do contato de línguas (as dos índios – maioria do tronco Macro-Jê, Língua Geral Paulista, português, e as línguas dos africanos). Embora não tenhamos elementos para estabelecer correlação direta entre os fatos relativos ao contato de línguas e os fenômenos estudados, entendemos que a contextualização apresentada fornece evidências para uma situação de afluxo migratório e de isolamento populacional, de relevância para estudos futuros. Em seguida, foi explicada a metodologia de constituição do *corpus* colhido nesse contexto de contato de línguas.

Para obter testemunhos que retratassem com fidelidade a forma do português do período pretérito, buscamos recolher documentos, com a preocupação de assegurar a credibilidade historiográfica dos textos. Do século XVIII, foram selecionados documentos oficiais eclesiásticos e diários de viagens; do século XIX, selecionamos correspondências de leitores enviadas ao jornal Matutina Meyapontense.

Na seqüência, iniciamos uma discussão das propriedades das construções causativas, primeiramente sob a ótica de gramáticas históricas e tradicionais da língua portuguesa. Adiante, passamos à abordagem da gramática gerativa, em que foram demonstradas diferentes possibilidades de estruturação sintática das causativas em outras línguas românicas. São elas: (1) as construções do tipo *Faire-Infinitif*, também designadas *causativas românicas*, que apresentam as seguintes propriedades: (i) configuração mono-oracional, formada por um complexo verbal e ordenação dos constituintes do domínio encaixado como VOS; realização do causado em uma configuração preposicional, com função de objeto indireto do complexo verbal, quando o verbo é transitivo; (2) as construções do tipo *Faire-Par*, caracterizadas como mono-oracionais, porém, sem a realização do causado como um argumento do complexo verbal, e sim com a função de adjunto, o que possibilita o seu apagamento na frase, a que se acrescente a identificação com a configuração da voz passiva.

Em relação às construções do português, consideramos dois autores. Perini (1977), que mostrou a possibilidade de ocorrência de uma construção inovadora no PB, em relação às demais línguas românicas. Em particular, trata-se da construção em que o causado se coloca anteposto ao verbo infinitivo sem flexão, o qual pode aparecer também flexionado. Bittencourt (1995), que, examinando o comportamento das construções causativas ao longo dos séculos XVI até o século XX, constatou que complementos com verbos no infinitivo sempre são mais freqüentes que com verbos no subjuntivo, essas últimas apresentando uma tendência ao desaparecimento, tendo também ressaltado que frases *Faire-Infinitif* não são mais produzidas no PB atual, sendo o causado realizado preferencialmente em posição de sujeito e não mais de objeto das orações encaixadas.

Com base nesses estudos, foram examinados no Capítulo 3 os padrões das construções causativas produzidas da região Centro-Oeste brasileira, dos séculos XVIII e XIX. Foram encontradas no *corpus* diacrônico tanto estruturas com complemento finito quanto infinitivo, e a realização do causado tanto sem preposição quanto em uma configuração preposicional. O complemento finito realiza lexicalmente o causado de duas formas, uma por meio de um DP na oração subordinada, na posição de sujeito; outra por meio de um PP na oração matriz, na posição de OI. Em relação às infinitivas, constatamos a alta ocorrência da construção com o causado de interpretação arbitrária (i.e., com realização nula). Verificamos também a possibilidade de realização de construções do tipo *Faire-Infinitif* e do tipo *Faire-Par*, que também possuem as características descritas por Kayne (1975) e Guasti

(1996). Em geral, nos séculos XVIII e XIX as causativas com complementos infinitivos eram mais utilizadas do que as com complemento finito.

Constatamos, assim como Bittencourt (op. cit.), que o PB atual apresenta (tendência à) perda da construção causativa com complemento finito e causado DP realizado na oração subordinada. Construções finitas com causado oblíquo dativo e causado indeterminado não são mais atestadas no PB coloquial do presente período. Atribuímos essa mudança à recodificação gramatical da modalidade verbal e à recodificação do dativo.

No PB atual, constatamos a ausência da construção com o complemento finito (e verbo no subjuntivo), pelo menos em contextos vernaculares, e a ausência da causativa românica (*Faire-Infinitif*), sendo a ausência dessas construções associada, respectivamente, à reanálise na codificação da modalidade (*irrealis*) e do dativo no PB. Em relação à construção *Faire-Par*, consideramos que se mantém, embora haja restrição à realização do causado introduzido pela preposição 'por', cabendo investigar a razão dessa restrição.

As construções causativas encontradas no PB atual, com o causado lexical, são consideradas inovadoras porque não existiam no período colonial: apresentam complemento infinitivo (flexionado ou não), e causado não-preposicionado, anteposto ao verbo subordinado (diferentemente das construções *Faire-Infinitif* e *Faire-Par*, em que o causado lexical ocorre categoricamente à direita do predicado encaixado). A estrutura inovadora foi analisada como bi-oracional, em que o causado ocupa posição de sujeito do verbo encaixado e pode ser licenciado pela flexão do infinitivo ou pelo verbo causativo através de ECM.

O evento determinante na distinção das causativas do PB colonial das do PB atual é, portanto, a reanálise do complexo verbal dessas construções com complemento infinitivo, que deixaram de ser mono-oracionais e passaram a ser bi-oracionais. Atribuímos a não-identificação desse complexo verbal à mudança na codificação do dativo, devido à queda da preposição 'a' nesses contextos de complementação no PB atual.

No Capítulo final, desenvolvemos uma análise da estrutura de complemento infinitivo com a interpretação arbitrária do causado, a qual se destaca pela alta incidência no *corpus* e por se manter gramatical no português atual. Identificamos que essa interpretação arbitrária é devida à realização nula do causado. Na discussão, tomamos por base a distinção entre causativas *Faire-Infinitif* (em que o causado é sempre lexical) e *Faire-Par*, em que o causado pode ser omitido. Constatamos que, no primeiro tipo, o causado é sempre lexical, e no segundo tipo, estando ausente o causado, tem-se a interpretação arbitrária do causado.

Essa distribuição permite explicar por que o primeiro tipo não é encontrado no PB, o qual depende da realização da função dativo.

Como a *Faire-Par* não apresenta dativo em sua estrutura, a construção causativa com o causado nulo é mantida no PB. Assim, no PB, quando se pretende realizar lexicalmente o causado faz-se em uma estrutura ECM, com o causado anteposto ao verbo infinitivo simples em substituição a estruturas FI; e quando se pretende omitir o causado faz-se uma estrutura com causado nulo, do tipo *Faire-Par*. Constatamos também que na construção causativa com o causado nulo com interpretação arbitrária, o verbo da oração encaixada é transitivo direto, sendo o causado nulo com interpretação arbitrária marcado pelo traço [+humano], que caracteriza a interpretação do sujeito indeterminado em outros contextos sintáticos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ALSINA, A. (1997). “A theory of complex predicates: evidence from causatives in Bantu and Romance” in ALSINA, A. et al (1997). *Complex predicates*. Stanford-CA: CSLI Publications.
- ANDRADE, J. C. (2002). *As construções causativas do português do Brasil na perspectiva gerativa*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.
- AUSTIN, J.L. (1990). *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas
- BAKER, Mark. (1988). *Incorporation: A theory of grammatical function changing*. Chicago: University of Chicago Press.
- BECHARA, E. (2004) *Moderna Gramática Portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna.
- BITTENCOURT, V. O. (1995). *Da expressão da causatividade no português do Brasil: uma viagem no túnel do tempo*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- BORGES, D. V. C. (2005). *Complementação sentencial no português da província de Goiás no século XVIII*. Monografia. Universidade de Brasília (ms.).
- BORGES, D. V. C. (2007). “Complementação de verbos causativos na diacronia do português do Brasil”. Comunicação ao V Congresso Internacional da ABRALIN. Caderno de Resumos. Belo Horizonte: UFMG. pp. 398-399.
- BORGES, D. V. C. & SALLES, H. M. M. L. (2005a). *Construções causativas em documentos eclesiásticos do século XVIII, em Vila Boa de Goiás-GO*. Relatório final. PIBIC/CNPq/UnB.
- BORGES, D. V. C. & SALLES, H. M. M. L. (2005b). *O Centro-Oeste na História do Português Brasileiro: Primeiras Reflexões*. In Anais do IV congresso internacional da ABRALIN. Brasília: [s.n.], 2005. pp.1541-1548.
- BORGES, D. V. C. & SALLES, H. M. M. L. (2007a). “Estruturas Causativas na Diacronia do Português do Brasil: Complementação Oracional Infinitiva Versus Finita”. *Anais do III Encontro Nacional do Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste*. Brasília. (a sair).
- BORGES, D. V. C. & SALLES, H. M. M. L. (2007b). “Construções Causativas na Diacronia do Português: Centro-Oeste – Séculos XVIII e XIX”. In Anais do Encontro do GT Teoria da Gramática – ANPOLL. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/sintaxe/index_gt.html>

- CABRERA, J. C. M. (1991). *Curso universitario de lingüística general I*. Madrid: Síntesis.
- CASTILHO, A. (2004). “Corpus Diacrônico do Português Brasileiro”. Comunicação apresentada no 1º Encontro Internacional da Associação Internacional de Lingüística do Português. Lisboa. Disponível em <<http://www.fl.ul.pt/pessoais/ailp/encontro/ataliba.htm>>. Acessado em 05 de fevereiro de 2008.
- CHOMSKY, N. (1981). *Lectures on Government and Binding*. Foris, Dordrecht, 1981.
- CHOMSKY, N. [1986]. *O Conhecimento da Língua – sua natureza, origem e uso*. Trad. Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves (1994). Lisboa: Caminho.
- CHOMSKY, N. (1995). *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press.
- CHOMSKY, N. (1998). *Linguagem e mente*. Trad. Lúcia Lobato. Brasília: Ed. Universidade de Brasília.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. (2001). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 748 p.
- CYRINO, S. M. L. (2007). “Mudança Sintática e o Português Brasileiro”. In: CASTILHO, A. et al. (Orgs.). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. Campinas/SP: Editora Pontes. v. 1, p. 361-373.
- DAVIES, M. (1994). "Parameters, Passives, and Parsing: Motivating diachronic and synchronic variation in Spanish and Portugueses". In: BEALS, K. et al. (ed.) *Variation and Linguistic Theory*. Vol. 2. Chicago: CLS. pp. 46-60.
- DIAS, A. E. da S. (1970). *Syntaxe Histórica Portuguesa*. 5 ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora. Imprensa Portuguesa. p. 442.
- DUBOIS, J. (1995). *Dicionário de lingüística*. 5. ed., São Paulo: Cultrix.
- FREIRE, G. N. (2007). *Verbos Perceptivos e Causativos: Complementação Infinitiva, Aspectos Sintáticos, Semânticos e de Aquisição*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina.
- GALVES, C. M. C. (Coord.). (2004). *Projeto Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros & Mudança Lingüística*. Projeto Completo – Fase II. São Paulo: FAPESP. Disponível em: <http://www.ime.usp.br/~tycho>. Capturado em 30/06/2006. Acessado em 22/03/2008.
- GALVES, C. M. C. (2007). “A Língua das Caravelas: Periodização do Português Europeu e Origem do Português Brasileiro”. In: CASTILHO, A. et al. (Orgs.). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. Campinas/SP: Editora Pontes. v. 1, p. 513-527.

GONÇALVES, A. (1999). *Predicados Complexos Verbais em Contexto de Infinitivo não Preposicionado em Português Europeu*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa. Portugal.

GUASTI, M. T. (1996). *Semantic restrictions in romance causative and the incorporation approach*, in *Linguistic Inquiry*, vol. 27, n° 2, pp. 294-313.

HORNSTEIN, N.; NUNES, J. & GROHMANN, K. (2005). *Understanding Minimalism*. Cambridge: CUP.

KAYNE, R. S. (1975). *French syntax: The transformation cycle*. Cambridge, Mass: MIT Press.

KROCH, A. (2001). *Syntactic change*. In Baltin, M. & C. Collins (eds.) *Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Oxford: Blackwell.

LIGHTFOOT, D. (1991). *How to set Parameters: arguments from language change*. Cambridge: MIT Press.

LIGHTFOOT, D. (1999). *The Development of Language*. Oxford:Blackwell.

LOBATO, L. M. P. (1986). *Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão a teoria da regência e ligação*. Belo Horizonte: Vigília. 558 p.

MARTINS, A. M. (2003). “Ambigüidade estrutural e mudança lingüística: A emergência do infinitivo flexionado nas orações complemento de verbos causativos e perceptivos”. In BRITO, A. M. et al. (Orgs). *Lingüística Histórica e História da Língua Portuguesa*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Portugal.

MATEUS, M. H. M. et al. (1989). *Gramática da Língua Portuguesa*. 3 ed. Lisboa: Editorial Caminho.

MATEUS, M. H. M. et al. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. 5 ed. Lisboa: Editorial Caminho.

MATOS, G. (2000). “Desvio e Conhecimento Lingüístico em construções causativas do Português Europeu”. In FARIA, I. H. (2000). *Lindley Cintra: Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Lisboa: Edições Cosmos / FLUL. pp. 541-564.

MELO, G. C. (1970). *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. p. 404.

MORAIS, M. A. C. R. T. & BERLINCK, R. A. (2006). “A caracterização do objeto indireto no português: aspectos sincrônicos e diacrônicos”. In: LOBO, T. et al (Orgs.). *Para a História do Português Brasileiro: novos dados, novas análises*. Vol. 6. Salvador: EDUFBA. p. 73-106.

NOONAN, M. (1985). “Complementation”. In: SHOPEN, Timothy (org.). *Language typology and syntactic descriptions – Vol II Complex constructions*. Cambridge: Cambridge University Press.

- PERINI, M. A. (1977). *Gramática do infinitivo português*. Petrópolis: Editora Vozes.
- RABELO, P. C. (2004). *Sobre a Questão do Controle com o Infinitivo Flexionado Português*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. 83 p.
- RAMOS, J. (1992). *Marcação de Caso e Mudança Sintática no PB*. Tese de doutoramento. Unicamp.
- RAPOSO, E. (1987). "Case Theory and Infl-to-Comp: the inflected infinitive in European Portuguese". *Linguistic Inquiry*. n.18. pp. 85-109.
- ROBERTS, I. (1997). *Comparative Syntax*. London: Arnold.
- ROBERTS, I. & KATO, M. (Orgs.) (1993). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas-SP: Editora da Unicamp.
- ROCHA LIMA (2003). *Gramática normativa da língua portuguesa*. 43. ed. Rio de Janeiro: J Olympio. 553 p.
- SAID ALI, M. (1964). *Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964. 1 v
- SALLES, H. M. M. L. (2004a). *Diversidade e mudança lingüística na perspectiva da gramática gerativa*. In: *Atas do II Encontro Nacional do Gelco*, Goiânia.
- SALLES, H. M. M. L. (2004b). *O Centro-Oeste na História do Português Brasileiro*. Projeto de Pesquisa/ Pibic Edital 2004/2005.
- SALLES, H. M. M. L. (2007). "Complementação Oracional na Diacronia do Português do Brasil". In: CASTILHO, A. et al. (Orgs.). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. Campinas/SP: Editora Pontes. v. 1, p. 403-418.
- SHIBATANI, M. (1976). "The grammar of causative constructions: a conspectus". In SHIBATANI, M. (Ed.), *Syntax and semantics: The grammar of causative constructions*. Vol. 6 (pp. 1-40). New York: Academic Press.

SÓCIO-HISTÓRIA

- BRASIL, A. (1961). *Súmulas de história de Goiás*. 2. ed. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura.
- CASTRO, Y. P. (2001). *Falares Africanos na Bahia*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- CHAIM, M. M. (1974). *Aldeamentos indígenas na capitania de Goiás: sua importância na política do povoamento (1749-1811)*. Goiânia: Oriente. 240 p.

MATTOS E SILVA, R.V. (Org.) (2001). *Para a História do Português Brasileiro*. Vol. II: Primeiros Estudos. Tomos I e II. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 556 p.

MATTOS E SILVA, R.V. (2004). *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 175 p.

CAMBRAIA, C. N.; MEGALE, H.; TOLEDO NETO, S. A. (2001). “Subsídios para a fixação de normas de transcrição de textos para estudos lingüísticos I, II e III”. in MATTOS E SILVA, R.V. (Org.) (2001). *Para a História do Português Brasileiro*. Vol. II: Primeiros Estudos. Tomos I e II. São Paulo: Humanitas/FAPESP, 556 p.

PALACIN, L. (1972). *Goiás, estrutura e conjuntura numa capitania de Minas*. Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás.

PALACIN, L. & MORAIS, M. S. (1994). *História de Goiás: 1722-1972*. 6. ed. Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás.

RODRIGUES, A. D. (1996). “As línguas gerais sul-americanas”. In *PAPIA - Revista de Crioulos de Base Ibérica*. Brasília, v. 4, p. 6-18.

RODRIGUES, A. D. (2002). *Línguas brasileiras*. 4 ed. São Paulo: Loyola.

RUMEU, M. C. B. (2006). “Para uma História do Português do Brasil: Edição de cartas setecentistas e oitocentistas”. In LOBO, T. et al. (org). (2006). *Para a história do Português Brasileiro: Novos Dados, Novas Análises*. Volume VI, Tomos I e II. Salvador: EDUFBA.

SILVA, S.C.S.R. (2002). *Criação e consolidação da capitania de Goiás no universo colonial*. Tese Mestrado. Brasília: UnB.

CORPUS

Século XVIII

Documento 01 (BM)

“Diário 1º da jornada, que do Porto e cidade do Rio de Janeiro fes o Excellentissimo General e Cappitam Governador de Goyaz Joze de Almeyda de vasconcellos de Soveral e Carvalho, para villa boa capital do mesmo Governo, a constituir-se na posse delle”. Por Thomás de Souza, Ajudante das ordens do Governo referido. & “Diário 2º da Marcha, Inspecçoens, e Providencias, que o Excelentíssimo General effectuara na vizita geral de toda a Capitânia de Goyáz”. Pello mesmo autor. *Fac-símile* publicado em:

PINHEIRO, Antônio César Caldas & COELHO, Gustavo Neiva (orgs.). *Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes 1771-1773*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006. 152 p.

Os documentos de nº 02 ao nº 11 compõem o acervo “Goiás 1734-1764. Termos das visitas pastorais, cartas pastorais, provisões, certificados, editais etc”, os quais são listados a seguir em ordem cronológica, a mesma em que aparecem no arquivo:

Documento 02 (AMV)

Título: Cópia dos cap.s da primeira e última vezita, q fez o Dr Alexandre Márquez do Valle, visitador q foi destas minas de Goyas.

Autor: Alexandre Márquez do Valle, vigário da vara e Matriz da Capitania de San Paulo e as de todas as minas dos Guayás.

Local: Arrayal da Snr.a Santa Anna

Data: 02 de novembro de 1734

Redigido por: Antonio Fernandes de Carvalho, escrivão do auditório eclesiástico de Villa Boa de Goyas e sua comarca.

Documento 03 (GJSG)

Título: (sem título)

Autor: Gonçallo José da Sylva Guedes

Local: Villa Boa de Goyás

Data: 08 de agosto de 1742

Copiado pelo Vig. Pedro Monteiro de Araujo em 28 de agosto de 1742 em Villa Boa de Goyas

Documento 04 (JFV)

Título: Traslado do Termo da Vezita

Autor: José de Frias de Vazconcellos

Local: Vila Boa de Goyas

Data: 26 de novembro de 1742

Redigido por Antonio Ferreyra de Noronha

Copiado por Pedro Monteiro de Araujo em 10 de janeiro de 1743

Documento 05 (JFV2)

Título: (sem título)

Autor: Jose de Frias Vazconsellos

Local: Freguezia de Sancta Cruz / Freguezia Da Meya Ponte

Data: 13 dezembro 1742

Redigido por: Antonio Ferreyra de Noronha

Copiado por Pedro Monteiro de Araujo em 11 de janeiro de 1743

Documento 06 (MSS)

Título: Capp.os de vezita em Villa Boa de S. Anna em 17 de 7bro

Autor: Manoel da Silva Sintra

Local: Arrayal da S.ra S. Anna

Data: 26 de agosto de 1748

Redigido pelo Pe. João Nunes Castro

Documento 07 (HMC)

Título: (sem título)

Autor: Hieronymo Moreira de Carvalho

Local: F. Santa Anna da Villa Boa de Goyas

Data: 20 de outubro de 1750

Escrito por: Manoel do Espirito Santo

Documento 08 (APC)

Título: Termo de vizita que fez na Igreja Matris dezta Villa Boa de Goyas o muito reverendo Doutor Antonio Pereira Correa vizitador geral de todas as comarcas de Goyas e Tocantins

Autor: Antonio Pereira Correa

Local: Villa Boa de Goyas

Data: 28 novembro 1751

Escrito por: Joachim Mariano de Castro Lomba

Documento 09 (APC2)

Título: (sem título)

Autor: Antonio Pereira Correa

Local: Villa Boa de Goyas

Data: 30 de maio de 1752

Documento 10 (ADS)

Título: (sem título)

Autor: Antonio Damazo da Sylva

Local: Vila Boa de Goyas

Data: 10 de novembro 1759

Escrito por: Pe Joze Manoel Coelho

Documento 11 (MAV)

Título: (sem título)

Autor: Manoel de Andrade Varnek

Local: Vila Boa de Goyaz

Data: 21 de junho de 1764

Escrito por: Jacinto Monteiro Pinto de Miranda e Souza.

Século XIXDocumento 12 (MMP)

Jornal (microfilmado)

Título: MATUTINA MEYAPONTENSE

Data: 1830-1834

Edições: n° 1 do dia 05 de março de 1830 ao n° 275 do dia 31 de dezembro de 1831.

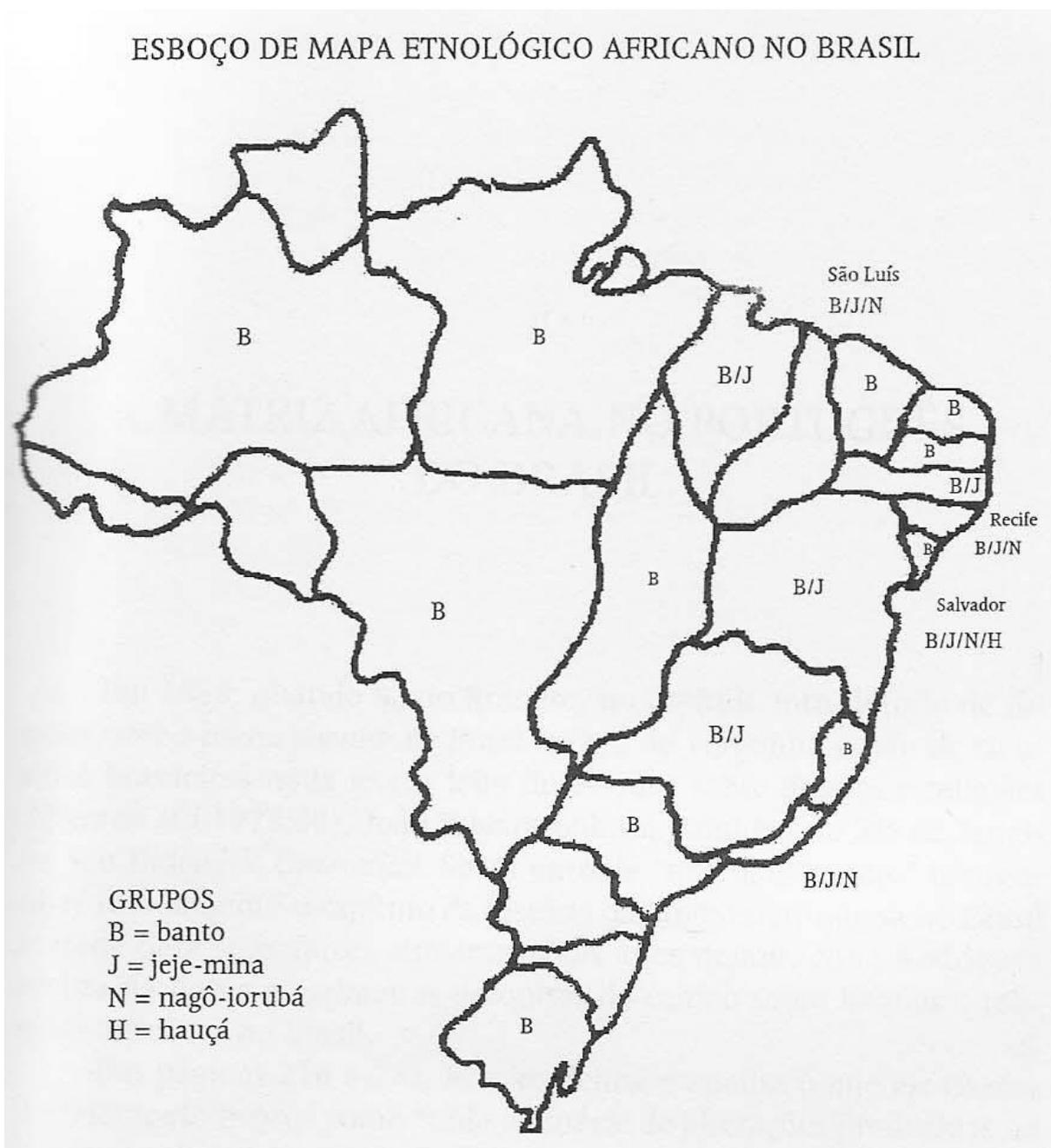
Seção: Correspondência

Impresso na cidade de Meyaponte, da Província de Goiás (atual cidade de Pirenópolis - GO) na Typographia de Oliveira.

Dicionário consultado para o entendimento de palavras do *corpus*:

PINTO, L. M. S. * (1996). *Diccionario da língua brasileira*. Goiânia: SGC / IPEH-BC. p.588. Edição fac-similada publicada em 1832 em Ouro Preto - MG na Typographia de Silva.

* O autor é natural da Província de Goyas, nascido em 1775.



CASTRO, Y. P. de. *Falares Africanos na Bahia*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes – Século XVIII.



Collecção de noticias da capitania de Goyaz / vindas a mãos de Particulares, assim por diarias e cartas, como por copias de Papeis de officio / e de duzidas por sua serie, que tem principio em Mayo de 1772

Diario 1º da Jornada, que do Porto cidade do Rio de Janeiro fez o Excellentissimo General e Capitão Governador de Goyaz Doze de Almeida de Vasconcelos, do Governat e Carvalho, para villa Boa Capital do mesmo Governo a constituir-se na posse d'elle. Por Thomaz de Souza, Ajudante das ordens do Governo Referido

Sahiracite general da Barra de Lisboa em 12 de Setembro de 1771 parára por alguns mezes no Rio de Janeiro, em foyor etta, assistio a Li as Juntas ordinarias da Real Fazenda, Economia, e varias outras dependencias daquelle Governo, ás quaes prezide

[1]

Colleccão de notissias da Capitania de Goyaz (vindas a mãos de particulares; asim por Diarios, e Cartas, como por cópias de Papeis de officios) e de duzida por sua serie, que tem principio em Mayo de 1772. 5

Diário 1º da jornada, que do Porto e cidade do Rio de Janeiro fes o Excellentiſſimo General e Cappitam Governador de Goyaz Joze de Almeyda de vasconcellos de Soveral e Carvalho, para villa boa capital do mesmo Governo, a constituir-se na posse delle. Por Thomás de Souza, Ajudante das ordens do Governo referido. 10
15

Sahíra este General da Barra de Lixboa em 12 de septembro de 1771; parára por alguns mezes no Rio de Janeyro / em todos estes asistio ali ás Juntas ordinárias da Real Fazenda; Economía, e varias outras dependencias da quelle Governo, ás quaes prezide 20

o

PROVINCIA DE GOYAS

MATUTINA MEYAPONTENSE

Subscribe-se para esta Folha na Cidade de Cuiabá na Loja do Senhor João Fleury de Camargo, na Cidade de Goiás na do Senhor Sargento Mor Manoel Francisco Ferreira, na Villa de S. Joao d' El-Rei na Typographia do Astro, na Arrayal de Trohuras em casa do Rm.º Senhor Visuador Manoel da Silva Alvares e neste Arrayal na Typographia de Oliveira. As Folhas, por hora, sahírao as Terças, e Sextas-feiras; o preço da Assignatura 2\$000 reis por trimestre.

Primum rerum principia parva sunt
Sed suis progressionibus usa augetur
Cic. de Fin. lib. v.

PROSPECTO

A liberdade da Imprensa não he considerada, como sustentaculo dos Governos bem considos, não, por que offerece meios para a boa educação geral; por quanto he está, que se he huma base a segurança, e obrigação do Cidadão; he ella, que faz amar a Justiça, e respectar as Authoridades, e obedecer as Leis: hum povo instruído, vendo a necessidade da Nação, abraça, e soffre, sem murmurat, os impostos; considera o Governo, como o seo maior bem, e aborrece o homem sedicioso, e turbulento, como o maior inimigo da Sociedade: não entra pois em duvida, que a instrução seja a melhor, e maior Garantia dos Governos Constitucionaes.

Firme nestes principios, e persuadido, que os Periodicos tem concorrido, em grande parte, para se espalharem as luzes entre o povo, emprehendi a ardua em presa de redigir o Periodico MATUTINA MEYAPONTENSE, que terá em vista o seguinte.

Integra dos Decretos e Resoluçoens da Assembléa Geral.

Decretos, Provisões, e Avisos lançados no Diario Fluminense, que forem applicaveis a esta Provincia.

Hum extracto das Sessões de ambas as Cámaras Legislativas.

Além dos Discursos dos Senhores Senadores, e Deputados.

As Leis Nacionaes, e Estrangeiras colhidas nos dous Periodicos.

Recebem-se todas as Correspondencias, vindo em as formalidades legaes, e se guardará hum segredo, quando assim o exijao; protesta-se porem de não se aceitar correspondencias que não se compadeçerem com a decencia, e que deve apparecer nos escriptos de huma Patria, que so tem por fim a Felicidade da Pa-

tria na identificação de todos os Brasileiros com a Constituição, eo IMPERADOR.

Talves pareça mais que audacia, o pertender eu offerecer aos meos Patricios Goyanos, hum Periodico, em hum Arrayal, se bem que o mais populoso da Provincia, falto todavia de communicaçoes, por estar situado fora da Estrada geral, e distante de Goyas 26 legoas, para onde unicamente tem hum Correio mensal: talvez haja mesmo quem diga, que a empresa he superior as minhas forças e que não calei lei atarefa que me impuz; eu concordo em todos e he mesino porque reconheço a pobreza dos meos talentos, que nenhum outro nome mepareceo taõ analogo a este Periodico, como o de Matutina; cuja luz muito pouco clareia, mas como não se lhe pode negar ser a Precursora do Dia, creio que assim mesino hirei dissipando as trevas, ate que Espiritos illuminados queiraõ espalhar suas luzes. Possuindo pois de hum verdadeiro Patriotismo, so tendo em vista o bem ser da Nação, e soccorrido pelas sabias doutrinas da Aurora, Astro, Pharol, e outros mais Periodicos verdadeiramente amigos do IMPERADOR, e do Brasil espero satisfazer o que tenho emprehendido.

ARTIGOS DE OFFICIO

Primeira Sessão Preparatoria

Aos vinte e nove dias do mez de Novembro de mil oite centos, e vinte e noye, oitavo da Independencia, e do Imperio, pelas nove horas da manhã, nesta Cidade de Goiaz, em o Paço destinado para as Sessões do Conselho Geral da Provincia, reunidos os Srs. Conselheiros da mesma Provincia, nomeados para servirem, durante o tempo da segunda Legislatura, e verificando-se o numero sufficiente para haver Sessão na forma da Constituição, Artigo setenta e oito e da Carta de Lei de vinte e sete de Agosto de mil oite centos e vinte e oito, nomeado de si por aclamação, para Presiden-

19 o Exm. ° e Reverendissimo Sr. Bispo Dom Francisco Ferreira de Azevedo, e para Secretario a Luiz Bartholomeu Marques, os quaes tomaraõ logo assento, e fazendo-se a chamada, acharaõ-se presentes nove Snrs. Conselheiros, a saber: o Sr. Bispo, o Sr. Luis Antonio da Silva e Souza, o Sr. Pedro Gomes Machado, o Sr. Joaõ Gomes Machado Corumbá, o Sr. Jeze Antonio da Silva e Souza, o Sr. Joaõ Joze do Couto Guimaraes, o Sr. Felipe Antonio Cardozo, o Sr. Joaquim Gomes de Siqueira, e Luis Bartholomeu Marques, faltando quatro para completar o numero de treze: asaber: o Sr. Joaquim Alvares de Oliveira, o Sr. Luis Gonzaga de Camargo Fleury, o Sr. Joze Rodrigues Jardim, e o Sr. Domingos Marques Lopes Fogaça. O Sr. Bispo Presidente declarou aberta a Sessão com os Snrs. Conselheiros e presentes e logo se receberam os Diplomas de cada hum dos mesmos Snrs. Conselheiros, e forã postos sobre a Meza. Passou-se a ler os Officios, que estavaõ sobre a mesma Meza, com sobrescripto dirigido ao Secretario do Conselho, e lendo-se em voz alta, e intelligivel, vio-se que hum era do Sr. Conselheiro ausente Fogaça, pedindo escusa de comparecer pela molestia de serdez, que padece. O Conselho, depois de ouvir as reflexões de alguns dos Snrs. Conselheiros, resolveo que ficasse reservada esta materia para se tratar della de pois da abertura. Vio-se que outro Officio era da Camara Municipal desta Cidade, remettendo a Acta Geral de todas as pessoas, que obtiverã votos para o Conselho da Provincia, e o Conselho ficou inteirado. Vio-se que outro Officio era do Secretario do Governo da Provincia, remetendo os Diplomas impressos, que pela Chancellaria Mor do Imperio tem sido enviados para o Conselho Geral, e o Conselho ficou igualmente inteirado. Passou-se a nomear por escrutinio a Commissão, que deve examinar a legalidade dos Diplomas dos Snrs. Conselheiros, e sahiraõ eleitos á pluralidade de votos, o Sr. Conego Silva e Souza com oito votos, o Sr. Felipe Antonio Cardozo, e o Sr. Pedro Gomes Machado, cada hum com quatro votos. Trouxe-se a nomear outra Commissão para examinar os poderes dos treze Snrs. Conselheiros, empregados na mencionada Commissão, e sahiraõ eleitos o Sr. Couto com oito votos, o Sr. Joze Antonio com sete, o Sr. Corumbá, e o Sr. Siqueira cada hum com seis votos e conhecendo-se que estavaõ empatados, resolveo-se que se decidisse o empate pela Sorte, e pondo-se em pratica os meios a propriados, sahio eleito pela Sorte o Sr. Conselheiro Siqueira. Immediatamente se passou a separar os Diplomas respectaõs á cada huã das Commissões, e se lhes fez entrega delles com a Acta Geral da Camara e retirando-se examinaraõ os diplomas. e voltaraõ com o seu Parecer, que foi lido pelos Relatores. que nomearaõ: á saber: o Sr. Cardozo por huã e o Sr. Joze Antonio por outra: o que concluido, perguntou o Sr. Presidente, se o Conselho appro-

vava, ou não, os Diplomas, e o Conselho uniformemente os approvou.

Depois disto fêz o Secretario a Lista dos Snrs. Conselheiros, cujos Diplomas forã approvados, para se dar della huã Cópia á cada huã dos Snrs. Conselheiros, na forma do Regimento, e a dita Lista foi publicada pelo mesmo Secretario; e não havendo mais á tratar nesta Sessão. o Sr. Bispo Presidente indicou o dia seguinte pelas nove horas da manhaã para a prestaçã do juramento na forma da Ley, e levantou a Sessão. Do que tudo para constar formei esta Acta para cumprimento do Artigo 11 da Carta de Ley de 27 de Agosto de 1828 Eu Luis Bartholomeu Marques, Secretario por aclamação do Conselho Geral, a escrevi, e assignei com o Sr. Presidente Francisco Bispo de Castoria, Prefado de Goias Luis Bartholomeu Marques.

Está conforme

Luis Bartholomeu Marques.

Segunda Sessão Preparatoria.

Goyas 30 de Novembro de 1829.

Reunidos com o Exm. ° Sr. Bispo Presidente os Snrs. Conselheiros se encaminharaõ todos á Cathedral para a Missa na forma do Artigo 12 do Regimento, e de pois de estar concluida a açã Religioza, o Sr. Bispo Presidente prestou o juramento determinado, e deferio á todos os Snrs. Conselheiros na forma dos Artigos 13 e 14. Concluido este acto, voltaraõ todos para a Sala das Sessões. onde pelo Secretario foi lida a Acta da Sessão antecedente. O Sr. Corumbá pediu a palavra e disse que ainda que elle não desaprovava a Acta, que acabava de se ler, com tudo era de parecer que, pela Ordem, a Acta da Sessão antecedente não devia ser lavrada no Livro antes de ser lida em rascunho, e approvada pelo Conselho, O Secretario pediu a palavra. e disse que o Artigo 11. ° do Regimento incumbe directamente ao Secretario a formaçã da Acta. e que o Artigo 15. que trata da sua leitura, e approvaçãõ não he digna que se apresente em rascunho, e sim no Livro, e quando se conhecesse que havia escapado a explicaçãõ de algumas circumstancias, de que dependesse a approvaçãõ, no mesmo Livro se podiaõ fazer as declarações convenientes para cumprimento do Artigo 29. O Sr. Corumbá insistio no seu parecer, recorrendo ao Exemplo da Camara dos Snrs. Deputados. O Sr. Cardozo pediu a palavra, e disse que não lhe parecia propria esta discussãõ antes da installaçãõ do Conselho; e como ninguem mais pedisse a palavra, o Sr. Bispo Presidente perguntou se se approvava a Acta e venceu-se que sim. A se decidio sobre a pratica que se deverã seguir de vir a Acta escrita no Livro, e em rascunho. Abriu-se, e leu-se hum Officio do Secretario ao Governo em resposta ao que lhe foi dirigido participando que o Exm. ° Sr. Presidente da Provincia ficava inteirado da verificaçãõ dos Diplomas, e da hora aprazada para o juramento, e

Conselho ficou também inteirado. O Sr. Bispo Presidente nomeou para a Deputação, que no dia seguinte deve receber ao Exm. Sr. Presidente da Provincia na entrada, e acopañallo na saída na forma do Artigo 15, nos Srs. Conselheiros Conego Silva e Souza, Guimarães, e Corumbá, e ficarão inteirados. O mesmo Sr. Bispo Presidente propoz mais, se ao Exm. Sr. Presidente da Provincia se devia fazer a participação por huã Deputação, ou se por Officio, de que o Conselho o esperava para assistir a sua installação no dia seguinte, e se de hum modo, ou de outro, se devi pedir á S. Ex. a declaração da hora, em que tivesse de vir, para o Conselho se achar prompto com a Deputação para o receber, e depois de discutida a proposta, venceu-se por 5 votos contra 3 que se participasse por Deputação, se perdisse a hora. O Sr. Bispo Presidente nomeou logo para esta Deputação aos Srs. Conselheiros Cardozo, Machado, e Siqueira; es quaes immediatamente seguirão, e voltando, deão parte pelo Sr. Cardozo, como Orador della, de que S. Ex. ficava inteirado, e agradecido ao Conselho por esta demonstração de polidéz. e de que no dia seguinte pelas dez horas da manhaã seria presente O Sr. Bispo Presidente indicou a Reunião da manhaã para as 9 horas e meia, e não havendo mais a tratar, levantou a Sessão, e assignou a Acta da antecedente Declara-se que no principio desta Sessão se distribuiu por cada hum dos Srs. Conselheiros huã Copia authentica das Actas dos mesmos, cujos Diplomas foram approvados. Eu Luiz Bartholomeu Marques, Secretario por a cctamação do Coselho Geral, a escrevi, e assignei com o Sr. Presidente. — Francisco Bispo de Castorja Prelado de Goyaz: — Luiz Bartholomeu Marques.

Está conforme Luiz Bartholomeu Marques.

He possuido do mais vivo prazer, que offereço, na Matutina, as Actas do nosso Conselho Geral; por ellas conhecerão os Goyanos, quanto nos he proveitoza esta inestimavel Instituição, ella he o mais seguro Baluarte da liberdade dos povos, e a mais firme Garantia do Systema constitucional.

O nosso Conselho Geral muito trabalho a p. l. a Provincia, e não esperei, que em sua primeira Reunião discutisse, e apresentasse tantas, e tao uteis Propostas, e Representações, ficando muito trabalho ja adiantado para a futura Sessão: embora aaja quem note o Conselho, por ter mandado huã Deputação ao Exm. Sr. Presidente da Provincia pedindo-lhe a hora, que, em cumprimento do Art. 80 da Constituição, devia assistir ao Solemne Acto da sua Installação: embora repita as palavras, que, se conta, dissera então o Sr. Conselheiro Corumbá, Sr. Presidente, esta infamia estava reservada para o Conselho de Goyaz., Eu penso de huã maneira bem diferente, persuadido do Patriotismo, e inteirados Srs. Conselheiros,

que obrarão de boa fé, e que nada de considerações humiliañtes, tem parte nesta Resolução; ainda quando he muito certo, que as coisas com o tempo, he que se aperfeioão, e por tanto devemos congratularmo-nos reciprocamente, e agradecer de coração ao Magnanim. Monarcha, que nos Offereço o Magrado Colligo das venturas do Brasil.

Do Redactor.

CORRESPONDENCIA

Senhor Redactor da Matutina.

Atrahido da noticia de projectar o Exm. Sr. Presidente da Prouincia fazer huma Solemmissima Acção de Graças, pela Faustissima noticia, que trouxe o Correio, de estar livre de todo o perigo Sua Magestade o IMPERADOR por cauza do deastroso a contecimento de 7 de Dezembro proximo passado, deixei a solidão, em que vivo, e compareci na Cidade de Goyas, para ter parte no regozijo publico, e poder communicar a V... o que prezenciei, no dia 7 de Fevereiro do corrente anno, que não deve ser occulto ao Publico, em abõno da Gratidão Goyana.

Entrei com effeito, e tomei bom logar na Cathedral, e admirei logo o apparato festivo com que estava adereçada, paraentados ricamente os Altares, a Capella Mór, e o Throno providos liberalmente de immensas luzes; na maior escassez de cera, que se tem visto neste País.

Sendo dez horas da manhaã, estando ja postada a porta da Cathedral a Tropa de Primeira Linha para as descargas do costume, entrou em grande Galla o Exm. Sr. Presidente com hum numero Cortejo, em que estava o Exm. Sr. Marchal de Campo Governador das Armas, com o seo Estado Major, e officialidade. Os Mageistrados, Empregados Publicos, e todos as Corporações convidadas por Cartas, assim como muitas Senhoras, que se tinham reunido a Familia do Exm. Sr. Presidente, alem de numeroso povo, que espontaneamente con correo. Entrou de pois disto Processionalmente o Exm. Sr. Prelado com es Cônegos, e Presbyteros Assistentes, e todo o Clero da Capital, e se principiou o Solemne Pontifical com Musica nova; durando esta Acção Religiosa mais de duas horas, e meia, e sendo tomado assento no Solio, de pois de concluido o Pontifical, o Exm. Sr. Prelado, recebeu o Cortejo Luiz Antonio da Silva e Sousa a Oração Gratulatoria, servindo-se para o Thema do logar do 2. Liv. dos Machab. Cap. 1. = *De magnis periculis a Deo liberati, magnificè gratias agimus Ipsi.* Entoou-se o Hymno *Te Deum*, que foi executado por excellente Musica, e nesta occasião admirei como em tao pouco tempo, onde não ha Criejro se aprontarão Brandõens de cera branca, que sobrarão, sendo tantos os convidados e Assistentes; acabado este Acto, que tanto foi devoto, como brilhante, seguiu todo o Cortejo ao qual se tinha reunido o Exm. Pre-

lado, para a Salla do Docel, onde estava o Augusto Retrato de Sua Magestade o IMPERADOR, ao Qual se dirigirão todos as de mostraçoes de amor e respeito devidos ao seo verdadeiro Original.

O Exm.º Presidente, que dirigio toda a solemnidade deste dia, fes quanto foi possível, para que ella correspondesse ao seo Grande Motivo, e com a magnificencia, que he propria do seo genio franco apresentou as 4 horas da tarde hum magnifico, e delicado jantar a todas as pessoas de Representação, que torão convidadas, e se fes a Saude de S.S. M.M. II. com o annuncio de fogos de artificio, a que todos corresponderão de pé, e com o maior enthusiasmo: e terminando com a noite o jantar, continuou o prazer intremeando-se as danças, e Musica com magnificos, refrescos sendo para se observar a alegria com que rotapéo o Rajá e o Exm.º Governador das Armas, o Exm.º Presidente, sua virtuosa Consorte, filha, e mais Senhores; houverão valças, Rils, Modas brasileira, e assim se passou a gradelemente até de pois da meia noite. Senhor Redactor, neste dia, Govas foi hum arremêdo da Côte. Insira V... na sua desejada Folha esta noticia, que fas obzêquo ao

Solitario de R. F.

Ser. Redactor da Matutina.

Sou amigo de couzas boas, e gosto de que os mais participem dellas: remetto pois á V. essa historieta, que li em hum Periodico de 1815, e se lhe agradar, insira na Sua Folha.

O Calife Aarab-Raschid, hum dos maiores Principes, que tem tido o Oriente, foi amigo das letras, das sciencias, e das artes. Elle as protegeo, e animou a todos os Escriptores, que propagavaõ conhecimentos uteis. Seu Graó-Visir, que tinha suas razoes para não pensar como o Monarcha, lhe perguntou hum dia com huma especie de humor, que vantagem elle pretendia tirar das luzes do povo? o Principe mostrou-se em principio, hum pouco surprehendido da questão de seu Ministro: este insistio, e eis aqui o dialogo, que se estabeleceo entre amos.

Visir. Sim, eu o repito: que utilidade vem de illustrar ao Povo?

Calife. Quanto mais illustrado for, melhor se conduzirá.

Visir. E obedecerá melhor?

Calife. Sim; porque as luzes demonstrando-lhe a importancia das Leis, lhe farão sentir mais a necessidade de lhas obedecer.

Visir. Porem pagará elle melhor, os impostos?

Calife. Sim, porque julgará por si mesmo que he indispensavel fornecer ao Principe os meios de segurar o seo repozo, e as suas propriedades.

Visir. Mas Escriptores audazes não se intrometerão nos segredos do nosso governo?

Calife. Eu governaré de maneira que elles não

tenham, se não á dizer bem.

Visir. Porem não irão elles até o ponto de vos attribuir injustiças.

Calife. Tanto melhor, se elles me advertirem das que eu tiver praticado, e me indicarem os meios de as reparar.

Visir. Mas esta liberdade de publicar o pensamento não expoê á publicar muitos erros?

Calife. E tambem muitas verdades, que não chegariaõ á mim, sem esta liberdade.

Visir. Mas de pois que V. Alteza Concedeo esta liberdade, Escriptores temerarios tem ousado emittir maximas, que fazem o maior mal aos vossos Ministros, e embaraçãõ a sua marcha. os expoê a censura, e algumas vezes mesmõ ao rizo publico.

Calife. Eu vós entendo...; o que vós me dizeis me fas facilmente advinhar oque não dizeis. Ide em paz: temei a Deos; fazei o bem; enchei exactamente os vossos deveres, e não tereis que temer censuras nem satyras.

Sou Senhor Redactor,

C Amigo de Couzas boas.

Senhor Redactor.

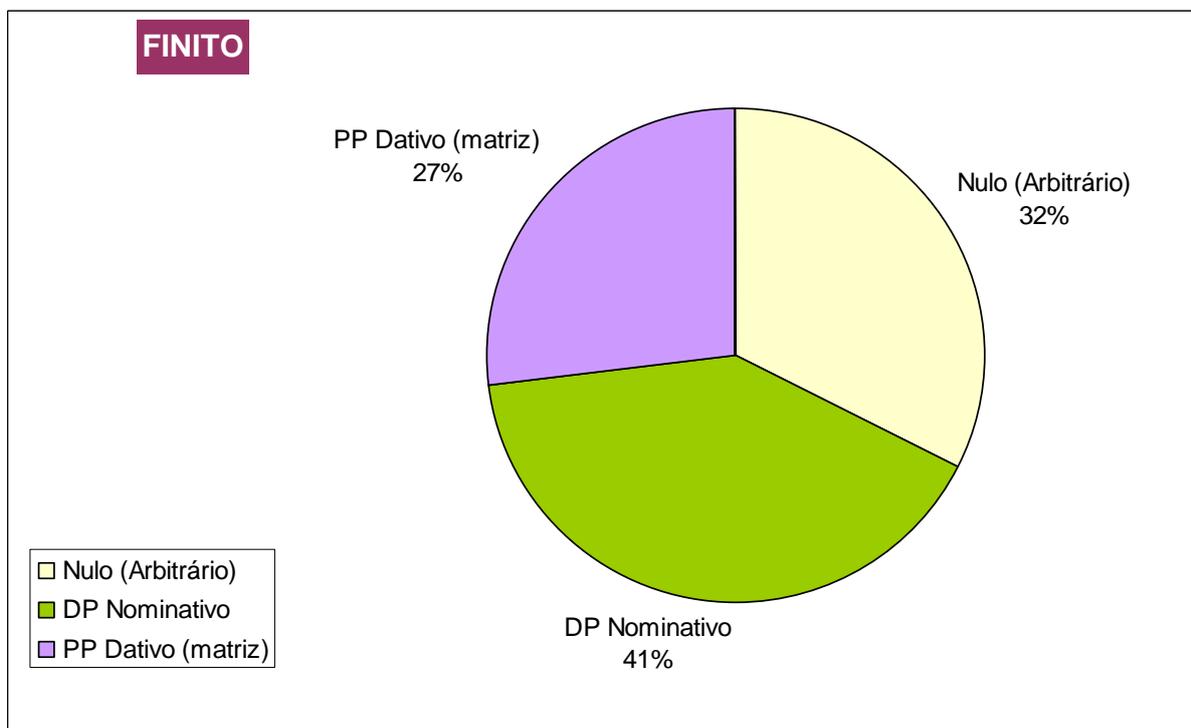
Quando ja recollimos os preciosos fructos da liberal instituiçãõ dos Juizes de Paz nesta Provincia, evitando-se custas, e trapassas, chego ás minhas mãos hum processo de Justificação de premissas para hum Dispensa de impedimento de Matrimonio, feita pelo Juiz de Paz da Capella do Patrocinio, Provincia de Minas Geraes, e Bispado de Goraz, para que foi citado o Procurador da quelle Juizo, tiradas Testemunhas com assentada, e assignaturas, e Sentenciada por hum Termo, de que resulteu ao miseravel Justificante a despeza de seis mil, duzentos e cincoenta reis, sem fallar no Trespado da mesma Justificação, que se mandou ficar no Cartorio, não sei para que... Porque não vejo na Lei dos Juizes de Paz esta attribuição, que neste caso era do Juizo Ecclesiastico, não se podendo precindir della, como aqui he de costume, fazendo-se unicamente Justificações verbacs, e nada de endiosas, reço a V. queira fazer publico e de procedimento para que outros não caiaõ em semelhante laço, no que faz favor ao

S. de R.F.

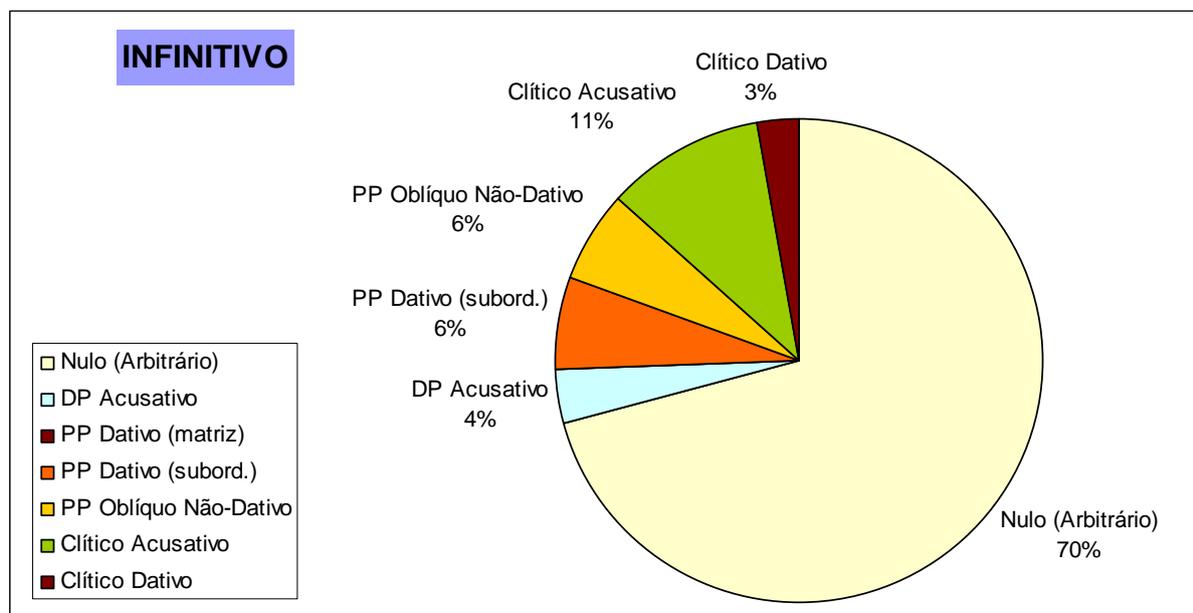
Maximas.

Hum inimigo Sabio vale mais que hum amigo extravagante. Tres qualidades de pessoas nada lucraõ conversando com outras tres qualidades de pessoas: o plebão com o fidalgo, o homem de bem com o marôto, o sabio com o louco

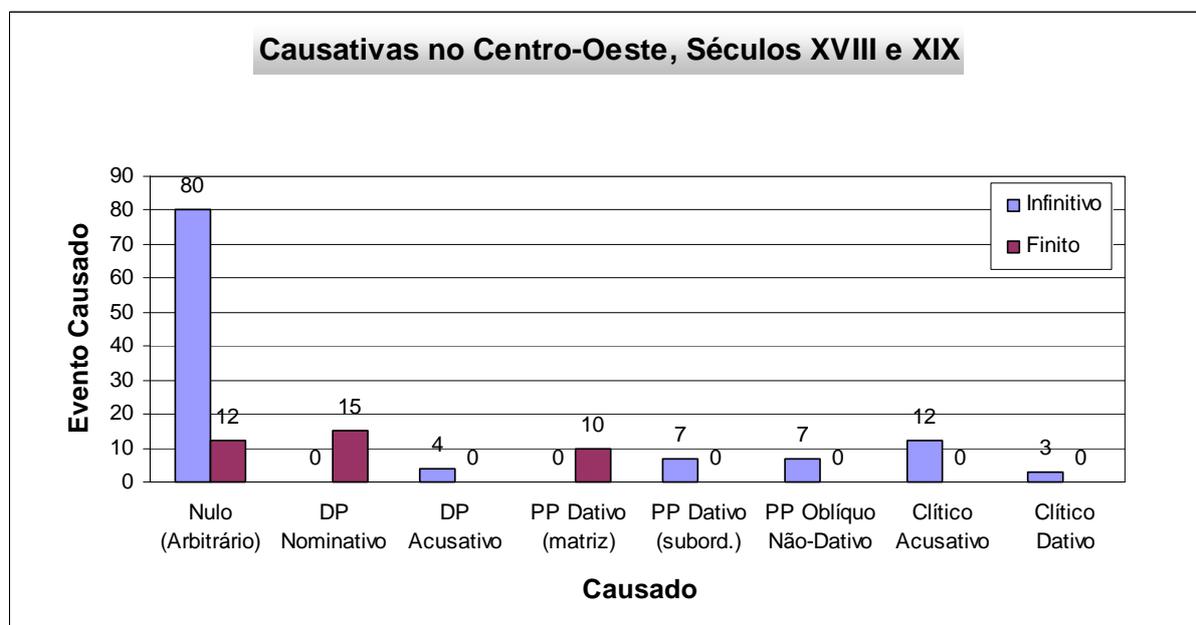
Distribuição no *corpus* dos dados com complemento finito em função da realização do causado:



Distribuição no *corpus* dos dados com complemento infinitivo em função da realização do causado:

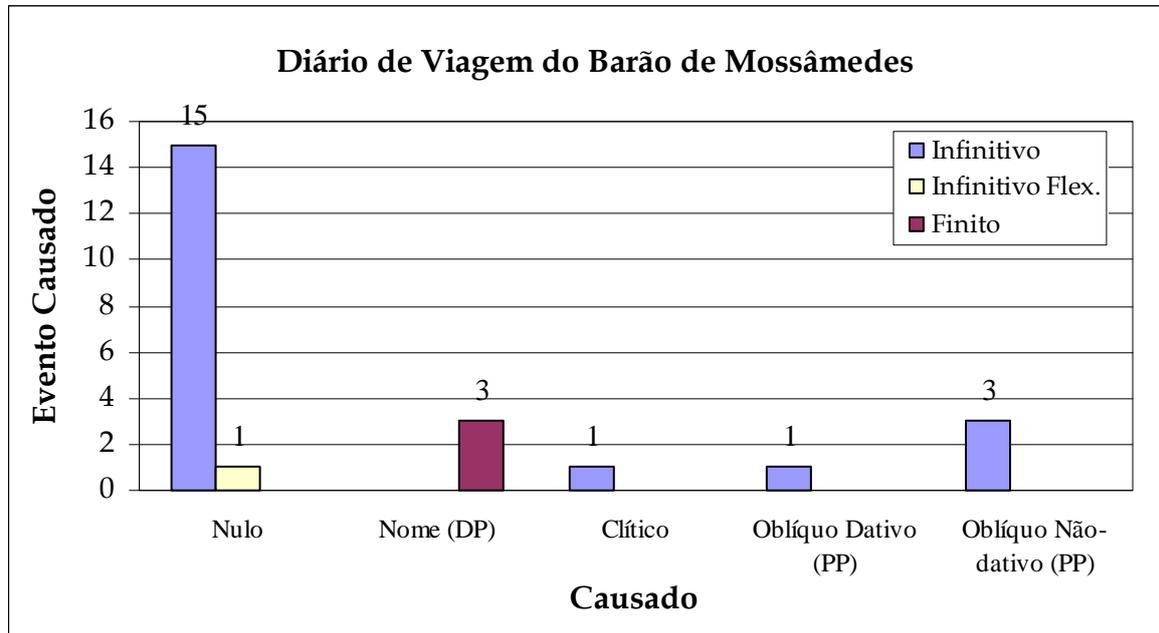


Distribuição no *corpus* dos dados com complemento finito e infinitivo em função da realização do causado:



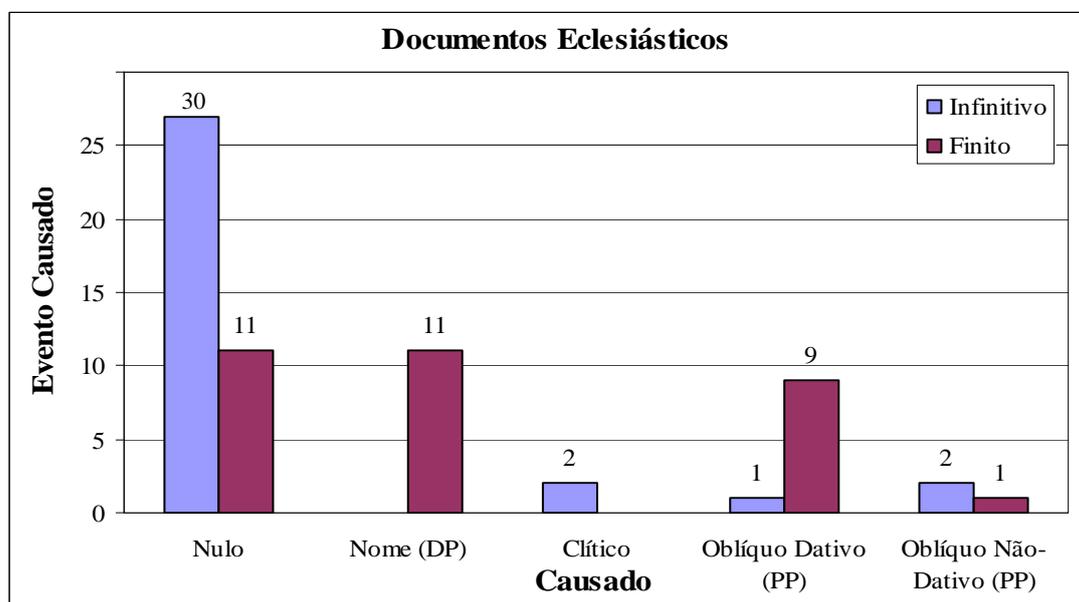
Dados quantitativos do *corpus* Diário de Viagem do Barão de Mossâmedes - Século XVIII:

Causado	Evento Causado			Total
	Infinitivo	Infinitivo Flex.	Finito	
Nulo (Arbitrário)	15	1	-	16
(DP) Nome	-	-	3	3
Clítico Acusativo	1	-	-	1
(PP) Oblíquo Dativo	1	-	-	1
(PP) Oblíquo Não-Dativo	3	-	-	3
Total	20	1	3	24



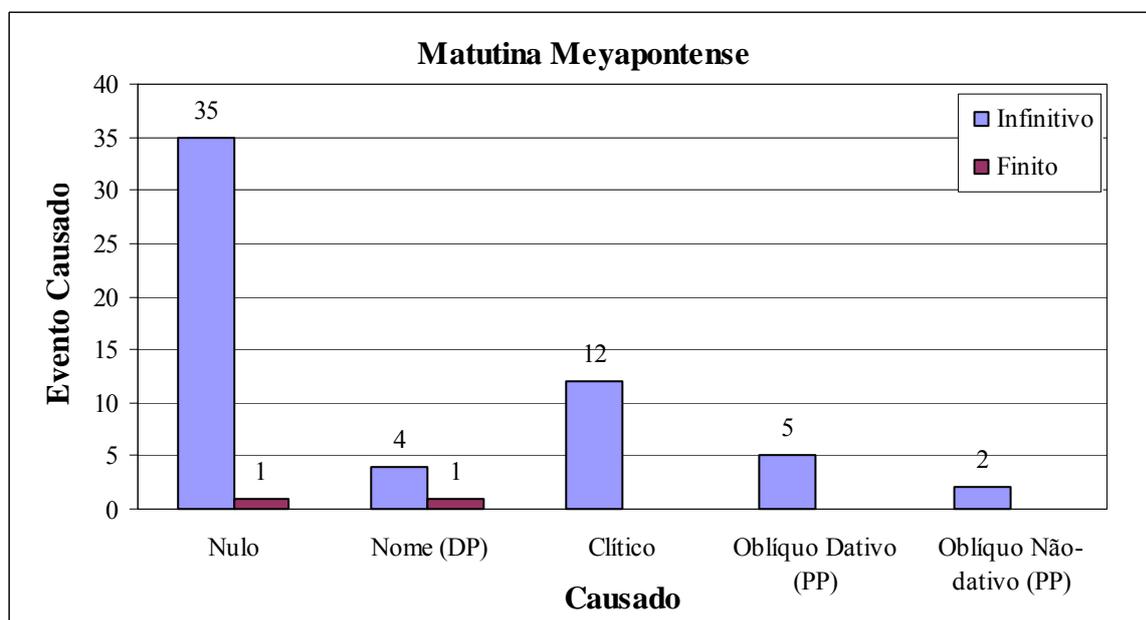
Dados quantitativos do *corpus* Documentos Eclesiásticos - Século XVIII:

Causado	Evento Causado		Total
	Infinitivo	Finito	
Nulo (Interpretação arbitrária)	30	11	41
(DP) Nome	-	11	11
Clítico Acusativo	2	-	2
(PP) Oblíquo Dativo	1	9	10
(PP) Oblíquo Não-Dativo	2	1	3
Total	35	32	67



Dados quantitativos do *corpus* Matutina Meyapontense - Século XIX:

Causado	Evento Causado		Total
	Infinitivo	Finito	
Nulo	35	1	36
(DP) Nome	4	1	5
Clítico Acusativo / Dativo	12	-	12
(PP) Oblíquo Dativo	5	-	5
(PP) Oblíquo Não-dativo	2	-	2
Total	58	2	60



Trilha Sonora: Chico Buarque; Elis Regina; Frank Zappa; Janis Joplin; Raul Seixas; Alice in Chains; Compay Segundo, Omara Portondo (Buena Vista Social Club); Ozzy Osbourne (Black Sabbath); Jimmy Page, Robert Plant (Led Zeppelin); Renato Russo (Legião Urbana); James Hetfield (Metallica); Kurt Cobain, Krist Novoselič (Nirvana); Amanda Palmer (The Dresden Dolls); Anthony Kiedis (RHCP); Eddie Vedder, Jeff Ament, Stone Gossard, Mike McCready (Pearl Jam); David Gilmore, Roger Waters (Pink Floyd); Freddie Mercury (Queen); George Harrison, John Lennon, Ringo Starr, Paul McCartney (The Beatles), Nina Person (The Cardigans); Jim Morrison (The Doors); Johnny Ramone (The Ramones).